NUMERO DE NATAL

PREÇO 2$000

O conto brasileiro

Almas Verdes

Por DULCE AMARA

"BOUDOIR" de mulher moça. Paredes esmaltadas de verde-pallido. O leito estylo antigo, levantado sobre uma tarima, está coberto por uma colcha de seda "negro y plata". Pela larga e arqueada porta á direita, se vê o quarto de vestir. Lacas. Cretones inglezes. Sobre o crystal do "toilette" perfumes inglezes e francezes, um perfumador chinez, um leque de tartaruga e pluma, a caricatura de Adolpho Menjou em moldura de esmalte. O espelho está manchado de pó de arroz. "Mauve-ocre". Requintes de elegancia.

O sol fugindo de alguma fresta beija, ao viez o canapé "Récamier", onde repousa Gloria em "lingerie" de renda e georgette cor de rosa. Um ventinho fresco vindo do mar escancara a janella entreaberta. O sol se alarga e se prolonga até o espelho. Ismenia entra. Está vestida de linho azul, sapatos sem salto, os cabellos em trança.

— Fecha a janella, Gloria. Não vês que "faz ar"? Cega a gente...

— Ah! Não sabia...

— Arre! Aqui não se sabe nada. Lá na roça...

— E's uma criança grande, Ismenia. Acho mesmo um pouco de exagero em tudo isso.

— Não tenho culpa. O habito é uma segunda natureza. Habituei-me assim...

— Quem diria que somos irmãs! Laços de sangue, leis de hereditariedade... Papae, filho de um negociante commodista e de uma romantica, é o mais materialista dos aventureiros. Não pára em nenhum lugar. Móra nos vagons de estrada de ferro e nas cabines dos transatlanticos. Felizmente elle é rico...

— E'... Essa riqueza, porem, não impediu que fossemos criadas e educadas longe uma da outra, sem lar, sem familia quasi... Com gente estranha... Eu tinha dois annos quando mamãe morreu. Madrinha gosta muito de mim. Perdôa-me, Gloria, mas já estou com saudade della... Nem imaginas a minha vontade de fugir daqui. Que férias compridas! Deixa-me ir. Olha bem para mim. Sou uma caipirinha... Dezoito annos vividos numa fazenda! Uma existencia! Preciso de céo, de espaço, para viver! Aqui morreria de tedio.

— Ora vejam só! E lá? Divertes-te?

— Tenho os dias cheios. Dirijo a casa... Tenho um tanque muito grande, uma porção de patos... Brancos, Gloria! Inteiramente brancos! trabalho num jardinzinho plantado de copos de leite, brincos de princeza, suspiros e saudades... Tenho uma casa de pombos, um pomar... Eu só qu-

O COMMENTARIO

A Companhia Telephonica Brasileira vae inaugurar, no proximo dia 24, sua primeira estação de telephones automaticos.

Com o novo systema soffrerá o serviço algumas alterações indispensaveis, como a mudança de todos os numeros dos telephones na rêde do Districto Federal, providencia essa determinada por motivos de ordem technica, que o publico deverá acatar.

Para evitar, tanto quanto possivel, os infalliveis "protestos" de alguns assignantes, a Companhia, segundo communicação que vem fazendo, explica, claramente, em annuncios publicados em todos os jornaes, a conveniencia das medidas que determinaram essas alterações, ao mesmo tempo que ensina o modo de manejar os apparelhos.

O publico, assim prevenido, e, especialmente, os srs. assignantes neurasthenicos, em vez de "estrilar", emquanto se habituam ao moderno processo de communicações telephonicas, deverão, nos casos de duvida, solicitar informações á Companhia, que lh'as prestará com a maior solicitude.

ria te ver lá! Oh, Gloria! Até enxertos eu faço! nas videiras, nas laranjeiras, nos limoeiros... Luciano, o filho da madrinha, já disse: "Ismenia é ideal! Tem todos os meus gostos. A natureza, a liberdade." Aos domingos eu e Luciano passeiamos horas e horas a cavallo por aquellas estradas. Toda a gente diz: "Parecem dois rapazes."

Luciano é alto, moreno, de olhos azues. Amo-o, amo-o!

Eu sou feia e, no emtanto, elle diz: "Ismenia é ideal." Ouves Gloria? Quero ir-me embora.

— Não compartilho do teu enthusiasmo por essa vida selvagem, Ismenia. Eu tambem tenho os dias cheios. Levanto cêdo. Pratico um pouco de sport: tennis, golf, natação... Depois as aulas de canto, litteratura, philosophia, declamação... Instruo-me. A' tarde, guiando o meu automovel, percorro esses lugares que toda a "elite" frequenta: casas de chá, exposições artisticas, concertos musicaes, festas de beneficiencia... Divirto-me.

ALMAS VERDES

(CONCLUSÃO)

— Queres dizer: rejeitas o meu convite.

— Escuta, Ismenia. Precisas de céo, de espaço? Eu não posso viver sem os meus banhos perfumados, "mis exquisitas batas de encaje", os meus amados autores vestidos de marroquim, os meus prazeres educados... Não pódes esquecer Luciano? Eu tambem amo. Elle chama-se Mauricio. Chama-me "Muguette" e gosta dos meus olhos... Faz musica e declama por dilettantismo... Hontem, elle disse, baixinho, só para mim, aquelle pedacinho maravilhoso de Luiz Aragon: "Jeunesse! Et je n'ai pas baisé toutes les bouches?"

A vida deve ser vivida assim! Dentro da belleza intelligente.

— Artificialmente.

— Que idéas retardadas, filha! Não te illudas. Faze como eu. Co... ta esses cabellos manhosos, põe u... pouco da tua personalidade nes... trapos mal cortados. E's r... Tens uma alma quasi perfeit... Trata agora de corrigir a singu... e desairosa expressão do teu olha... que parece não comprehender... malicia dos meus olhos...

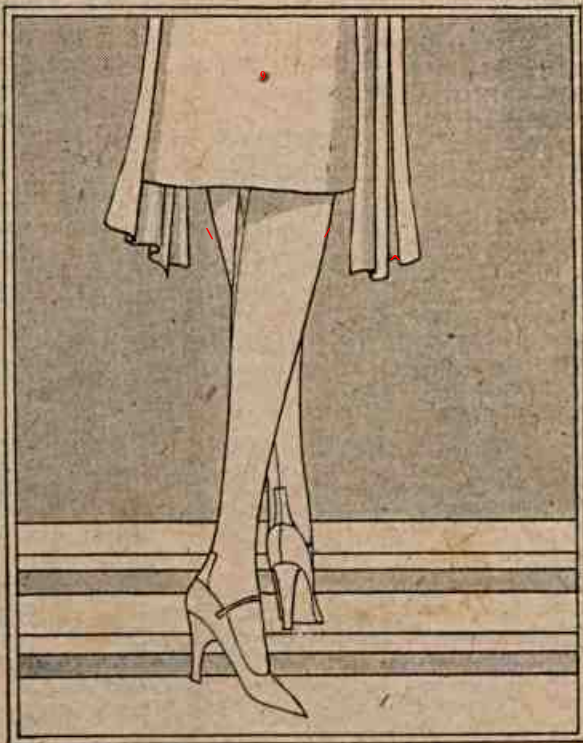
— Ai Gloria! Comprehend... muito bem... Como papae e... nos separando tão cedo!

— Lastimas-te?

— Eu? Não. Embora não creia... eu sou feliz na mediocridade qu... desprezas. A felicidade está co... migo.

— Isso me consola, Ismeni... Somos felizes. Ao menos quiz... destino que continuassemos ir... mãs. Irmãs. Felicidade...

* * *

Menjou sorri sempre na... moldura de esmalte. O vento e... subtilmente as plumas do leque... desperta o perfume ardente... algum frasco mal fechado. [illegible]ração...

ALEGRIA . . .
FELICIDADE

Agora . . . e sempre

A nova combinação Radio-Electrola-Victor põe ao seu alcance immediato toda a alegria e felicidade que a musica offerece. Dentro de seu proprio lar, já seja musica apanhada do ar ou musica gravada em discos, este famoso instrumento *duplica*, com exactidão assombrosa, a execução de seus artistas predilectos.

A nova combinação Radio-Electrola-Victor representa um novo passo dado no aperfeiçoamento da reproducção do som. Somente a Victor podia produzir este *realismo absoluto.*

Os moveis dos instrumentos Victor, por sua belleza indescriptivel, mereceram os mais francos elogios dos peritos na materia. Visite *hoje* mesmo qualquer commerciante Victor de sua localidade e peçao que lhe faça uma demonstração do magnifico instrumento que a Victor acaba de lançar no mercado.

A nova combinação Radio-Electrola-Victor RE-45 reproduz electricamente a musica apanhada do ar e a gravada em discos. Amparada pela insuperavel qualidade Victor. Preço

O Novo

Radio-Victor

MICRO-SYNCHRONICO

com ELECTROLA

PROTEJA-SE

Somente a Victor fabrica o Radio Victor, a combinação Radio-Electrola-Victor e as Victrolas.

Não é legitimo sem esta marca. Procure-a!

VICTOR TALKING MACHINE DIVISION—RADIO-VICTOR CORPORATION OF AMERICA, CAMDEN, NEW JERSEY, E. U. da A.

Distribuidores Geraes: PAUL J. CHRISTOPH COMPANY — Ouvidor, 98 — Rio de Janeiro — S. Bento, 35 S. Paulo. — O material VICTOR tambem se acha á venda nas seguintes casas: Dorfman & Irmão, rua do Cattete, 79 e 253; The Dental Mafg. Co. of Brasil, rua Ouvidor, 127; Vasco Ortigão & C., Largo de São Francisco; F. A. Pereira, rua Ouvidor, 179; Mestre & Blatgé, rua Passeio 48; L. Ruffier, rua Ouvidor, 121; Roberto Donati & C., rua do Ouvidor, 153; Nascimento Silva & C., rua Sete de Setembro, 238; J. de Sá Oliveira, rua Carioca, 48; Waddington Barbosa & C., rua Gonçalves Dias, 40; Sampaio Araujo & C., Av. Rio Branco, 122; Stephen Schaefer & C., Galeria Cruzeiro; Viuva Julio Bohm & C., rua Assembléa, 71; Compassi Camin, rua Assembléa, 79; Adelardo Salgado & C., rua S. Christovam, 211; Casa Mercedes Ltda., rua Sachet, 19; S. Carvalho & C., Av. Rio Branco, esquina Ouvidor; Harvey Villela, rua 13 de Maio, 64; J. F. Mello & C., rua Marechal Floriano, 229; Carlos Wehrs & C., rua da Carioca, 47; Lino José Barbosa, Avenida Rio Branco, 159.

A LOTERIA DE NATAL

FERNANDO, Martha e seus cinco filhos almoçavam com bom apetite. Apetite que continuaria sendo bom quando se levantassem da mesa, pois, com os quinhentos mil réis que o marido ganhava, a mulher não podia fazer milagres, como dizia ella.

— Hoje receberás? — perguntou Martha.

— Si, como todos os annos, nos pagam sempre na vespera de Natal... Para que possamos divertir-nos no grande dia, diz o chefe. Como si me restasse um tostão para gastar em festas! — respondeu Fernando, tristemente.

E, depois de uma pausa, ajuntou:

— Que vida, a minha!

— Oh, Fernando, não te queixes! Temos cinco filhos que são cinco anjos!

Ia continuar animando-o com o optimismo de sua alma de mulher valente e bôa, um optimismo em que havia muito de resignação. Mas elle cortou-lhe a palavra com uma phrase amarga:

— Sim. Cinco anjos com os sapatos furados e uma santa para quem não compro um vestido desde não sei quando.

— Bem sabes que os trapos não me tiram o somno. — exclamou ella.

E sorriu-lhe docemente.

Elle apoiou a fronte nas mãos e pensou em sua pobreza. Pobreza que não sentia por elle, mas por ella e pelos filhos.

Todos se calaram.

Fernando rompeu o silencio. Falava seguindo o fio de seus pensamentos:

— Eu não pretendo ser feliz toda a vida. Já sei que ninguem o é. Mas queria um dia, um só dia de felicidade completa. Um dia em que esquecer todas as penas passadas e não pensar nas que virão.

Do pateo da casa vizinha chegaram a voz de um menino que dava ordens militares e os sons de um tambor e de uma corneta.

Os filhos de Fernando e Martha se levantaram da mesa como movidos por uma mola. Um olhar da mãe os immobilizou.

— Aonde vão agora?

— Ver como brincam os filhos do senhor Mendes — disse o maior.

E acrescentou, depois de um minuto:

— Os paes lhes compraram trajes de soldados.

— E para Tito um tambor grande — disse outro.

— Deixa-os que vão, Martha.

Quando os meninos tinham sahido, Fernando ajuntou:

— E' o destino de meus pobres filhos. Como o pae, elles só têm, na vida, o logar dos que olham de longe a felicidade alheia.

Martha calou-se um momento angustiada pela tristeza delle, mas seu natural optimismo falou outra vez:

— Quem te disse que esta noite não seremos ricos? Póde ser que saia premiado o bilhete que compraram em teu escriptorio. Quanto nos tocaria?

— Cem contos. Mas quem sou eu para tirar a sorte grande?

— Tens tua parte do bilhete?

— Não. O chefe depositou-o na caixa. Tenho o numero aqui, tomado nota.

E, tirando um papel do bolso, leu: 128.368.

— E' um bello numero. Tem duas vezes oito, e foi 8 de maio o dia em que te conheci. Tenho presentimentos de que vae sahir premiado.

Elle sorriu á recordação do dia em que se conheceram, e, dando um beijo na esposa, sahiu.

•

AO sahir de seu emprego, com os quinhentos mil réis de seu ordenado no bolso, Fernando comprou um jornal da tarde e olhou a extracção da loteria. Por pouco não cahiu. No alto da pagina, estava escripto em grossos caracteres: 128.368, com *dois mil contos*.

Fernando, como todo o homem acostumado á adversidade, desconfiava da bôa sorte. Entrou em um café, pediu qualquer cousa, e, tirando o papel onde tinha annotado o numero de seu bilhete, o confrontou, cifra a cifra, com o que apparecia no jornal. Eram iguaes, mas elle não se podia convencer. Chamou o *garçon* e, com mão tremula, lhe extendeu o jornal e lhe pediu cotejasse as cifras. E ficou esperando o resultado como um réo que fosse ouvir sua sentença de morte ou a absolvição.

— As cifras coincidem. O senhor tem este numero?

— Sim, uma participação de cem contos.

— Mil felicitações, senhor!

Fernando deu uma gorgeta de *nouveau-riche* e correu para sua casa como um louco. Mas, no melhor da carreira, parou, desalentado. Uma idéa negra cruzou-lhe pela mente. E si o jornal estivesse enganado?... Um erro de revisão?...

Era preciso certificar-se, ter a certeza.

Dirigiu-se a uma agencia loterica. A extracção não havia chegado ainda. Mas um grupo de curiosos fazia commentarios deante da vitrina, na qual um grande cartaz annunciava: "Com dois mil contos o numero 128.368."

Agora não podia haver mais duvida! Era rico.

Ao passar deante de um espelho, se surprehendeu: havia rejuvenescido. As rugas que a miseria e os desgostos lhe haviam marcado na cara, eram, agora,

sorrisos, doces sorrisos optimistas e bons. Dir-se-ia que toda a acritude de sua alma, que antes se lhe reflectia no rosto, tivesse desapparecido. Essa observação o fez recordar-se dos filhos. Depois pensou em sua mulher. Era necessario fazer-lhes uma surpreza. Mas só depois do Natal poderia receber seus cem contos. Cem contos! Como lhe soavam bem essas palavras! Mas tinha os quinhentos mil réis do ordenado, e por agora lhe chegavam.

Tomou um automovel e se poz a fazer compras, compras de cousas desnecessarias para viver, mas indispensaveis para a felicidade. Presentes para Martha, brinquedos, um mundo de brinquedos para os meninos. Um pavão, um trem, um automovel, um sino, etc. De tudo.

*

QUANDO os meninos adormeceram, rodeados de brinquedos e fartos de guloseimas, marido e mulher se puzeram a fazer planos para o futuro.

— Eu acho que o melhor é que deixe o emprego e vá trabalhar por conta propria — dizia Fernando.

— Trabalhar em que? — perguntou a esposa.

— Em qualquer cousa segura... Não sei ainda.

— Todos os negocios são arriscados. O melhor é construir uma casa, comprar titulos com o resto do dinheiro, e continuar no emprego.

— Não. Eu quero aproveitar, já que a fortuna me extendeu a mão... E' preciso ser ambicioso.

— Não, Fernando. Não é preciso ser ambicioso. "Quem muito quer, muito perde..."

— Emfim, veremos.

— Sim, veremos. O que é preciso é não se precipitar.

Ficaram longo tempo em silencio, forjando, em seu cerebro, planos para o futuro.

Martha falou:

— E Guilherme tirou tambem cem contos?

— Sim. Tem uma participação igual á minha.

— Não que pensa fazer elle?

— Não. Mas me suggeriu uma idéa. Amanhã irei visital-o, e elle, que tem experiencia em questão de negocios, me aconselhará.

Foram deitar-se muito tarde. A felicidade lhes tirara o somno. Antes de dormir, Martha disse:

— Lembras-te, Fernando, que sempre te rias de minhas orações?

— E' verdade. Mas não me rirei mais, pois Deus foi bondoso para comnosco.

— Muito bem, pois eu sempre lhe pedia que te désse esse dia de felicidade por que sempre ansiavas, e Elle nos fez felizes para sempre.

E, com a alma cheia de paz, adormeceram.

*

NO dia seguinte, dia de Natal, Fernando foi conferenciar com seu collega de escriptorio e fortuna, Guilherme. Encontrou-o na porta da rua, preparado para sahir.

— Aonde vaes, homem, num dia como o de hoje?

E Fernando, ao dizer isso, lhe piscava um olho.

— A's corridas. Vamos?

— Como?! Então pensas em perder teu dinheiro em corridas? E eu te vinha pedir um conselho.

— Um conselho? Sobre que?

— Não te faças de tolo. Sobre o que devo fazer com os cem contos.

— Que cem contos?

— Ah, então me vaes pagar a noticia!... Nosso bilhete sahiu premiado com dois mil contos!

— Olha, Fernando, que hoje não é dia de innocentes. Não posso mais demorar, porque já estou atrazado.

Fernando gozava com a alegria que ia dar áquelle

DE CONRADO NALÉ ROXLO

pobre Guilherme, que nem procurára saber o resultado da loteria. Poz-lhe as mãos nos hombros e, sempre sorrindo, lhe disse:

— O 128.368 sahiu premiado com dois mil contos!

— Já o sei — respondeu o outro, folheando um numero do *Fon-Fon* que tinha á mão.

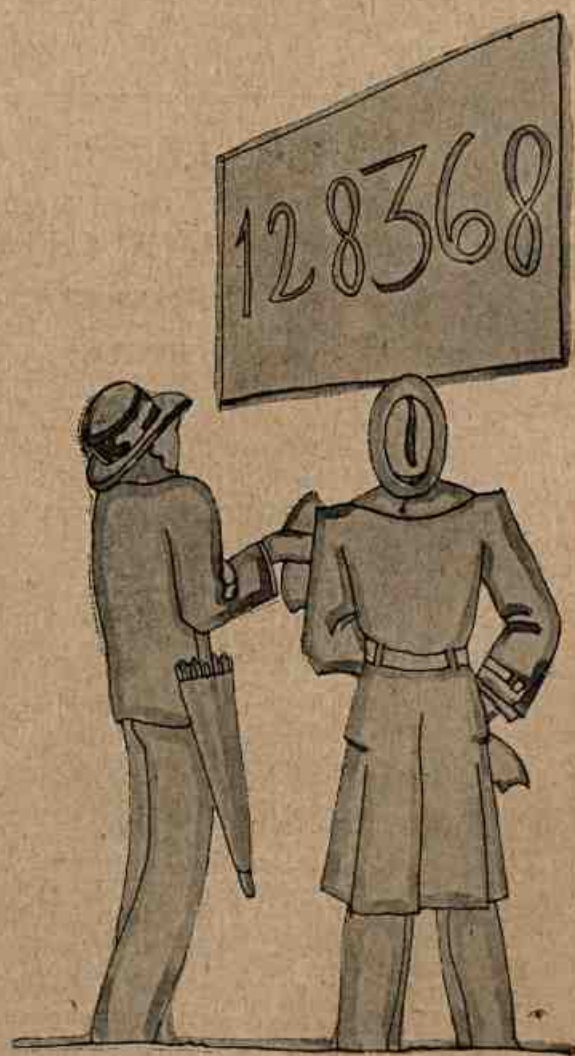
— Mas, Guilherme, é o nosso numero! Não verificaste?

— Parece que enlouqueceste de repente. Nosso numero, que leve o diabo, é 182.683.

— E esta annotação? — Perguntou Fernando, pallido como um morto, mostrando-lhe seu papelzinho.

— Está errada.

— Fernando sentiu que o mundo se abria sob seus pés, e que um enxame de numeros com azas de morcego zumbia em torno de sua cabeça, que se quebraria ao cahir si Guilherme não a amparasse com os braços...

(*Illustrações de Marcelo Roberto*).

O que nem todos sabem

Um pedaço de camphora exposto ao relento é o barometro mais economico e mais seguro. Suas previsões, quasi infalliveis, são annunciadas do seguinte modo: quando elle permanece secco, é signal de bom tempo, e máu, quando amanhece humido.

*

O Japão civilizado de hoje vem dando uma grande importancia ao ensino da mulher. Além de numerosas escolas para meninas e moças, ha, naquelle paiz, o que se chama *Nippon Yoshi Dai Gakko*, ou, no nosso idioma: a Grande Escola para Mulheres Japonezas, especie de universidade feminina creada ha alguns annos, e onde as jovens aprendem, além de historia, litteratura, sciencias, etc., tudo quanto deve saber uma mulher em sua casa: cozinhar, fazer vestidos, cuidar do arranjo e da limpeza do lar, etc. E tudo isso á maneira japoneza e á européa.

A mão direita, que é mais sensivel ao tacto do que a esquerda, não o é, entretanto, como esta ultima, para os effeitos do calor e do frio.

*

Sandino, celebre erudito florentino do seculo XV, falleceu em 1504, na edade de oitenta annos, sendo enterrado em um palacio, que lhe foi dado por um sabio commentador de Dante, em Florença. Seu corpo não foi corrompido pelo tempo, e ainda é exhibido como o melhor cadaver conservado na Europa. Uma inscripção de oito versos italianos recorda a vida, as obras de Sandino e o phenomeno de seu corpo incorrupto.

*

Na Europa ha 25.000.000 de mulheres mais do que homens, segundo uma recente estatistica. A superioridade numerica da mulher sobre o homem é, como se vê, alarmante no Velho Mundo. De todos os paizes europeus, é a Russia a que contribue com maior numero de mulheres para essa cifra.

*

Os elephantes africanos, a despeito de seu tamanho e de seu peso, sobem pelas montanhas com a maior facilidade.

*

Pouca gente deve saber que as mulheres da antiga Babylonia tinham direitos, que foram, mais tarde, negados a suas irmãs, em paizes que se consideram altamente civilizados. Mas esse facto está provado pelas taboas da lei de Hamurabi e pelas jóias e trajes que usavam. Naquelle extincto paiz as mulheres não eram simples entretenimento para o homem: tinham direitos perante a lei e não vacillavam em sustental-os, como se prova, ainda, com muitos documentos descobertos na Babylonia, e nos quaes se lêm os contractos matrimoniaes.

GERMANIA
SEDA
PALHA
LÃ
ALGODÃO

Do diario de uma mulher

Por MESEC TUBAT

HAVIA terminado abril quando te encontrei... Foi num entardecer frio e sombrio. Quando cheguei junto de ti, eu estava vacillante, e opprimia com as mãos meu coração.

Naquella tarde, sob o olhar poderoso de teus olhos, comecei a sentir-me menos só, e um doce calor invadiu-me a fronte, as mãos, o peito...

De regresso, meus pés, mais ageis e mais ligeiros, me trouxeram, naquella tarde, até minha casa, onde a vida me pareceu menos pesada e menos amarga. A noite foi para mim menos sombria.

....

MAIO, com suas tardes geladas, foi doce para mim, que esperei em minha solidão tua chegada... um profundo e tenaz anseio de viver encheu meus dias. Meu somno, que tua lembrança inquieta, foi, apesar de tudo, placido e reparador.

....

VOU andando pela vida com passo firme. Tu, como um poderoso pharol, me guias.

Todos olham-me, ao passar. E todos parecem dizer: "Alli vae uma mulher que ama".

Amo-te, sim, e amo, além disso, o milagre do amor, que tudo transforma e converte.

Parece que és o primeiro amor de minha existencia. Com certeza, és o unico grande e completo.

Em ti tudo esqueci... Esqueci que passei a vida saltando de peito em peito, procurando as almas, procurando uma que quizesse a minha...

Só em tua alma poude a minha mergulhar e misturar-se como se misturam as nuvens no céo e depois seguem seu caminho, como si houvessem sido sempre uma só.

....

SI não houvesse entre tu e eu nenhum obstaculo!... Si fosses livre e si fosses meu! Ah, si fosses meu, como eu me tornaria humilde! Meu orgulho de dona seria tão grande e tão altivo, que eu temeria offender os outros, e me tornaria humilde, humilde e submissa como gostarias que eu fosse sempre, não é verdade?

....

TODOS os que me cercam julgam que o milagre operado em mim é reacção de saúde. Não sabem, não comprehendem que és tu que corres por minhas veias, que circulas em meu sangue, que dás côr a minha pelle e calor a meu peito.

Si soubessem meu segredo, quanta gratidão haviam de ter! Desde que te amo, sou outra, outra mais doce, mais generosa, mais sorridente e melhor.

....

AS horas passam a teu lado tão molemente, que não senti este anno os rigores do frio. Minha alma, desde que sou tua, vive em primavera.

....

NA grande solidão de tua ausencia, acaricio meu cabello espesso, vaporoso e abundante.

Tu disseste um dia: "Tua cabelleira é uma chamma — a chamma de uma tocha, a luz de minha vida." Não sei por que nesse dia um temor supersticioso me assaltou. As tochas se esgottam e se consomem. Já pensaste nisso?

....

NÃO vieste, e eu tenho frio na alma!... A tarde é cinzenta. Não sei onde escondi-me para que ninguem sinta palpitar este coração que me rompe o peito.

....

DIAS de intensa luta não conseguem vencer-me. Tu, sempre tu em minha vida. Meu amor, como um anjo de azas brancas, se empenha em pautar as azas negras dos negros pensamentos.

Cheguei até tua casa com passo lento e vacillante. Em tua varanda havia luz. Logo, estavas em casa. Na parede da casa vizinha acariciei com minhas mãos geladas tua sombra, tua silhueta, que se desenhava através da luz de tua lampada. Ao voltar á minha casa, me senti só, e, sem saber por que, adormeci envolta em uma grande tristeza.

....

NÃO sei nada de ti! Por que não vens?... Esqueceste que um dia me disseste que em teus braços e em teu peito havia sempre refugio para mim?

....

COMO o sol que brilha augmenta a minha dor!... Como a sombra da noite esconde as minhas lagrimas!...

....

NÃO mais voltarás! Arrastei dias de aguda dor! Que mal immenso e profundo me fizeste! Mergulhaste no silencio e na ausencia! Na grande solidão em que me deixaste, meus braços se debateram por encontrar-te. Chamei-te aos gritos, soluçando. Chamei-te. Mas, desde que me trahiste, não me ouves!

Talvez não tenhas a culpa de todo este immenso mal. E' a crueldade da vida que nos separa... o proprio amor!... Ou é que os homens se arrependem cêdo de fazer as mulheres muito felizes?...

De qualquer maneira, de que poderia culpar-te? Si desde que o primeiro beijo foi trocado entre o primeiro homem e a primeira mulher o amor foi sempre assim..., prazer..., dor, e, depois, esquecimento!...

....

SOB o peso de meu tormento, me tornei humilde e submissa como tu quizeste que eu fosse. Lembras-te?

Foi precisa esta dor de trahição para que meu orgulho morresse. Meu orgulho, que, desde o dia em que te quiz, eu trazia alto, flabelando como bandeira ao vento.

....

PROFUNDA angustia, a minha! Profunda e perigosa! Sob tuas garras, minha fronte se quebrou... Estou reduzida, inerte, exhausta, sem nervos, sem energia e sem vontade.

....

TUDO dorme nesta noite silenciosa, e tu, lá longe, sorris, sim, a outros labios e outros labios bellas!...

....

DOR... Morte de minha alma! Dor de amor, sob cujas garras se extingue o coração. Dor que vem de ti, que és tu mesmo e que, por vir de ti, eu bem digo!

Como as Mulheres Sofrem

As mulheres sofrem muito mais do que os homens e adoecem muito mais facilmente do que elles.

Isto não é nenhum segredo para os bons Medicos.

O organismo da Mulher é muito mais delicado, muito mais vibratil e mais sensivel do que o dos homens.

A prova é que um Susto ou Medo Repentino tem sempre effeitos mais desastrosos e consequencias mais graves para as Mulheres.

Algumas mulheres são tão sensiveis, os seus Nervos são tão delicados, que basta ás vezes a Leitura de um Romance comovente, um aborrecimento ou uma noticia inesperada, para que certos Orgãos internos comecem a soffrer.

Mesmo as Senhoras mais calmas, que se julgam mais fortes e resignadas, contra os desgostos da Vida, sofrem as graves consequencias de Sustos, Contrariedades ou Comoções Violentas.

Uma simples Raiva, um Sobresalto qualquer, até nas mulheres de maior resignação, de mais coragem, de animo mais firme e que parecem ter esplendida Saúde, causa sempre transtornos e perturbações Organicas, que podem ser o começo de certas Doenças Perigosas.

As Senhoras que parecem mais tranquillas e pacientes, contendo e guardando maguas, dissabores e pezares são, no intimo, tão impressionaveis e sensiveis quanto as outras.

Conter as Lagrimas, não se queixar de nada, sofrer tudo calada, como uma santa, dominar-se nos momentos mais dolorosos, exige sempre uma fortissima Tensão Nervosa, que equivale a um grande e imenso sofrimento.

Garanto ser este o supremo sofrimento, a dor suprema, a Verdadeira Tortura!

Nada abala tanto a Saúde e arrisca tanto a Vida.

Não convem facilitar.

Por isto, aconselhamos a todas as Mulheres, de qualquer idade, sejam velhas ou moças, calmas ou nervosas, que leiam e façam o seguinte:

Muitas Senhoras já ha muito tempo que estão sofrendo do Utero e não sabem, nem desconfiam de nada.

Não pode haver Perigo maior!

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incommodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Boca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbido nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimentos da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pele, Certas Feridas, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc., etc. Tudo isto pode ser causado pelas Molestias do Utero!

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado.

A's vezes a pobre doente pensa que está sofrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente!

A prova de que tudo vem do Utero Doente é que com o uso do *Regulador* **Gesteira** todos estes Males desaparecem e a mulher sente-se outra, como que ressuscitada, alegre com a Vida e com o Mundo.

Use *Regulador* **Gesteira**

O Melhor tratamento é usar *Regulador* **Gesteira.**

Sim! Sim!

Regulador **Gesteira** é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez e Amarelidão das Moças, Ataques e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, a Fraqueza do Utero, as Dores da Menstruação, as ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* **Gesteira**

MAMÃE, hoje é vespera de Natal.

Lembras-te quando Papae me beijava, alegre, antes de dormir, ajudando-me a collocar meus sapatinhos á porta do quarto?!

Eu lhe pedia que não fizesse barulho e que deixasse a porta da rua entreaberta, para que Papá-Noel entrasse...

Elle sorria e mostrava-me a chaminé por onde o santo havia de descer.

...Ensinava-me a escrever os meus pedidos: uma caixa de bombons... uma espada...

Eu dormia pensando em Papá-Noel!

Pela manhã, os meus sapatos estavam cheios...

Minhas alpercatas eram tão pequenas...!

Papá-Noel ainda vem, este anno? Vem?!

Vou pedir-lhe uma cousa. Ah! Mamãe, não peço nada; Papae não cabe nos meus sapatos!...

CARLOS MADEIRA

FOI em Toulon, muito antes da guerra, que eu me encontrei com aquelle homem. Naquelle tempo, eu era capitão de fragata. Uma noite achando-me na *terrasse* do café "La Pinada", veiu sentar-se perto de mim um homem de cabellos brancos, que, depois de cumprimentar-me cortezmente, me perguntou:

— Tenho a honra de falar com o senhor Ferrare, não é verdade?

Já naquella época eu gostava de conservar o incognito. De sorte que respondi com cara de poucos amigos:

— Sim, senhor.

Mas o homem não desanimou por tão pouco, e continuou:

— Talvez o senhor me ache muito importuno e mesmo atrevido. Mas, eis o que occorre: viajei muito, pela China e pelo Japão, e adquiri alguns biombos que tenho a vaidade de considerar unicos no genero. Sei que o senhor é mestre na materia, e vinha pedir-lhe quizesse ter a gentileza de visitar minha collecção afim de dar-me uma opinião sincera sobre ella.

Aquillo era tocar no meu ponto fraco, porque, de facto, sou muito entendido na materia.

No emtanto, vacillava ainda em attender áquelle pedido, receiando achar-me deante de algum negociante pouco escrupuloso, quando meu interlocutor ajuntou:

— Não vá tomar-me, senhor Ferrare, pelo que não sou. Si peço os bons officios de sua competencia, é simplesmente como amador, porque preferiria morrer de fome a vender qualquer peça de minhas collecções

Tal esclarecimento acabou de convencer-me, e eu prometti a visita para o dia seguinte.

O colleccionista morava nos arredores de Toulon, perto de uma região inteiramente deserta e pedregosa. Sua casa tinha a um lado — luxo real — três cyprestes. A' entrada, apparecia o vestibulo de paredes decoradas com gosto.

— Não sou rico — disse, recebendo-me, o homem de cabellos brancos.

Só então soube seu nome: conde de V...

Diversos marquezes de V... occuparam um logar de destaque na historia de França. Seis mezes antes eu havia conhecido, em Paris, o ultimo descendente. Era um admiravel grande senhor, de setenta e cinco annos, mas ainda forte. Almirante reformado e dono de uma fortuna de varios milhões de francos.

A recordação daquella opulencia levou-me a perguntar, indiscretamente:

— O senhor é parente do almirante V...?

— Sou seu filho unico.

E, notando minha surpresa, acrescentou:

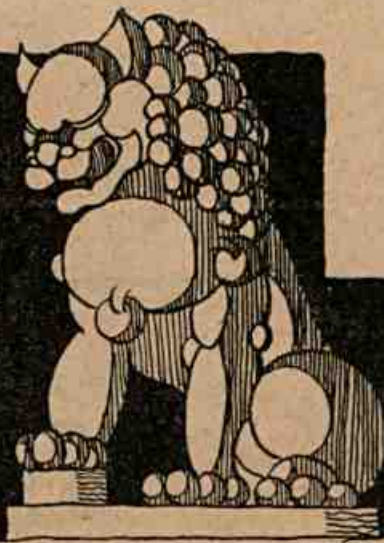
— Não duvide... Pareço de mais idade, mas creia que meus cabellos são mais velhos do que eu. Não completei ainda quarenta annos, mas minha vida foi muito amarga. Meu pae e eu não temos cerebros iguaes. Elle me fez desgraçado, e é possivel que, sem querel-o, lhe tenha eu mostrado o coração...

Quando se começou a ser indiscreto, o melhor é continuar.

— Embora as cousas andem agora muito mal — disse eu a V... — poderia o senhor esperar a herança de seu pae.

— Desejo que me chegue o mais tarde possivel, mas seria capaz de jurar, desde já, que a herança se evaporará mysteriosamente.

Não me pareceu prudente insistir. Passámos a ver a collecção, que era muito bella, mas não de primeira

Um Homem como os outros...

ordem. Os biombos eram rigorosamente authenticos. No emtanto, mais do que a collecção me interessava o colleccionista, e eu resolvi mostrar-me o mais torpe dos indiscretos, obrigando V.... a fazer-me suas confidencias.

— O senhor tem aqui um thesouro — disse-lhe, então. — Um thesouro para matar de inveja todos os colleccionistas de Paris. Por que o conserva enterrado aqui? Talvez com isso o senhor conseguisse a celebridade, e então seu pae o perdoaria.

— Não.

— Por que?

— Conheço meu pae: tem um coração de pedra e não se commoveria por isto. O caso que nos separou foi grave.

— Grave?

— Sim... Questão de mulheres... Oh!... Mas não da classe que o senhor suppõe. Casei-me contra a sua vontade, ou melhor, não me casei, porque não pude.

— Ah!

— Desculpe-me... Sou um máo narrador: gosto pouco de falar.

— Desculpe... Eu...

— Não tem por que se desculpar. Uma vez que comecei, continuarei. Ha seis annos, encontrei uma mulher e por ella me apaixonei. Era casada com um amigo de meu pae. Essa circumstancia me preoccupou muito pouco, e fugi com ella, pensando que o marido pediria immediatamente o divorcio. Não o fez, porém. Catholico fervoroso, não acceitava a solução que lhe offerecia a lei. Meu pae deu razão aquelle homem e ordenou-me que lhe devolvesse a esposa, porque o marido offendido estava disposto a perdoar. Eu, porém, não o attendi, nem ella voltaria jamais para a companhia de um individuo a quem odiava. Meu pae aborreceu-se, ameaçou-me, mas eu respondi que era de maior idade e que achava graça em todas as suas ameaças. Resultado: ás vinte e quatro horas, meu pae expulsou-me de casa, amaldiçoando-me. Dois negocios, que eu tinha quasi nas mãos, fracassaram por causa delle, que deu pessimas informações da minha pessoa. Tive que expatriar-me e lutar tremendamente com a miseria. Não quero dar-lhe outros detalhes, bem dolorosos, mas compare minha idade e meus cabellos...

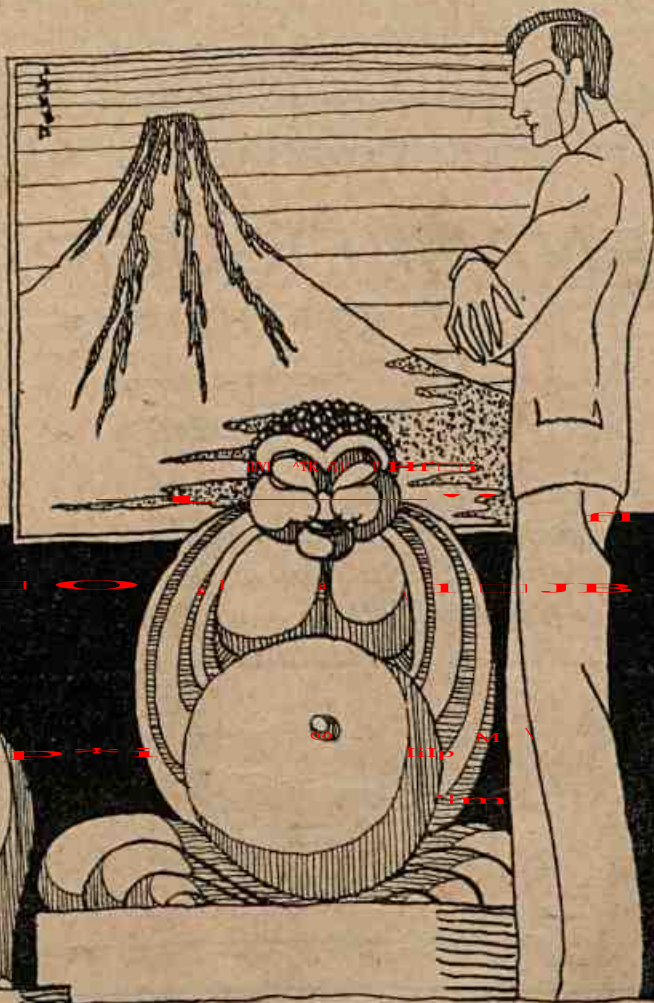
— De maneira que tudo sacrificou o senhor por essa mulher: carreira, fortuna, mocidade? — disse eu.

— Amava-a — respondeu-me — e ainda a amo.

Para isso não havia resposta. Calei-me, e vi que elle apreciava meu silencio. Ao despedir-me, depois das costumadas phrases de cortezia, elle me disse, não sem, antes, vacillar um pouco:

— Minha situação é um pouco equivoca, uma vez que me não pude casar com aquella que é minha companheira. Mas sei que o senhor é um homem superior, que está muito acima desses convencionalismos. Quer permittir-me que lha apresente?

Apressei-me a responder que aquillo me honraria immensamente, e elle, então, me fez entrar em um compartimento amplo e bem arranjado — o melhor de toda a casa. Ali se achava uma mulher delgada, loira e pallida, de pouco attrahente belleza. E por ella V.... havia abandonado tudo o que a vida lhe offerecia?...

Aquelle desengano serviu apenas para augmentar minhas demonstrações de respeito e sympathia. Depois, V.... e eu nos separamos, encantados um pelo outro.

....

UM HOMEM IGUAL AOS OUTROS...

(Continuação)

ENCONTRAVA-ME eu em Paris tres annos depois, quando uma noticia necrologica apparecida nos jornaes me deu a conhecer a morte do almirante marquez de V..., que seria sepultado ainda aquella manhã, depois da missa de corpo presente a realizar-se na egreja de Santa Clotilde.

Toda a aventura de Toulon reviveu na minha memoria, e eu fui ao enterro.

Era um enterro de primeira classe. O almirante tinha muitas relações e o Jockey Club comparecêra em cheio. Alguns parentes, com cara de circumstancias, se mostravam desolados junto a um homem pallido, delgado e de cabellos brancos, em quem reconheci, sem difficuldade, o collecionista de biombos, o filho desgostoso pelo almirante e que agora ia herdar sua fortuna e seus titulos.

Quando, terminada a missa, passei junto delle não me viu. Mas, uma hora depois, o encontrei na esquina da rua Las Cases. Como a familia V... tinha o seu pantheon em uma provincia, o corpo havia sido, provisoriamente, depositado na crypta.

V... reconheceu-me immediatamente. E exclamou:

— Senhor Ferrare! Quanto prazer em vêl-o!... Foi aos funeraes de meu pae?

— Sim, e estreitei-lhe a mão, ao passar, mas o senhor nem siquer me olhou.

— Entre tanta gente... — explicou, desculpando-se. Alem disso, todo esse apparato funebre me transtornou. E' verdade que meu pae e eu viviamos a cem legoas um do outro. No emtanto, senti profundamente sua morte. Creio que lhe contei min historia, em Toulon.

— Effectivamente — respondi —, e espero q suas previsões daquelle tempo não se terão realiz Herda o senhor?

— Sim, mas não muito — respondeu, sorrindo embora mais do que esperava eu. Isso alliviará u pouco minha situação, que sempre foi difficil de a ruptura de nossas relações. E alegro-me não ta por mim, sinão por ella.

E olhou amorosamente uma mulher que o espera no automovel, a alguns passos dali.

— Oh! — exclamei eu. — Desculpe-me o tel-o d tido. Não sabia que estavam á sua espera.

— Não é nada — atalhou V... — Venha, q quero apresentar-lha.

— Supponho que já tive essa honra, ha tres ann

— Tres annos?... Não. Não póde ser...

E, ao aproximar-me do auto, vi que a dama e morena, gorda e muito córada.

....

— Minha amiga de então? — explicou-me V... ma tarde, destrahidamente. — Para falar-lhe a verdad não sei o que terá sido della... Aborreceu-se co migo, ou fui eu quem a deixou... O senhor qu saber que não me lembro como terminaram noss amores?

— Como?... Depois de ter sacrificado tudo p ella?! — disse, espantado.

— Sim... A vida nos reserva essas surpresas esses desenganos... Mas, que importa?... o ess cial é viver... e amar. Porque eu amo apaixo damente essa mulher, senhor Ferrare...

(Traducção de Martins Capistrano)

SONIA, (S. Paulo) — Foi com uma grande surpreza que recebi a sua missiva côr de lirio. Já não a esperava mais. Custou tanto!... Aliás, V. Excia. parece não ter lido o meu commentario feito em *Evanidade*, em torno das glycinias de S. Paulo...

Não sei quando irei a S. Paulo. Mas farei o que me pede, desde que me mande o seu endereço. Perdi o que me enviou. Que pena!

Quem escreve a secção "Bazar de Bonecas" é o Elcias Lopes, (Esaú & Jacob), aliás um chronista fino.

A poesia de Francisquinha de Campos foi publicada no *Fon-Fon* por intermedio da sra. Petite Source.

O sr. Veiga Miranda é nosso collaborador, já se vê.

O apparecimento de "Uma garçonne carioca" ficou adiada para o anno vindouro. Um romance como será esse, — por muito mediocre que seja, sempre é coisa trabalhosa. A prova é que os nossos criticos são muitos; os invejosos, que nos descompõem — idem; os demolidores, "engenheiros de obras feitas" — tambem; mas, quem escreva, quem faça romance—não é grande o numero.

Bem. Desejo-lhe bôas festas e bôas entradas no anno de 1930. Procurei uma formula nova para exprimir esse desejo, mas, nada encontrei melhor do que a citada.

E' o sentimento que anima as palavras. Estas podem ser velhas e exprimir sentimentos novos; podem ser mentirosos e exprimir sentimentos sinceros.

G. I. C. A., (Capital). — Um exame de graphologia? Dolorosa... solicitação. Em todo caso, vá lá! A sua graphia indica tratar-se de uma creatura vivida, ardente, impetuosa, cheia de vida, alegre, etc. E' vaidosa, doentiamente vaidosa. Inclinada á mentira. (E qual a mulher que o não é?) Um tanto ciumenta e, portanto, explosiva, inflammavel como um petardo. Curioso é que é franca e, ao mesmo tempo, uma alma doce, envolvente. Brincalhona, gosta de rir das pessôas que a cercam. E' uma zombeteira.

Franca, ás vezes, chega a violencia. E' um tanto sovina.

Combativa, é muitas vezes prepotente, insolita. Mas geralmente está de bom humor. Egoista. Lá isso é. Egoista e caprichosa.

Gostou? Agora vá dizer que sou isto e sou aquillo.

LA SALVATTI, (Bahia). — E' fatal! Toda vez que recebo uma carta da terra de Ruy Barbosa e do vatapá, me recordo da canção carnavalesca: "A Bahia é boa terra"...

Ou então:

"Bahia de Todos os Santos"...

Mas desta vez, eu me lembrei tambem... Isto é, não me lembrei: figurei a hypothese de estar deante de uma creatura espiritual, alegre, radiosa, embora um pouco dissimulada e... Não! Afinal de contas, não estou aqui a fazer a sua graphologia...

Quero, porém, render-lhe uma homenagem, publicando a carta azul *cendré* que me enviou. Eil-a com todos os *ff* e *rr*:

"Yves. — Estava estudando violão quando me veio a lembrança de escrever ao Yves; si serei bem succedida n'essa estréa não sei, mesmo porque "o futuro a Deus pertence". Yves, quem lhe escreve é uma bahiana, que ha dias passados obteve referencias elogiosas, dizendo na Radio Sociedade uma poesia sua; sendo bastante consciencioso venho entregar-lhe os applausos e agradecer-lhe o brilho que emprestou a minha "pessoinha". Olhe, Yves, eu não sou declamadora; apenas, "recitadeira". Conhece esse novo genero? E' especialidade minha.

Agora, é a sessão de favores; — mas não é *graphologia*; até fico tremula de falar nesse nome, — você, Yves, poderá me dizer qual a nacionalidade de Vargas Villa? Gostei immenso da resposta, que a uma sua consulente, sobre as leituras de Balzac, Bourget, Eça, etc. Yves, você que é intelligente comprehende, que na epocha em que estamos, uma senhorita de 20 annos — é minha idade — não pode gostar da "amorosidade doentia" de Delly, Ardel, Chantepleure, Champol, etc. Nós de hoje, precisamos de leitura mais forte; queixam-se de immoralidade nos autores citados e outros; porém não veem nelles bons escriptores que são, o estylo elegante, a vulgarisação de idéas.

Como eu creio que immoral é a idéa de quem os lê, vendo nelles immoralidade, continuo com a leitura que as "frou-frou" acham perniciosa e abandono a da "Bibliotheque de ma fille", que já está "chapa", — desculpe a gyria.

Yves você pergunta a D. Jayme quando elle publicará outros versinhos no Painel de Azulejo, pergunta? diga-lhe que eu os colleciono, e que já estou sentindo falta.

Adeus, responda-me muito direitinho, ouviu, Yves? — *La Salvatti*".

Pode ser que V. Excia. esteja fazendo troça e queira rir á minha custa. Mas o meu dever é agradecer-lhe as gentilezas que me diz.

Em segundo logar, quero prestar-lhe a informação que me pede:

Vargas Vila é venezuelano.

Como se refere aos versos que sáem na secção "Painel de azulejos", dizendo-se colleccionadora dos mesmos, lembro-lhe a pagina "Para bem dizer"... de *Selecta*, desta Empreza, e que é destinada ás declamadoras. Pelo menos encontrará nella, em todas as edições, tres poemas, respectivamente em francez, castelhano e portuguez. Cada um desses poemas vem acompanhado de uma ligeira biographia do seu autor.

Aqui vae, por exemplo, a nota correspondente ao poema em portuguez, que figura em nosso numero de 4-12-1929 da *Selecta*:

ESPERAR

A's nossas declamadoras offerecemos hoje o soneto "Esperar", de Virginia Victorino. Virginia Victorino é a exaltada poetisa portugueza que traçou as paginas flammantes de "Namorados", livro cheio de amor; "Apaixonadamente", outro poema onde a sua alma estremece em estos de paixão e, por fim, esse breviario de ardente lyrismo: "Renuncia". "Esperar" é dessa pequena obra da eterna enamorada platanica, que não tem segredos e só se sente feliz quando pode revelar os fremitos do seu coração de mulher, que ama, que soffre e sonha.

Tres annos! Meu amor, quem nos [diria
que podem tanto corações humanos!
Tres annos infinitos, sim, tres annos
em que eu julguei que nunca mais te [via.

Fui formando, hora a hora, dia a dia,
mil certezas, mil duvidas, mil planos.
Tive esperanças, tive, e desenganos
muita coragem, muita covardia.

. . . .

Faltam tres dias. Vaes chegar. E [agora
eu vivo a lentidão de cada hora
numa impaciencia que nem sei di-[zer-te!

Tres annos! Sim, odeio-os, é verdade,
Mas odeio inda mais a eternidade
dos tres dias que faltam para ver-te!

E' escusado dizer que a secção "Para bem dizer"... é assignada por Yves.

Haverá nisso algum cabotinismo? Não. Talvez um justo espirito de propaganda commercial. As emprezas jornalisticas não se mantêm com palavras.

Não é verdade?

H. J., (Capital). — Meu caro senhor, aqui vae a relação das principaes obras de Gustavo Barroso: "Terra de Sol", "Praias e Varzeas", "Idéas e Palavras", "Heróes e Bandidos", "Casa de Maribondes", "Mula sem cabeça", "Ronda dos Seculos", "Intelligencia das coisas", "Ramo de Oliveira", "Ao do", "Através dos folk-lores", "Pergaminhos", "Livro dos milagres", "A Guerra de Lopez", "A Guerra de Rosas", "A Guerra de Flores".

As minhas obras? Ai de mim! Por ora: "O Suave Enlevo", (3.ª edição) na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166. No anno vindouro, talvez em fevereiro, deve apparecer o meu romance, isto é, novella, "Uma garçonne carioca".

E' só.

ROSARIO, (Pará). — Aqui está a sua carta de agradecimento pela publicação de sua photographia. Aliás não lhe fizemos favor. Si as outras, que são apenas mulheres, se julgam com direito a todas as homenagens, com a publicação de photographias, em poses mais ou menos estudadas, com muito mais razão V. Excia. se deve julgar com esse direito, uma vez que é escriptora, e uma escriptora de pulso.

Espero enviar-lhe a photo que me pede, por todo o começo do anno. Ou preferia recebel-a no meu proximo romance, *Uma garçonne carioca?*

Bem. O endereço de Benjamin Costallat é — Redacção do *Jornal do Brasil*, e o de Berilo Neves — *Jornal do Commercio.*

Quanto ao mais, desejo-lhe bôas festas, o eterno voto tão raramente sincero.

LIRIO ROXO, (Minas). — Não sou graphologo, minha senhora.

FILHA DAS SELVAS, (?). — O seu conto não póde ser publicado.

JACY MENDES, (Pernambuco) — Infelizmente, caro conterraneo, não pude aproveitar os seus versos. Ninguem é mais amigo dos pernambucanos e dos amigos do que eu. Mas, em materia de arte...

MISS ATLANTICO, (Capital). — Ah! Deus me livre que V. Excia. não seja muito feliz no anno novo. Nossa Senhora ha de permittir que V. Excia. vá muito além dos seus trinta e cinco annos — para alegria dos seus, para goso da minha alma vadia e das leitoras bonitas.

V. Excia. é necessaria a esta secção. Sem a sua collaboração não póde haver bom humor nesta casa.

Imagine como não me devo sentir feliz, ao abrir uma carta como esta sua!

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

Mas contemos o facto para que melhor se apprehenda o sentido do meu commentario.

A minha leitora "Amiguinha Triste", do Paraná, me pediu que fizesse um soneto no genero de "Mal secreto", afim de que figurasse no seu album.

A resposta que dei a minha illustre consulente foi a seguinte:

"1.º — Devo declarar que não sou bonzinho. Deus me livre de ser tal coisa!

Alphonse Karr dizia: "Quando não se póde dizer que uma mulher é bonita, moça e intelligente, ha sempre um meio de se dizer: "Ella é bôasinha". Estará V. Ex. nesse caso? Não o creio; 2.º — Com muito prazer, escreveria a poesia que me pede. Mas não sou alfaiate, nem modista. Não se espante! Não diga que esses dois representantes do côrte nada têm com a resposta que lhe devo. A poesia que me pede deve ser endereçada a uma costureira, pois é poesia por medida, no genero "Mal secreto". As poesias que escrevo não são feitas de crêpe georgette nem cortadas a tesoura e medidas com fita metrica, depois de experimentadas no manequim. Ellas, nem sequer, são medidas nos dedos; são medidas com a imaginação; 3.º — Não direi que V. Ex. seja como "Miss Atlantico", embora ache que ambas são boasinhas, (Oh! desculpe!) quero dizer V. Ex. não é boasinha, como Alphonse Karr, nem é um "oceano de intelligencia", como "Miss Atlantico". V. Ex. é um poço de sabedoria. Está bem?

Adeusinho! Dê lembranças aos mosquitos de Paranaguá. E quando quizer, faça a encommenda da sua poesia ás costureiras [illegible].

V. Ex., "Miss. Atlantico", leu esta resposta e resolveu enviar-me um postal... Ah, o postal é uma verdadeira maravilha: tem a forma de um livro, com duas paginas; as margens são num rendado, em relevo. O campo é em gaze. Sobre esta gaze V. Ex. bordou um amor perfeito, com pericias de agulha e ao centro, circumdado por um outro bordado, a retroz, da seda, pôz um retrato de celluloide de uma artista de cinema.

Abrindo o postal, encontra-se, na primeira pagina, onde vem a carta:

"Yves — Como te recusaste a fazer os versos pedidos por "Amiguinha Triste" eu, tomando de uma bôa tesoura, da fita metrica e de um retratinho de organdy, vou em soccorro da minha collega espiritual. Vê si os meus versos lhe agradarão. — *Miss Atlantico*".

Agora os versos, que vêm na pagina seguinte:

MAL SECRETO

Si o lampejo que vibra no meu [illegible]

Em bellas rimas sempre se [illegible]
E tudo que tece a imaginação
Eu, bem secretamente te [illegible]

Pudesses tu, o espirito que brilha,
Vêr atraz da mascara da carta,
Quanta gente talvez que dó te [illegible]
Então te deslumbrasse, e a [illegible]

Quanta gente que diz futilidade
Sente a ironia da tua [illegible]
Tão funda e vasta como o poço [illegible]

Quanta gente "bas-bleu" que [illegible]

Cuja tristeza unica consiste
Em não poder ao Yves agradar.

Miss. Atlantico

Pergunto eu: V. Excia. é ou não é necessaria a esta secção? V. Ex. é sublime! Como poetisa, é uma coisa ineffavel! Em materia de "pé quebrado" não ha poetisa que a vença; em riqueza de espirito (?!!) não ha nada que a eguale; em gosto artistico — organdy, bordadinhos, flores de retroz, etc — não ha leilão de prendas da roça que a supere.

V. Excia. indiscutivelmente é uma creatura admiravel. Não sei a quem mais admire: si a V. Ex. ou "Amiguinha Triste"...

Deus me livre que V. Excia. não tenha muitos annos de vida! — Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e lógica.

* * *

GRAPHOLOGIA — *Condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2. — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3.º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone

Central 4136

FON-FON — 21-12-929

Data da consulta..........

Nome do consulente..........

....

Uma mulher agitada

De Albert Acrement

A senhora Vertoi tem quarenta e oito annos. E' uma bola. Suas faces parecem duas maçãs. Seus dedos são como cacetes alentados... Não obstante isso, tem pretenções de elegancia.

Todo o mundo a conhece na casa, porque, frequentemente, do quinto andar, onde móra, interpela a porteira a grandes gritos. Quando recebe alguma encommenda, é muito raro que não se produza uma discussão, ora sobre a qualidade do que lhe levam, ora por dar uma gorgeta miseravel ao portador.

E' viuva e sem filhos. Seu marido aproveitou o pretexto da primeira enfermidade que teve para partir deste mundo e não vêl-a, e seus filhos não nasceram com mêdo de cahir sob a autoridade de tal mãe.

Esta tarde tem que ir á casa da modista. Grave occupação. Na proxima semana dará um jantar, e, segundo sua expressão, não tem nada para vestir.

A modista recommendou-lhe que fosse ás quatro em ponto, pois si se atrazasse pelo menos cinco minutos, teria que attender a outras freguezas.

A senhora Vertoi promotteu ser exacta. Convém assignalar que a modista de que se trata, uma solteirona com bigode salpicado de pontos negros, se mostrou muito rigorosa para vingar-se das observações desagradaveis que não deixa nunca de fazer-lhe a grossa senhora.

— Que horas são?

A senhora Vertoi olha seu relogio. A modista habita um quarto, que cheira a roupa e a carne assada, em uma das ruas vizinhas á **Bastilha**. Ha meia hora de *Subte.*

São tres e vinte e cinco. E' preciso correr. Apanha um chapéo com tal força, que por pouco o rasga todo, e de um murro, o colloca na cabeça. Na escada põe o agazalho. Um pasteleiro que leva doces ao segundo andar lhe obstróe a passagem. Mas ella, decidida, o empurra contra a parede, como si o atropelasse uma locomotiva, e rodam pela escada as guloseimas.

— Tenha cuidado, senhora! — grunhe o rapaz.

Ao passar pela portaria, ouve da porteira:

— Tenho uma carta para a se-
nhora.

— Pouco me interessa.

— Disseram-me que é urgente.

— Depois m'a dará, ouviu, pesada?

— Tenha educação!

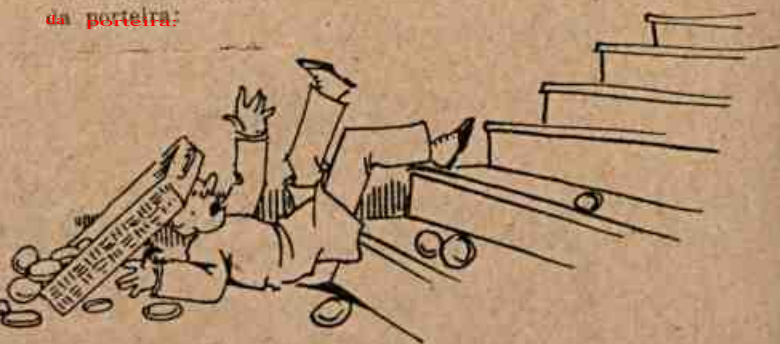
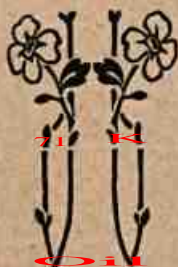
— Ora!

— Grosseira! **Estupida!** Mal educada!

•

A senhora Vertoi tem que atravessar duas ruas. Na primeira tropeça com um desfile ininterrupto de automoveis. E' impossivel passar. Brandindo seu guarda-chuva, se lança contra um taxi, como si quizesse atravessal-o com aquella arma. O chauffeur, para não esmagal-a, faz uma manobra e vae de encontro a um caminhão. Gritos, insultos mas ella passa.

Na segunda rua chega ella no momento em que o inspector de vehiculos detém os automoveis para dar passagem a duas amas seccas com seus cochezinhos. A se-

nhora Vertoi tem tanta pressa em aproveitar o signal aberto, que em sua acomettida derruba a varinha do inspector de vehiculos e atropela uma das amas. Nova serie de insultos. Ella já está longe.

Afunda-se no *Metro*.

— Senhorita, uma primeira — diz, no *guichet*.

— A senhora tem que esperar sua vez — responde-lhe a bilheteira.

No emtanto ella pretende obter um bilhete sem demora. Os que estavam á sua frente protestam. Mas, afinal, ella consegue ganhar logar e obtem o bilhete.

Como uma furia se lança na *gare*, que está cheia de gente. Quando chega o comboio, se apinham deante das portas numerosas pessoas, e a senhora Vertoi abre passagem aos empurrões...

UMA MULHER AGITADA

(CONCLUSÃO)

— São ovos o que eu levo aqui, senhora! — grita-lhe uma mulher.

— Não me empurre tanto, que a senhora me suffoca! — supplica outra.

Mas nossa volumosa heroina não pára para ouvir essas insignificancias e, afinal, penetra em um compartimento. Mas não lhe basta. Extenuada por tantos esforços, quer sentar-se. Para consegui-lo, avança a cotoveladas até o centro do carro e grita:

— Decididamente, a galanteria franceza morreu! Os cavalheiros já não offerecem seu assento ás senhoras!

Perto della ha tres homens sentados: dois jovens e um velho. Este levanta-se e offerece-lhe seu logar.

A senhora Vertoi, satisfeita, pensa que chegará a tempo e que terá seu vestido. E isso para ella é uma especie de triumpho.

O guarda do *Metro* grita, ao chegar a uma estação:

— Jorge V!

Nunca o nome de um rei desagradou tanto a uma pessoa como aquelle á senhora Vertoi.

Em sua precipitação, a infeliz se havia enganado de direcção, e, em vez de ir a Vincennes, avançava para Maillot, que é exactamente o contrario.

Ao sahir á superficie, ella se acha tão abatida, que se deixa cahir em um banco, e chora junto a um distribuidor automatico que, desde então, não funcciona.

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

O Guarda-Chaves

De RENÉ DULAC

DERONLEUR era guarda-chaves havia tres annos, trabalhando para a mesma companhia e na mesma linha.

O trabalho era intenso, mas pouco penoso. Deante da casinha onde Deronleur prestava seus serviços, passavam, diariamente setenta e cinco trens. Essa circumstancia obrigava Deronleur a sahir da casinha setenta e cinco vezes por dia, para se collocar em sua passagem a nivel, e para apresentar, outras setenta e cinco vezes, uma pequena bandeira, cuja côr só um espirito forte podia adivinhar, porque o sol havia tratado impiedosamente a anilina daquelle pedaço de panno tão importante.

Importante? Importantissimo! Pois indicava, nada mais nada menos que havia *via-livre*. Os machinistas, ao passar quasi não o olhavam. Ah! Outra cousa seria si a bandeirinha que Deronleur apresentasse fosse vermelha! Porque Deronleur tinha na cazinha uma bandeirinha vermelha á vista da qual os trens paravam immediatamente, porque significava *perigo*.

Deronleur estava contente porque dispunha de bastante tempo, e elle era um philosopho. O lemma de sua escola philosophica podia se resumir neste simples paragrapho: *Nada no mundo vale o incommodo de levantar a mão quando se está deitado e tranquillo.*

Seguindo e obedecendo esse lemma, Deronleur passava o dia deitado, e as setenta e cinco vezes que se levantava eram setenta e cinco *amolações* profundas que mordiam cruelmente seu coração de philosopho.

No emtanto, tres daquellas vezes o incommodavam menos. Era quando tinha que almoçar e jantar, e quando tinha que dar de comer a seus cardos. Uns animaes que se haviam apropriado das idéas philosophicas de seu dono e comiam deitados. Eram uns bichos encantadores para quem os contemplasse com o pensamento na na epoca da matança.

Deronleur vivia só e feliz, e os dias passavam sobre elles como passam os aeroplanos sobre os campos: sem deixar signal.

Provavelmente, o guarda-chaves viveria eternamente em sua cazinha, com suas bandeiras e com seus cerdos, si a existencia humana não fosse tão ephemera. E alguma cousa foi perturbar a vida placida de Deronleur.

Uma tarde, achava-se elle deitado junto á passagem a nivel, aguardando um expresso: o 3.007. Meia hora antes havia passado o trem que descia, o 3.401, e o que subia não podia tardar. Era impossivel que tardasse.

Nesse momento, Deronleur viu vir para elle um homem muito mal vestido, com um surrão no hombro e um garrote na mão. Era um desses homens que andam quinze ou vinte kilometros todos os dias, e a quem ladram, infallivelmente, os cães que têm bôa voz.

O viajante aproximou-se e deteve-se a dois metros de Deronleur. Depois grunhiu o nome do guarda-chaves. Este, meio levantado, exclamou:

— Pituye!

Era Pituye em pessoa. O grande Pituye, um ente divertidissimo, annos antes, mas que, como não soubera explorar suas qualidades divertidoras, estava sujeito agora, a uma miseria positivamente negra.

Os dois velhos amigos abraçaram-se com esse vigor proprio dos homens que usam collarinhos numero 39.

— Que andas fazendo por aqui, Pituye?

— Vou a Dixon — respondeu o outro, brevemente. Tenho que vencer ainda quarenta kilometros.

— Puxa! E' uma distancia regular! E por que não tomas o trem?

— Não tenho dinheiro.

Como resposta, Deronleur metteu a mão no bolso delle e tirou sete francos.

— Toma — disse ao amigo. — Com isto poderás ir á Dixon. Não duvides nunca dos verdadeiros amigos da infancia.

— Ah a infancia!... — suspirou Pituye.

Fez uma pausa, e ajuntou:

— Mas terei de ir á estação mais proxima comprar a passagem. O trem não pára aqui.

— Pára, sim — declarou Deronleur.

— Não póde parar — obstinou-se o outro.

— Digo-te que pára, sim! — vociferou Deronleur.

Pituye se recolheu em si mesmo para gritar que o trem não parava, em um tom mais alto do que seu amigo, mas naquelle momento o expresso appareceu numa curva.

— Verás como pára — concluiu o guarda-chaves.

E, ganhando o centro da via, apresentou a bandeira vermelha.

Grande rechinamentos se perceberam na locomotiva. Viu-se o machinista e o foguista trabalharem activamente nos mechanismos incomprehensiveis da machina. O comboio gemeu dolorosamente e foi perdendo a velocidade. Afinal se deteve, e muitas pessoas sahiram immediatamente.

O machinista inquiriu, alarmado, do guarda-chaves:

— Que ha?

— Nada, nada — respondeu sorrindo, Deronleur, como homem que dá pouca importancia ás cousas. E, assignalando Pituye, concluiu:

— E' que... é que meu amigo precisava embarcar. Anda, toma o trem Pituye!

Todo mundo diz que foi por esse facto sem transcendencia que Deronleur deixou de pertencer á importante companhia ferroviaria que prestava seus philosophicos serviços.

O NOVO CHRYSLER "70"

ULTRAPASSA ATÉ MESMO O MELHOR CHRYSLER DE OUTR'ORA

Na verdade estes novos productos ultrapassam todas as creações anteriores de Chrysler, da mesma forma decisiva e completa pela qual os antigos modelos de Chrysler haviam excedido em perfeição a todos os seus congeneres. Não se trata de uma simples melhoria, mas sim de carros que são basica, fundamentalmente e scientificamente novos.

Em Stock:
MOTORES MARITIMOS "CHRYSLER IMPERIAL"

NOVO SEDAN ROYAL CHRYSLER "70"

CARACTERISTICOS DO CHRYSLER "70"

CARROSSERIAS ARCHITECTONICAS: — Baseadas num novo principio que elimina o barulho e rangidos, do typo "dreadnought", de solidez e segurança a toda a prova; pára-brizas em melhor angulo que abate todo o reflexo offuscante.

SYSTEMA SYNCHRONIZADO DE FORÇA: — Construido numa só unidade, desde o radiador até ao eixo trazeiro; maior flexibilidade, maciez, economia e duração prolongada.

MUDANÇA SUAVE E RAPIDA: — Dá novo prazer ao motorismo; torna a mudança de velocidade o que ha de mais simples até mesmo para inexperientes noviços; desenvolve mais força; procede-se á mudança como sempre, sendo porém muito mais facil e rapida do que costumava ser e não produz o menor ruido.

CARBURADOR DE TIRAGEM PARA BAIXO: — Não é apenas um tubo multiplo á gravidade com melhorias, mas um novo meio de supprir o combustivel; carborização completa; força sem arranco; maior distancia por unidade de combustão; funccionamento rapido. Bomba mechanica de tamanho extra para a alimentação.

MAIORES MOTORES: — Maior carreira do embolo; maior força em Cavallo Vapor; economia na torção e no funccionamento; veio motor contrabalançado em sete mancaes; embolos com pontes altamente ventiladas; lubrificação por pressão completa; filtro de oleo.

MAIS ESPAÇOSO: — As carrosserias têm 3 pollegadas mais de largura; de 3 a 5 pollegadas mais de comprimento, conforme o estylo; maior espaço á frente; assento dianteiro ajustavel para maior commodidade das pernas.

MAIOR BELLEZA: — Symetria dynamica, com friso de chromo; janellas em arco com architraves de chromo. Grande variedade de côres com estofamento harmonico.

MAIOR LUXO INTERIOR: — Novo typo de coxins para os assentos; estofamento de luxo para as almofadas; trabalhos de metal executados por Cartier, joalheiros de fama universal.

MAIOR COMMODIDADE NA MARCHA: — Mólas "paraflex," pára-choques de borracha, do typo chaminé, armação com tirantes de espessura extra e dupla rampa; novos amortizadores hydraulicos.

MAIOR FACILIDADE NA DIRECÇÃO: — Freios hydraulicos Chrysler de baixa pressão, de expansão interna á prova das intemperies, ajustados ás 4 rodas; volante de direcção da espessura de um dedo, de punho seguro de aço reforçado; governo facil de engrenagem deslisante; engrenagem de direcção positiva, do typo de alavanca e pratos de câma.

CHRYSLER

PRODUCTOS DA CHRYSLER MOTORS

DISTRIBUIDORES:

AUTO MERCANTIL BRASILEIRA, S. A.

Avenida Rio Branco, 247 — Telephone Central 1744

Bom Comportamento

De MIGUEL ZAMACOIS

— Bandido! Vagabundo!

E — vlan! — Totor — nove annos apenas — recebeu de sua mãe a quinta sóva da manhã...

A relogio marcava dez horas menos vinte.

Ora, Totor não se tinha acordado, naquelle domingo, senão ás nove horas, o que valia cinco sóvas em quarenta minutos, seja uma surra, mais ou menos de oito em oito minutos: elle havia batidos todos os records.

E' justo reconhecer que Totor estava sem nenhuma sorte durante aquella manhã. Para começar, elle havia entornado parte do seu café com leite sobre o cobertor, ao "installar-se" no seu leito para tomar o seu "petit déjenner": primeira surra materna.

Procurando defender-se, elle havia atirado o seu guardanapo molhado sobre um vaso onde morria uma verbena... O vaso, com esse golpe dado pelo guardanapo, se partiu, como aquelle do poeta, com a differença de que se produziu um ruido de vidros quebrados e fez Mme. Seraphim accorrer: outra surra.

Em seguida, tendo ensaiado jogar bola com o sabão e a escova de dentes, Totor tinha enviado, simultaneamente, esses dois accessorios, ao vidro do toilette: mais duas surras com o intervallo de minutos.

Emfim, tendo mettido o gato debaixo do seu leito, "para vêr o que elle dizia", elle havia deixado o animal enraivecido, o qual, evadindo-se, o havia arranhado fortemente no rosto: quinta surra e dez horas menos vinte.

— Cala-te! Ou te dou mais uma! ameaçou Mme. Seraphim, emquanto Totor chorava com todas as suas forças.

Segundo o uso, o choramingar se attenuou, pouco a pouco, em soluços, e o pequeno continuou a se vestir, sob a accusação maternal:

— Sabes que és insupportavel? Mas que é que tens nessa cabeça, que não deixas de fazer sempre uma coisa desastrada? Vamos! Nada de choramingas! E faze o favor de te vestires depressa. Como haverá hoje distribuição de premios, que é a uma hora, almoçaremos hoje ás onze e meia, e é preciso que vás comprar luvas de fio branco, em casa de Mlle. Pélage, á rua Nacional.

Totor procurou acalmar-se o tempo exigido pela sua dignidade e continuou a proceder á sua toilette...

Mas, elle, mesmo assim, ainda não estava socegado.

Emquanto elle se calçava, percebeu o gato passar, sem rancor e sem memoria. Um desejo subito de vingança encheu o coração de Totor: aproveitou a falta de attenção da sua mãe, e tentou sovar o pello do gato, mas agiu de tal modo que virou o pote d'agua, cujo conteúdo se derramou, quebrando-se a asa do vaso. Mme. Seraphim sobresaltou-se:

— Mas tu não podes ficar tres minutos sem fazer uma diabrura?

E uma agil mão de mulher completou a meia duzia de correadas.

— Um pote dagua de nove francos! Isso é demais, ó pequeno imbecil! Pequeno canalha! Eu te pégo pelas orelhas! Será um bom ensino!

E' inutil dizer que emquanto a mãe o reprehendia, Totor exhalava o seu despeito sob a fórma de urros e de gestos violentos.

Basta! Senão eu te bato de novo! gritava Mme. Seraphim, olhando gravemente o seu filho e enfiando-o no seu palitot novo, sensivelmente muito estreito.

Totor deglutiu ainda um ultimo soluço e colheu com a ponta da lingua a sua derradeira lagrima.

— E agora, vae comprar um par de luvas brancas... Dirás a Mme. Pélage que ella t'as dê um pouco largas para que durem mais... Depois irei pagal-as. Dentro de dez minutos deves estar lá, que almoçaremos depressa!

Limpo, escovado, as botas engraxadas, penteado, uma bella gravata Lavallière, de séda branca, enrolada no pescoço, Totor já se foi para a casa de Mme. Pélage, na rua Nacional.

Ao fim de vinte e cinco minutos, elle não havia regressado, e sua mãe, por sua vez, o esperava com impaciencia sobre o limiar da porta... Emfim, elle appareceu, com ar de quem tinha um desgosto.

— Que te aconteceu, desgraçado? Mas tu és mesmo deploravel!

De facto, Totor estava em uma situação deploravel. O seu bello chapeu de palha estava todo estragado, os sapatos cheios de poeira; tinha os cabellos assanhados; o seu collarinho estava torto e com elle a seductora gravata Lavallière de seda branca, que parecia uma trouxa...

Prevendo a setima surra, Totor tomou o partido de berrar de antemão.

— Em logar de gritar, explica-te bem. Que te aconteceu?

Totor contou o facto, pontuando com o seu choramingar:

— Foi o Eusebio que encontrei... Hontem, elle me havia dado um pontapé e fugiu... Hoje, eu lhe quiz dar um ensino... E como Gustavo e Honorio se juntaram com elle e vieram contra mim... acontece que fiquei neste estado...

— Si tu não tivesses começado, elles te teriam deixado tranquillo! A culpa ainda é tua! Pequeno sem vergonha!

E a inevitavel setima surra cantou na pelle do garôto.

Desageitadamente, o collarinho e a gravata foram postos no seu logar; o chapéo foi reformado, os calçados receberam a limpa da escova, o cabello foi penteado e aberto ao meio com um risco certo. Rapidamente puzeram-se á mesa, pois era meio dia e cinco, e era preciso contar vinte minutos para ganhar a cidade, pois a prefeitura, onde tivera logar a distribuição de premios, sob a presidencia do sr. sub-prefeito.

Ao fim do almoço — e quando Totor já havia recebido a oitava surra, por haver derramado vinho na gravata seductora — Mme. Seraphim metteu seu bello chapéo, e puzeram-se a caminho, a largos passos, pois estavam todos atrazados.

Era em julho.

O sol estava abrazador e o calor era insupportavel.

Offegantes, asphyxiados, mãe e filho chegaram á porta da prefeitura.

— E' verdade, e as tuas luvas, Totor? E' tempo de calçal-as.

Não sem hesitar, Totor arrancou do bolso dois mulambos sujos de lama e molhados.

— Foram os outros que as atiraram no riacho, explicou elle.

A nona surra se concretizou instantaneamente. Mas nesse momento justo, o secretario da prefeitura, que espreitava os retardatarios, se precipitou:

— Depressa, Totor! Depressa! E's tu!

Tendo-o tomado pelo braço, elle o levou rapidamente emquanto elle se deixava arrastar, todo vermelho, espantado, o cabello em desalinho, a gravata em desordem, uma face arranhada e a outra estrellada pela ultima bofetada recebida, na oitava sóva; o secretario abria a multidão quasi a soccos e repelões, e fel-o subir a escada do estrado...

Elle chegara no momento opportuno, porque o sub-prefeito annunciava com uma voz grave e solemne:

— Seraphim Victor, primeiro premio de bom comportamento!

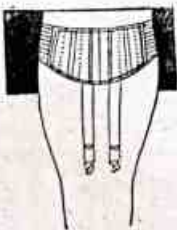
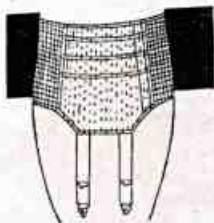
Tenha uma Bella Cutis

UMA Cutis fresca e clara com a suavidade e lustre de velludo, e um delicado tinte natural, natural é um verdadeiro signal de belleza.

Qualquer pessoa póde chegar a obter uma cutis semelhante usando diariamente o Sabonete de Reuter; esse sabonete de toucador, que durante tantos annos tem sido o favorito d'uma multidão de pessoas que exigem pureza e qualidade no sabonete que usam para o banho.

Unicos depositarios: Sociedade Anonyma Lameiro — Rio

A NOTRE DAME de Paris

A casa que mais barato vende em todo Rio de Janeiro

SUAS CINTAS

SEUS SOUTIENS

SEUS PORTA-LIGAS

SEUS MODELOS

são conhecidos e afamados, pela sua elegancia, seu talho irreprehensivel e seus preços inegualaveis.

VISITEM A NOTRE DAME de Paris

Entrada pela Rua do Ouvidor e Largo de S. Francisco

ERA a hora em que as grandes cidades adquirem mysteriosa belleza. A jornada do trabalho e da actividade terminara. Os transeuntes caminham pelas ruas, que o vento fresco da tarde pouco a pouco ia esfriando.

As luzes abrem os seus olhos claros, mas ainda não é noite. A penumbra com os tons amethista do crespusculo envolve em uma neblina côr de rosa, transparente e luminosa, as perspectivas monumentaes, o fim das grandes ruas e avenidas, que o arvoredo guarnece de guirlandas verdes e pallidas, ao anoitecer.

A fragrancia das acacias em flor se derrama, suggerindo [illegible] languidos, de deliciosa illusão. Opprime um pouco o coração, mas o exalta. Os carros cruzam as ruas, devagar, porque os cavallos agradecem o frescor do pôr do sol. As mulheres que os occupam parecem mais guapas, reclinadas tranquillas, dentro da penumbra, ou realçadas ao cutrar no circulo de claridade do pharol, de uma loja elegante.

As floristas passam... Offerecem a sua mercadoria, e dão, gratuitamente, o que ella possue de melhor: o perfume, a côr, o presente dos sentidos... Ante a tentação floreal, as mulheres fazem um movimento eloquente de cabeça, e si são tão pobres que não possam contentar o capricho...

E isso succedeu ás naufragas, perdidas no mar madrileno, afogadas, com o olhar erguido ao céo, com a sensação de cair no abysmo... Mãe e filha já estavam ha um longo mez de residencia em Madrid, e vestiam ainda o luto do pae, que nada lhes havia deixado. Dividas, isso sim.

Como se podia dar que um homem sem vicios, tão trabalhador tão de sua casa, legasse ruina aos seus filhos? Ah, o intelligente pharmaceutico, estabelecido em um povoado, se havia empenhado em pagar tributo á sciencia.

Não contente com montar uma pharmacia, segundo as exigencias do progresso, surtiua de medicamentos raros e custosos. Queria que nada faltasse ali; queria que a sua botica fosse a ultima palavra...

"Que pesar, si o dr. Opropio, o medico receitasse algum medicamento e não o encontrasse no seu estabelecimento!

E que responsabilidade si, por não ter á mão o especifico, o enfermo peora e morre!"

E veio todo o formulario á mão e francez, para a botica desta... E foi um desastre. Nem o dr. Opropio receitou taes primores, nem a gente do povoado os comprou.

Dir-se-ia que as enfermidades guardam estreita relação com o ambiente, e que nos logares humildes só se soffre de males curaveis com sabugo, flôr de malva, de larangeira etc.

Não se póde dizer a um pobre aldeão que o seu sangue está "desmineralisado" e que as suas arterias estão "endurecidas"; e, sobretudo, não se lhe deve falar em radio, mais caro do que o ouro e as pedrarias... Não póde ser! Ha enfermidades de primeira e de terceira classe; padecimentos de ricos e de pobres...

E o boticario morreu de uma vulgar ictericia, ao ver-se arruinado, sem que lhe valessem os seus remedios novissimos, deixando a mulher e dois filhos na miseria.

A pharmacia e os medicamentos apenas deram para saldar as contas do que devia; e as naufragas, em parte humilhadas pelo desastre e em parte soerguidas por ideas fantasticas, com o producto da venda do seu modesto arranjo caseiro se trasladaram para a côrte...

Os primeiros dias chegaram. Que Madrid, que magnificencia! Que grandeza! Quanto senhorio! O dinheiro de Madrid deve ser facil de ganhar... Tanta loja, tanto commercio! Tantos carros! Tantos cafés! Tantos theatros! Aqui ninguem morrerá de fome; aqui todo mundo encontrará collocação... Não se tem senão que abrir a bocca e dizer: "Resolvi dedicar-me a isso ou áquillo. Quero ganhar muito!"

Ellas fixaram a sua combinação muito bem regulada; era muito simples. A mãe entraria para uma casa formal, decente, de senhores honestos, para exercer as funcções de gerente, proprias para uma senhora seria e de respeito; porque

Isso sim, é que devia ser a vida de uma pessôa que não queria perder a dignidade...

A filha maior iria empregar-se como creada, mas numa casa onde a tratassem como bem convinha a uma senhorita de bôa educação, onde não corresse o risco a sua honra, e onde até, si fosse possivel, as patrôas a tratassem como a uma amiga, e vivessem com ella na santa paz do senhor... Quem sabe? Dava-se com bôas creaturas, seria uma filha a mais...

Não deviam pol-a para comer com os outros creados... Comeria á parte, na sua mesinha limpa.

Quanto á filha menor, de dez annos, oh!, nada mais natural. Seria internada em um desses collegios gratuitos, que ha por ahi, e onde se educam as meninas muito bem...

Está bem. Tudo isso é o que ellas idealizavam, desde que emprehenderam a viagem á côrte...

Sentiram grande surpreza, ao notar que as coisas não eram assim tão faceis. Até pareciam embrulhar-se, cada vez mais.

A principio dois ou tres amigos do pae prometteram occupar-se, recommendar... Ao recordar-lhes o offerecimento, responderam com moratorias, com vagas palavras inquietantes... "E' difficil! E' o demonio... Não se encontram casas que sirvam. Os collegios estão abarrotados. Não ha nem trabalho para fóra. Está tudo difficil. Madrid é uma cidade impossivel..."

Aquelles amigos — aquelles conhecidos indifferentes — tinham, naturalmente, os seus assumptos. Que lhes importavam os alheios?... E, depois, vá a gente collocar tres creaturas que fazem tão grandes exigencias! Duas matutas que não sabem da missa a metade... que nunca serviram a ninguem... Muito honestas, sim, porém com tanta honradez... Que valia isso? Mais valia ter um pouco de graça, ser desembaraçada...

Um dos amigos perguntou á mamã, por acaso:

— A pequena não sabe alguma cançoneta? Não dansa? Não toca violão?

E como a senhora se escandalisasse, advertiu:

— Não se assuste, D. Maria. A's vezes, nas pequenas cidades, as moças aprendem essas coisas... Os barbeiros são professores... Conheci um que era mestre em tudo isso...

Passada uma outra semana, o mesmo amigo — droguista, por signal — veio ver as duas atribuladas mulheres, na sua casa de commodos, onde já estavam, lamentavelmente, atrazadas no pagamento do aposento occupado. E, depois de longos circumloquios, lhes deu a noticia de que havia uma collocação para uma dellas. Sim, uma collocação para a moça...

— Não pensem que é para desprezal-a... Ao contrario: é muito bôa... Ganha optimas gorgetas... Talvez uma pesete diaria, ou mais do que isto... Si a joven se esforçar... Apenas ignoro si vocês... Talvez preferissem outra especie de serviço, não? O que acontece é que esse outro... não se encontra. Nas casas dizem: "Queremos uma empregada que tenha pratica do serviço. Não gostamos de domar potros. E aqui ellas se podem desenvolver... Podem até..."

— E'... é... em frente ao meu... — perguntaram com egual interesse mãe e filha.

— E... é... em frente ao meu estabelecimento... Na cervejaria... Um serviço leve, um trabalho de nada...

E' tudo feito por mulheres. Ali, eu poderia ver a menina com frequencia, porque vou á tarde divertir-me um pouquinho. Ha musica e canto. E' agradavel.

As naufragas se miraram... Quasi comprehenderam tudo...

— Obrigado. Minha filha não serve para isso — protestou o burguez recato da senhora.

— Não, não! Qualquer coisa! Isso, não! — declarou a mocinha offendida.

E o tempo correu.

As naufragas sairam para rua, á hora deliciosa do anoitecer. Erguiam os olhos como punhos. Madrid lhes parecia — com o seu luxo, com a sua radiante alegria de primavera — um deserto cruel, uma soledade onde as féras rondam.

Encontraram a florista e, por um instante, se animou o rosto desanimado da joven.

— Mamã, rosas! — exclamou num impeto infantil.

— Teriamos pão para tua irmãzinha! — soluçou a senhora.

E calaram-se... Passavam deante da drogaria.

— Vamos ver... Talvez elle nos volte a falar da collocação... — balbuciou a filha, empurrando a mãe, que baixou os olhos. E com um gesto doloroso, ajuntou:

— Em qualquer logar se pode ser bôa...

A NOIVA

FOI por acaso que o sr. Laurent Chabot conseguiu, naquelle dia, voltar a almoçar na sua residencia. A sua usina de Levallois-Perret lhe tomava todo o seu tempo, sobretudo depois que elle começou a fabricar para o governo certos productos chimicos mysteriosos e de grande importancia para a defesa do paiz.

O seu primeiro chimico, Olivier Moudre, se achava nas primeiras linhas, na Alsacia reconquistada; Laurent Chabot se queixava de não ser secundado nas suas *démarches* para fazer Oliver voltar á sua usina, onde os seus serviços eram indispensaveis.

O industrial se declarava esgotado. Emquanto isso, Mme. Chabot contemplava o seu esposo com uma solicitude que vinte e cinco annos de convivencia não haviam enfraquecido. Colette, a filha adorada do casal, — uma garota viva e morena, de rosto voluntarioso — servia o café de seu pae com gestos precisos e graciosos.

— Papae!... Emquanto trabalhas junto do ministerio para fazer Olivier regressar, devias trabalhar por Bernard. Não vivo mais.

O senhor e a senhora Chabot se puzeram a rir.

— Essa Colette!... — exclamou Mme. Chabot.

O pae collocou a filha sobre os joelhos.

— Mas eu não desejaria outra coisa, minha querida Colette! Apenas eu não vejo nenhuma possibilidade!

— Papae!... estou terrivelmente inquieta! Sabes que o sr. Sauvette está num sector terrivel! Alli se bate sem cessar!

— Sim, minha filha. Mas si eu posso fazer Moudre voltar? Moudre fazia parte do meu pessoal, antes da guerra. Posso reclamal-o na qualidade de patrão. Mas não posso fazer o mesmo em relação a Bernard. Teu noivo, minha querida, é um architecto de grande talento, concordo.... Mas, emfim, não ha necessidade delle, na retaguarda....

— Queixas-te de tola que és — disse Mme. Chabot. — O teu noivo está a caminho. Irás vel-o durante nove dias. Dois dias mais que os outros!

— Ahi está! — respondeu Colette, vivamente. — Tres palmas e uma medalha militar! Devem-lhe bem essa homenagem. Mas nove dias é coisa que passa depressa. Depois recomeçarão as angustias!

Os paes de Colette approvaram, de todo coração, a escolha que a filha fizera, de Bernard Sauvette, rapaz forte, distincto, e que se conduzia como um heroe; mas ignoravam que o amor de Colette pelo rapaz attingira um extraordinario grão de exaltação.

A propria pequena não se apercebia disso. Mas a explosão se produziu quando ella se encontrou em presença de Bernard e sentiu, amadurecida pela inquietude, que aquelle homem encantador e apaixonado se tornara indispensavel á sua vida.

A noiva, reservada e razoavel, se transformou subitamente em uma apaixonada. Uma especie de mysticismo a dominou. Quiz dar ao seu amor uma brilhante e immediata consagração. Atirou-se aos braços de Bernard e declarou-lhe:

— Nós nos amamos! E' preciso que nos casemos o mais breve possivel. Nós bem podemos fazel-o! Não quero que regresses ao *front* sem que eu me tenha feito tua esposa. Tu ficarás mais meu amigo, viverás commigo dentro da alma, e eu te relembrarei com mais carinho!

— E teus paes, que dirão?

— Meus paes querem o nosso casamento. Pois se opporiam elles a uma coisa tão natural? Tu não amas senão a mim, não é verdade? E eu não poderei amar a outro homem.... E' preciso que nos unamos para a felicidade como para o infortunio.

Tornando-se grave, Bernard, apertando Colette contra o peito, pronunciou:

— Eu te amo mais que tudo neste mundo e não terei outra mulher que não sejas tu. Mas tenho medo, Colette! Tenho medo! Posso morrer e

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL
SECÇÃO

A NOIVA - (Conclusão)

um momento para outro, e o pensamento de que pudesses ficar viuva, na tua edade, depois de um casamento de algumas horas... esse pensamento me afflige! Não tenho o direito de dispôr de todo o futuro de uma mulher, quando a minha vida não depende senão do acaso...

A luta foi encarniçada.

O pae e a mãe se oppuzeram á vontade de Colette com argumentos tirados á razão e á experiencia.

Admiraram os escrupulos de Bernard. A affeição do casal augmentou pelo noivo da filha, mas os tres se colligaram contra ella, que, desde então, se concentrou numa resignação inquietante.

A vida, comtudo, retomou o seu curso, na casa do sr. Chabot.

Bernard troca com a noiva lindas cartas de profunda ternura. Pouco a pouco, Colette se tornou a Colette de outr'ora. Fez-se calma.

Ella agora só deseja ver Olivier Moudre, o chimico do pae, que voltou á usina de Lavallois-Perret.

Com esse soldado, desmobilizado, ella conversou sobre o outro, o Bernard, que se bate nas trincheiras.

Colette pede detalhes a respeito da vida no *front*. Olivier attende ao seu pedido, attenuando os soffrimentos extremos dos nossos heroes, mascarando aos olhos da joven, inquieta, os perigos que elles correm a cada instante.

Conhece o amor dos dois jovens, quer consolar a alma palpitante de Colette.

Saberá ella que Olivier a adora em segredo? E isso desde muito tempo? Talvez.

Mas ella sabe tambem que Olivier nada dirá sobre isso. E como ella é mulher, e muito desgraçada, acceita que outro ser humano seja desgraçado ao lado della.

Laurent Chabot e Mme. Chabot adivinharam o amor silencioso de Olivier pela sua filha. Lamentam a sorte do rapaz: "Um dia, Olivier se casará... Tudo passa... Tudo passa... Tudo se esquece..."

* * *

O raio cahiu.

Em um ataque, Bernard, sempre temerario, foi morto. Em casa dos Chabot, houve um grande estupor. Mas dentro em pouco se ouvem gritos e censuras terriveis. E' Colette que accusa os paes com vehemencia! Ella se exalta:

— Queria ser sua esposa! Eu devia ser sua mulher! Vocês não tinham o direito de me impedir de fazel-o! Crêm talvez que agora não sou tambem uma viuva? Está acabado! Trarei luto por elle, de hoje em deante! Sou Mme. Souvette! Prohibo que me chamem de outro modo! Elle é meu marido, o meu pobre Bernard! Foi meu marido que perdi!

Chabot e sua mulher a olham espantados. Estão mudos. Mas o soffrimento da filha os atormenta!

— O tempo! Só o tempo!... — diz o pae, em voz baixa.

Ora, como Olivier Moudre soube de tudo que se passou, correu ao encontro da moça. Colette fugiu, lançando gritos de dôr:

— Elle! Não o quero ver!

— Mme. — disse Olivier a Mme. Chabot — vou deixar a usina. Vou retornar ao *front*. A sua filha ficou me odiando. A minha presença, para ella, é motivo de desgosto. O sr. Chabot não quiz comprehender. Mas a senhora deve comprehender tudo! Tudo! Si a senhora soubesse...

Mme. Chabot fez-se muito pallida. Interrompeu-o com uma voz um pouco tremula:

— Adivinhei, meu amigo. E tambem lhe devo dizer: "Tenha coragem... Fique!" Não pergunte mais nada ás pessoas experientes como nós. Nada mais podemos adeantar. Fique, Olivier, fique!

EVA DE HOJE...

De DANTE COSTA

ERA uma pequena moderna. Dessas que se exhibem prazeirosamente pelos salões e mesmo pelos «dancings» mais ou menos suspeitos.

Por signal, foi num desses que a conheci.

Vou logo avisando, para salvar a minha boa fama de rapaz bem comportado, que essas casas me parecem absolutamente desinteressantes. Não as freqüento.

Mas, naquella tarde, o friosinho que fazia, a falta de occupação e a insistencia de amigos fizeram-me subir as escadas polidas de um "dancing".

Deixámos as luvas, os sobretudos e os chapéos com um homem amavel da portaria, e logo um batalhão de «garçonettes» nos levou á nossa mesa.

Eramos tres: Mauricio de Jordão, pintor cubista, Carlos de Lima, que era poeta, e eu, que não era nada.

Ficamos os tres assim, a bebericar Martins e a contar aventuras interessantes de mulheres fataes... e imaginarias.

Havia muita alegria, muita vida, um barulho confuso de casa de doidos.

Numa mesa perto, uma mulher, de grandes olhos negros e bocca rasgada, dizia coisas para a inconsciencia dinheirosa de um velho de gravata «plastron» e polainas brancas...

Depois, na outra, um sujeito só, todo de preto, com uma pedra roxa na esplendida gravata de seda.

Para um bom analysta, aquella sala era uma fonte enorme de typos e coisas interessantissimas...

Desde o homem de negro á mulher que entra só com a sua tristeza. Desde o menino imberbe, á pequena moderna, desajuizada e futil.

Os meus olhos foram correndo pelo salão e pararam lá no fundo, numa mesa animada pela alegria de quatro lindas cabeças. Dezoito ou dezenove annos presumiveis.

Foi nesse ambiente que eu conheci Clarinha Santos. Era uma das quatro occupantes dessa mesa alegre lá dos fundos.

Um acaso qualquer nos aproximou. Nem me lembro como.

O facto é que dansámos e flirtámos o bastante, para que nessa mesma noite eu a fosse buscar no meu carro negro de turismo.

Era adoravel! Esguia, uma bocca linda, uns olhos lindos, ria um riso que era um convite e uma provocação...

Mas tinha o máo habito de ser moderna.

Digo máo habito, porque, apesar de todas as doidices que fazia, Clarinha Santos era, no intimo, uma creatura aproveitavel, de bons sentimentos, mas sem nenhuma orientação na vida.

Dahi essa corrida louca para todas as sensações.

Os cinemas e as casas de chá ganhavam a sua presença encantadora, como molduras brilhantes para a sua elegancia de Eva de hoje...

Ia áquelle «dancing», não porque gostasse, mas arrastada somente pelas insinuações de amiguinhos pouco escrupulosos.

Porque Clarinha Santos era um espirito fraco. Malleavel. Um espirito bem orientado, seria uma optima mulher.

Infelizmente, só passavam na sua vida homens que não chegavam a se aperceber della... Eram todos, os fascinados pela graça envolvente da sua pessoa.

Eu fui um delles, confesso.

Fizemos juntos muitas aventuras doidas. Festas, passeios, chás, cinemas, longas excursões, tudo se foi em tres mezes de romance.

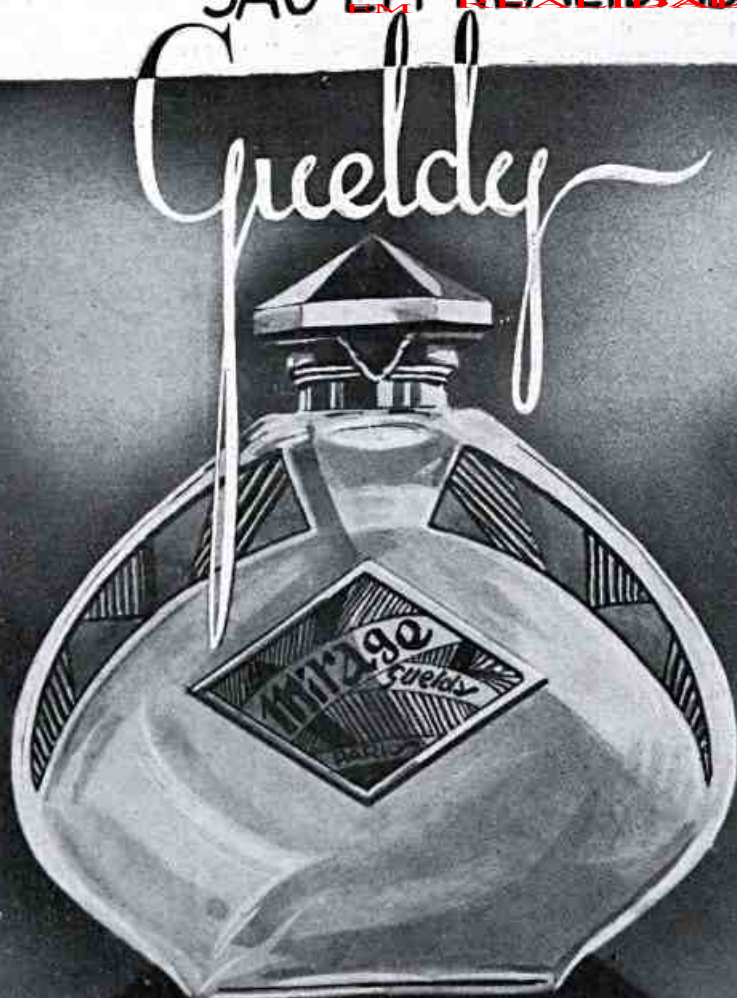
Depois, quando descobri a outra personalidade de Clarinha Santos, o outro lado da sua alma, o lado bom, sincero, afastei-me.

Assim foi melhor.

Afastei-me, e a primeira noticia que tive de Clarinha Santos é esta que este jornal de hoje me trouxe. Diz simplesmente que Clarinha Santos se casou com um senhor muito distincto, «do nosso alto commercio», porém bastante mais velho que ella...

Infelizmente, esses senhores distinctos, "do nosso alto commercio", já passados nos annos, não sabem nem podem conduzir habilmente as mulheres...

E é uma pena. Porque Clarinha Santos, com alguem que a orientasse melhor, seria uma mulher absolutamente egual ás que nunca frequentaram "dancings", nem fumaram, como ella fazia, carissimos «Abdullahs» opiados...

"MIRAGE", QUE GUELDY,
COM HABILIDADE
TRANSFORMOU DE ILLU-
SÃO EM REALIDADE

A VENDA NAS PERFUMARIAS:
Cirio, Bazin, A Capital, Carneiro, Lopes,
Mascotte, Avenida, Ramos Sobrinho, Garrafa
Grande, Hortense e todos no genero

O RIO

De

R. MAGALHÃES JUNIOR

CHAMAVAM-N'O "Rio das Seismas". E elle apparecêra já em varios sonetos amorosos de alguns poetas errantes que vagaram nas suas margens meditativos e sonhadores.

Naquella manhã dourada de primavera, o sol esmaltava-lhe as aguas marulhantes, dando-lhe um reflexo de prata velha, que offuscava a vista dos espectadores.

A' beira do "Rio das Seismas", dois homens passeavam, pensativos, como que engolfados em cogitações transcendentaes.

Um era engenheiro. O outro era poeta. Encontraram-se. Conversaram.

— Este rio, — disse o engenheiro — ha de servir de berço a uma grande cidade...

— As suas aguas, — accrescentou o poeta — parecem cantar a symphonia da tristeza universal...

— A força hydraulica captada nesta corrente, — proseguiu o engenheiro — poderá impulsionar os machinismos mais poderosos...

E o poeta:

— A sua agua limpida reflecte as imagens exteriores tão bem como a fonte de Narciso...

E conversaram muito tempo mais. O engenheiro calculando mathematicamente a força da corrente e o poeta fazendo divagações lyricas em torno do "Rio das Seismas".

Passaram-se dois annos. E, ao fim delles, naquelle local já existia uma cidade, um nucleo industrial bem organizado.

E o ambiente se enchia do barulho dos machinismos que gyravam sem cessar, das locomotivas que passavam apitando e do silvo agudo de innumeros guindastes. Tudo era labor, tudo era actividade, tudo era agitação.

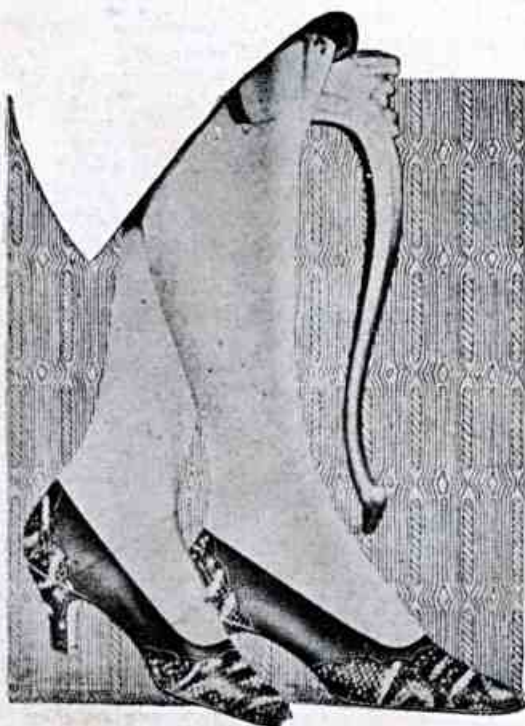
No "Rio das Seismas" fôra feita uma enorme barragem. E os apparelhos hydraulicos, os possantes dynamos alli collocados, os paredões de cimento armado haviam tirado toda a poesia á paizagem, cuja physionomia soffrêra tambem muito com a construcção das habitações operarias que havia em torno.

O poeta, então, novamente se encontrou com o engenheiro. Este estava alegre. Aquelle, tristonho. O engenheiro foi o primeiro a falar.

— Então, meu caro poeta, todo este progresso não te commove?

O poeta, olhando-o de soslaio, tornou, magoado:

— Ora... Você estragou o meu rio...

E recuou como si fugisse de uma féra, rolando pela barragem abaixo. Uma roda, enorme e veloz, alcançou-lhe o corpo, partindo-o em centenas de pedaços, que a voracidade das piranhas em poucos minutos fez desapparecer...

O melhor presente para festas encontra-se
em todas as boas casas do ramo
Columbia
Columbia
Distribuidores geraes: BYINGTON & Co.
RUA GENERAL CAMARA, 65 RIO DE JANEIRO
S. PAULO — SANTOS — CURITYBA — PORTO ALEGRE — RIO GRANDE — RECIFE

O REGENTE DE THEATRO

DE MIGUEL ZAMACOIS

DEPOIS de ter feito, durante vinte annos, uma pessima comedia, Bernardini se havia tornado um excellente segundo regente de *tournées* theatraes. Elle desempenhou as suas funcções com muito zelo, durante onze annos, ao fim dos quaes se realizou o seu sonho, que era ser promovido regente em Paris!

O seu patrão Boucherval, o empresario, muito conhecido, o informou um dia que, satisfeito com os seus serviços, elle o nomeou regedor do seu theatro de Courbevoie: regente a pé, "falando ao publico".

O bravo Bernardin por pouco não desfalleceu; elle balbuciou alguns agradecimentos, e pediu permissão para ir annunciar a boa nova á sua esposa.

Esta havia sahido. Então, elle desceu novamente e, fazendo a porta da sala do porteiro oscillar, elle disse:

— Sr. Torgelat, previno-o de que fui nomeado em Courbevoie, regente a pé, "falando ao publico"...

Elle saboreou a expressão admirativa pintada, subitamente, sobre o rosto do sr. Torgelat, e correu ao theatro, esperando lá ver effeito centuplicado. Mas, como eram tres horas da tarde, e como não havia repetição, o theatro estava deserto, e Bernardini não ousou informar o porteiro, que, presa de um accesso de gotta, não parecia estar no caso de se interessar pelo seu successo estupendo.

Bernardini saltou para um omnibus e foi ter ao café do *boulevard* Saint-Martin, centro de reunião de todos os *mentons-bleus*, em disponibilidade. A nova causou uma grande impressão; um regente a pé "falando ao publico", era uma importante personalidade a saber conduzir: as felicitações desfilaram, exageradas e espalhafatosas.

Chopps foram encommendados. E todos alli beberam por motivo do augmento de salario e da generalização da *vedette*, programma cuja realização não estava longe, visto o acontecimento Bernardini.

Bernardini voltou em seguida á sua residencia. A sua mulher já havia chegado.

— Beija-me, Bichette, ahi está. Meu sonho — o nosso bello sonho — é uma realidade... Foi concretizado no meu desejo... Advinhas...

— Vaes tocar novamente, Armand Duval! — exclamou Bichette, com lagrimas nos olhos.

— Melhor que isso: fui nomeado regente a pé no grande theatro de Courbevoie... Regente "falando ao publico"...

— Não?

— Sim, Bichette! Regente a pé, isto é, o mesmo que director, pois que Boucherval não vem senão na ultima repetição das peças, e dez minutos somente em uma representação, para ver si tudo vae bem...

— E o regente "falando ao publico"?

— Sim, era isso o meu grande sonho, sobretudo! Ser o senhor que, nas occasiões graves, deve apparecer em casaca, no meio do silencio ou do rumor, explicar ao publico a causa de uma demora, a razão de uma mudança... Para isso, é necessaria uma grande linha, um certo tacto, presença de espirito, sem contar com a facilidade de elocução.

— Conseguiste tudo isso, Bernardini!

— Certamente; mas, tambem, é uma grande prova de confiança que Boucherval me dá! Deixa lá! Estou á altura de tal cargo. E á noite saberei abrir caminho, entre os meus collegas, quando isso fôr necessário.

Bernardini entrou em funcções e, desde então, não viveu mais senão na esperança de tomar a palavra, para annunciar qualquer coisa ao publico.

Mandou retocar a sua casaca, que já estava um pouco estreita; comprou um peitilho de camisa, uma gravata branca, e, de occasião, um par de *escarpins*. Tudo isso foi guardado em um armario especial de regente.

Decidiu-se a fazer a barba diariamente, afim de estar prompto para qualquer chamado.

Tomou um curso de dicção para readquirir a sua excellente articulação de outr'ora. Graças á tirada do Figaro, frequentemente declamada, elle reencontrou a volubilidade, e a narrativa de Theramène lhe deu a nobreza que havia sido antigamente a sua qualidade dominante.

Elle se limitou tambem a pequenas e poucas repetições julgadas necessarias. De quando em quando, no theatro, á hora da solitude, elle avançava, com o panno meio erguido, até ás gambiarras (apagadas), saudava o publico, respeitosamente, e explicava, em termos escolhidos, ao grande vacuo, que era então a sala, explicava que Mlle. Gordelli, a joven primeira figura, atacada de um mal subito, solicitava indulgencia; ou, então, que o sr. Frandolin, tendo machucado um pé, devia ser substituido pelo sr. Bogligeard "au pied levé" — o que no seu pensamento era uma prova de espirito.

Um dia mesmo, elle chegou a organizar uma especie de repetição geral, deante de sua mulher, sua filha, dois amigos, o *souffleur*, o ascensorista e as duas habilleuses. Applausos calorosos acolheram o seu annuncio ficticio, muito bem preparado, e todos foram de opinião que elle podia esperar tranquillamente a occasião de uma intervenção real.

* * *

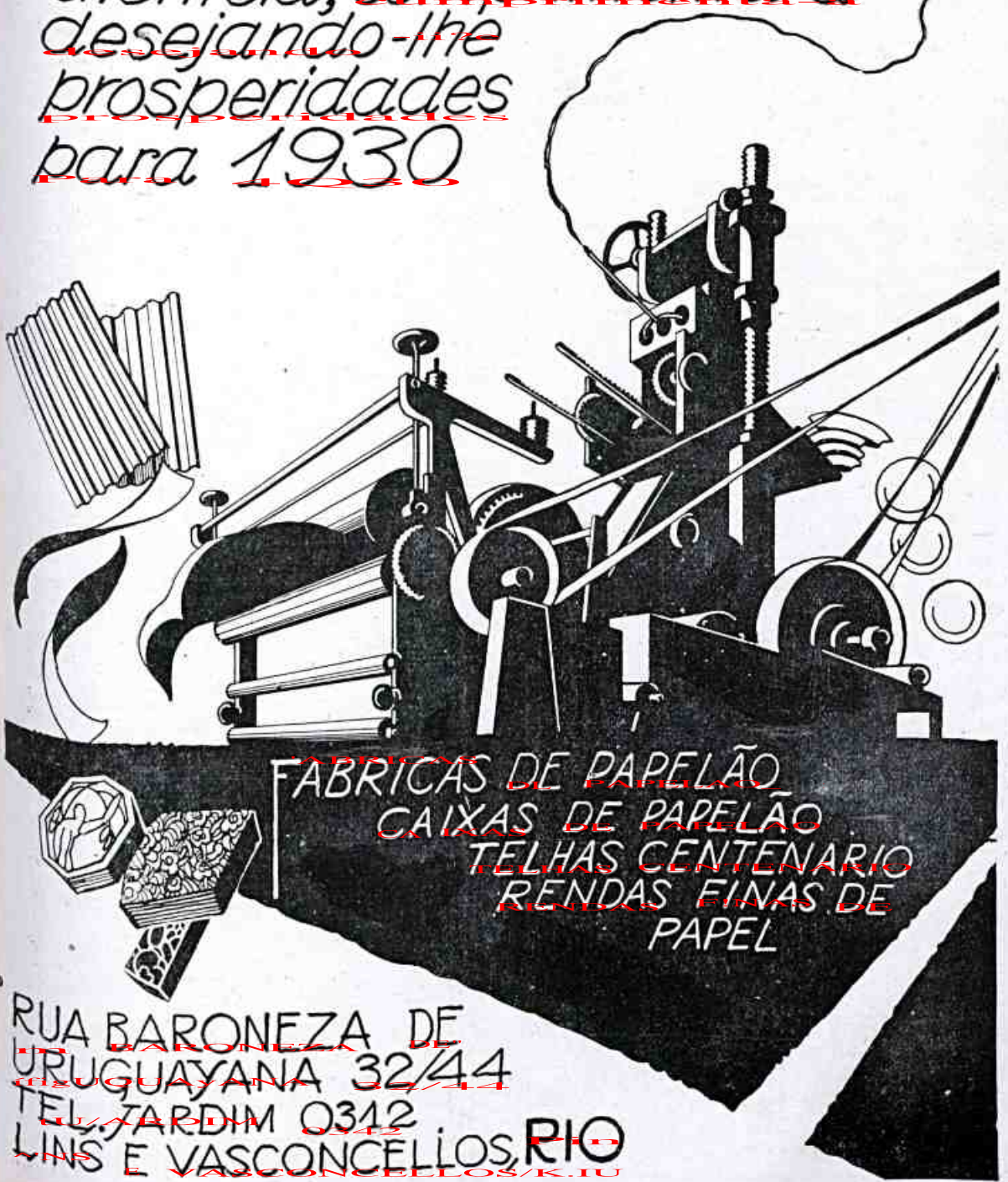
Entretanto, o tempo passava e, por uma incrivel fatalidade, nenhuma occasião apparecia, que permittisse ao excellente Bernardini dar a medida do seu valor.

Diversas vezes, elle havia pensado que a gloria, a noite de gloria, havia chegado para elle, uma vez que um artista lhe houvesse dito, á tarde, que estava enfermo e que seria necessario, talvez, substituil-o; que houvesse um intervallo mais longo, por causa dos machinistas; mas cada vez as coisas se arranjavam na ultima hora: o artista se sentia melhor, assim ao escurecer, e os machinistas resolviam trabalhar *in extremis*.

Mezes e mezes passaram, durante os quaes — cumulo de azar! — nenhum acontecimento desagradavel, nenhum accidente permittia a Bernardini fazer valer o seu titulo publicamente. Elle era um regente "falando ao publico", que nada tinha a lhe dizer...! Que decepção! Mais do que isto: que vergonha!

Certa noite, comtudo, uma angustia invadiu o pessoal do theatro, e principalmente o regente responsavel: eram oito ho-

INDUSTRIAS REUNIDAS SÃO LUIS LIMITADA

Agradecida pela preferencia que lhe dispensa sua selecta clientela, cumprimenta-a desejando-lhe prosperidades para 1930

RUA BARONEZA DE URUGUAYANA 32/44
TEL. JARDIM 0342
LINS E VASCONCELLOS, RIO

ras, o panno devia ser levantado ás oito e tres quartos, sobre o primeiro quadro "La Jeunesse des Mousquetaires", e d'Artagnan não estava presente. Sim, quinze minutos antes da campainha vibrar, Foledorge, o protagonista do drama, a "coqueluche" do publico, não só não estava no theatro, mas ainda não tinha nada a dizer... Era angustioso!

Bernardini entreviu a famosa occasião tão desejada. Elle mandou um garoto avisar a sua esposa que devia vir ao theatro a toda pressa, com Zezette, sua filha, e com os vizinhos e amigos, caso estes ainda não estivessem dormindo; depois, com sangue frio, a calma de um commandante de de navio, em perigo, elle deu as suas ordens:

— Grivelet! Tu és da estatura de Foledorge. Veste a sua roupa... Farás o seu papel... Brigout te substituirá duas vezes, e um mosqueteiro será supprimido...

Agitação...

O REGENTE DE THEATRO

(Continuação)

Emquanto Bernardini se preparava, Grivelet fez a sua irrupção, a physionomia alterada:

— Foledorge levou a roupa delle!

— Diabo! Emfim a de Brigout, e desce... Vou fazer a minha parte, annunciando ao publico o que se dá...

Bernardini applicou o peitilho sobre a sua camisa, fosse lá como fosse; poz a gravata, calçou os "escarpins", vestiu a casaca empoeirada, e, quando o panno se ergueu, avançou para as gambiarras, no meio de um silencio de morte... Saudou, cerimoniosamente, o publico da direita, onde se installaram a sua mulher, Zezette e os vizinhos amigos, todos em *toilette* de noite, sob *manteaux*; saudou a esquerda, aliás vazia, saudou o meio e, um pouco pallido, pela emoção, começou:

— Senhoras e senhores... O sr. Foledorge, o brilhante comediante que desempenha o papel de d'Artagnan em *La Jeunesse des Mousquetaires*...

Nesse momento, "ahn! ahn!" desesperados partindo das galerias, attrahiram a attenção de Bernardini... Elle arriscou um olho á direita, emquanto tomava respiração, a proposito, e, com grande estupefacção, percebeu Foledorge, que, trajado á d'Artagnan (que fôra durante o dia ao photographo para se reproduzir com aquella "toilete") lhe fazia signal com o relogio na mão que estava na sua hora e que ia entrar em scena.

Que fazer? O infortunio do Bernardini perdeu a presença de espirito:

— O sr. Foledorge — recomeçou — o brilhante comediante, que... que faz o papel importante de... de... d'Artagnan... está ali... e, por consequencia, vae desempenhal-o... com o seu talento habitual...

E emquanto o desgraçado regente se retirava multiplicando as suas saudações, os espectadores, embasbacados, se perguntavam a razão de ser daquelle aviso, que não tinha, absolutamente, nenhuma significação.

Nuit de Noël
Caron
Paris

ANNO XXIII

NUMERO 51

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 21 de Dezembro de 1929

O Pastor dos Pastores

O céo alto e claro daquella noite luminosa, brilhou vivamente uma Estrella nunca vista. E a sua luz se derramou, como um balsamo, pelos campos sem fim, prateando as paredes dos casaes aninhados no fundo dos valles tranquillos.

Jehu, o chefe dos pegureiros, cahio de joelhos no topo do monte e exclamou:

— E' o Filho de Deus que acaba de nascer! Vamos a Bethleem adorar o Messias!

O bando de zagaes metteu os rebanhos nos redis, atirou sobre os hombros os anhos das offerendas, assobiou aos grandes cães peludos e se pôz a caminho, fazendo resoar na terra dura a ponteira ferrada dos seus longos e recurvos cajados. E buscou pelo recosto das collinas e por entre as azinhagas sombrias a estrada de Bethleem.

Ao mesmo tempo, de outras paragens, os sequitos dos Reis demandavam a humilde estrebaria, onde sobre a palha da mangedoura, sorria o Menino Deus. Cavallos arabes de pescoço encurvado, alvos como a neve do Carmelo. Elephantes lentos, côr de cinza e côr de leite, enxairelados de purpura. Camellos e dromedarios com as altas gibas cobertas pelos amplos tapizes de escarlata. Guerreiros faulhantes e escravos carregados de presentes: de myrrha, de incenso e de oiro. A frente, os Magos coroados que estudavam no eirado dos seus paços reaes a marcha dos astros, traçando no espaço o destino dos homens e a sorte das nações.

E a Estrella levava-os todos para o mesmo logar.

Os guias de rebanhos adoraram o Senhor pequenino e, depois, ficaram de joelhos sob a luz da Estrella, em volta do estabulo. Os guias de povos adoraram o Senhor pequenino e, depois, sahiram para onde estavam os pastores. Então Melchior, o aryano, ergueu a mão em que faiscavam joias e, fitando Gaspar, o turaniano, e Balthasar, o chamita, disse com emphase:

— Elle ha de ser o Rei dos Reis!

E Jehu, o chefe dos pegureiros, falou para os seus irmãos, com uma convicção profunda, que os commoveu:

— Elle ha de ser ainda maior! Porque será o Pastor dos Pastores!

JOÃO DO NORTE

Evolução

De

ANNA AMELIA DE QUEIROZ CARNEIRO DE MENDONÇA

CELEBRAVA-SE, no seio da floresta brasileira, a festa da arvore no dia da primavera.

Canticos escolares, ceremonias symbolicas, orações de poetas e de homens de trabalho, todo um ritual novo para o novo culto.

E entre os louvores unisonos que recebia a heroina vegetal dessa consagração, alguns me pareceram tão expressivos da nossa época e da nossa vida moderna, que despertaram em meu espirito uma flagrante comparação: a arvore e a mulher encaradas pela sociedade contemporanea.

Ha um seculo a arvore tinha, como a mulher, uma unica finalidade e um unico dever: fructificar. Uma arvore sem fructos ou uma mulher sem filhos, era o ser amaldiçoado pelo Senhor, o corpo esteril que não preenchia no mundo a sua razão de ser.

Debalde a arvore, magnanima, estendia pelo espaço os ramos bemfazejos, acolhendo ninhos, espalhando sombra. Em vão a mulher amorosa repartia-se em carinho e em ternura para os filhos alheios, ou dedicava ao homem todo o thesouro da sua vida ingloria.

O machado do lenhador destruia aquella sem piedade. A lamina fria do desprezo desferia sobre esta o golpe de morte no coração.

Mas o tempo mudou. A arvore, serena, continuou a abençoar os homens, impondo-lhes a comprehensão da sua grandeza multiforme.

A mulher, sublime, continuou a purificar a vida pela bondade e pelo amor, impondo ao mundo a comprehensão da sua verdadeira finalidade, demonstrando ao homem que, alem da gloria de ser mãe, ha mil e uma fórmas de se realizar na vida a gloria immensa de ser mulher.

ONDE o berço de perolas? Tão pobre,
Este é tecido em palhas de um curral.
Mas daquelles que a purpura recobre
Nenhum como este, no esplendor egual!

O rustico presepe é casa nobre
Em que dos reis o rei viu luz terreal:
A corôa de Mãe lá se descobre
Na mesma alva capella virginal.

Emquanto, sobreangelica, sorria
A Immaculada, um cantico eternal
Subiu da terra ao céo, paz e alegria...

E homens, estrellas, valles e florestas,
Rios, mares, vozearam entre festas:
Bemdito o que nasceu, Natal! Natal!

ALOYSIO DE CASTRO

O RETRATO

Que tenho eu esta tarde? Que tenho eu
que procuro explicar e não consigo?
Quiz trabalhar, não pude; ler, não pude.
Abri o piano: o piano emmudeceu.
Uma carta, quem sabe? — «Meu amigo»...
Qual! Hoje não. A penna hoje está rude.

Olho em torno de mim buscando ensejo
de me tornar esquiva a esta obsessão.
Por sobre a mesa, imperturbavelmente,
o teu retrato, que conheço de sobejo
e que não muda de expressão,
olha-me bem de frente.

Ora, afinal, este retrato irrita.
E' sempre o mesmo. Não responde nada
ao desvelo constante com que o trato.
Absoluta mudez. Calma infinita.
Queres saber que mais? Estou cansada
deste retrato!

Si elle ao menos falasse qualquer cousa,
um «bom dia» que fosse, quando o tomo
entre as mãos, de manhã, quando lh'o digo,
illudida, a espreital-o... Mas não ousa!
Queda impassivel, gelido, hirto, como
si não tivesse nada a ver commigo!

Examinemol-o de perto. O olhar, que diz?
Limpido, elle é. Bello, tambem. Ardente e moço,
não se pode negar que o seja. E então?
Aguço o ouvido mais... Dir-se-ia que o ouço:
«Minha amiga, não vês que sou feliz
nem sentes que é por ti que ardo neste clarão?

Não te parece que ando embriagado de vida
unicamente pelo facto
de haver aprofundado um dia o teu olhar?
Não percebes que tenho a alma aturdida
de sonho, embora seja apenas um retrato
que não perdeu, comtudo, o direito de amar?»

Mais outras phrases diz... Em verdade, é surpreza!
Sobre o tedio de ha pouco, a alma aos poucos se expande.
Mas o que agora me faz mal
é imaginar que não encontro mais defesa:
pois si o retrato tem um prestigio tão grande
que não será do original?...

Infortunio

CONTO DE MARTINS CAPISTRANO

CONHEÇO muitos casos tristes de infelicidade conjugal, mas nenhum tão impressionante e tão estranho como o de Clara-Lucia. E' um caso que sacode a sensibilidade da gente. Um caso amargo da vida.

Clara-Lucia é uma mulher de belleza deslumbrante. Possúe todos os encantos ephemeros e ainda os encantos que não morrem. E' bonita, é intelligente e é, sobretudo, immensamente bôa. São qualidades que todos lhe reconhecem, ou adivinham ouvindo-lhe a voz tão doce e olhando-lhe os olhos tão compassivos.

E Clara-Lucia está ainda na idade luminosa da seducção. E' moça Tem 25 annos. Apenas.

Pois Clara-Lucia, com todos esses predicados e com os seus vinte e cinco annos desabrochando em formosura, não se considera feliz. Por que?

Ouvi-a, hontem, na melancolia da tarde cinza, emquanto esperavamos o chá fumegante que o «garçon» fôra buscar. Clara-Lucia desabafou commigo, desoladamente. E contou-me a sua historia mais ou menos assim:

— Você pensa que eu sou feliz só porque tenho mocidade, um marido rico e esta filhinha que me acompanha para toda parte... Pois, meu amigo, eu sou a mulher mais desgraçada que possa existir...

Fiz um gesto de espanto e procurei fitar Clara-Lucia nos olhos, para ver si adivinhava a sua historia antes que ella ma contasse. Clara-Lucia não pareceu notar o meu intuito. Acariciou a cabeça loira da bonequinha que tinha a seu lado, e, impassivel, serena, fulgurante, continuou:

— Imagine que eu sou casada ha cinco annos e nunca soube o que é o amor...

— Você me alarma, Clara-Lucia!

— Sim. Nunca soube o que é o amor. Escute-me. Casei-me com um homem que me adora...

— Então?...

— Mas não sabe zelar pela esposa. Não sabe guardal-a, não sabe defendêl-a convenientemente contra as tentações do mundo, as tentações do nosso século... Não tem ciúmes de mim! E' indifferente. De uma indifferença que tortura a minha sensibilidade de mulher.

— Mas, você não acaba de dizer que elle a adora?...

— Adora a minha ternura feminina, a minha suave melancolia, os meus anseios, toda a minha alma temperada de bondade e de amor. Desdenha, porém, o meu corpo, a minha belleza physica, as «minhas qualidades» que os outros homens admiram... E isso é immensamente doloroso para mim. Meu marido dá-me todo o conforto, proporciona-me tudo o que eu desejo, mas nega-me exactamente aquillo que eu mais quereria que elle me concedesse: um pouco desse amor violento que todos me offerecem e que a minha mocidade reclama... Eu desejaria de meu marido um pouco mais do que a sua delicadeza, um pouco mais do que o seu carinho, um pouco mais do que o que o seu coração me dá: deseja-

(Conclúe na ultima pagina da revista)

O ACASO...

— Bom dia.

— Oh! Que feliz encontro...

— Devéras?!

— Ha muito que não tinha o prazer de vel-a. Esteve ausente do Rio?!

— Não.

— Extraordinario!

— Realmente, numa cidade tão pequena...

— Pequena?!

— E' que a cidade se resume numa calçada lateral da Avenida, *tout court*...

— *Blagueur!*

— Pois não mudei de habitos.

— Escrevendo sempre coisas galantes?

— Sempre que posso...

— Dizendo mal das mulheres?...

— Dellas só digo mal, quando muito me fazem soffrer...

— Então quando...

— Quando a gente quer muito uma mulher, é fatal que della ten de dizer mal.

— Engraçado!

— Nem sempre.

— Como?!

— Porque, ás vezes, ella nos faz chorar...

— Podia explicar-me essa coisa?!

— Não vale a pena.

— E, agora, o que faz?

— Como vê, retempero-me ao sol, fazendo horas para brincar um pouco com aquellas ondas que beijam, mansamente, a orla da praia.

— E emquanto espera...

— Contemplo as figurinhas de carne que passam deante dos meus olhos.

— Doce prazer.

— Talvez...

— Não acha?!

— Nem sempre.

— Não comprehendo!

— E' muito difficil explicar certos estados de alma.

— E eu sou tão curiosa...

— Pois é... Passa tanta gente deante dos meus olhos e raramente vejo alguem.

— Interessante!

— Entretanto, quando aqui estou deitado na areia fulva, de palpebras cerradas, quasi sempre vejo quem eu quero, quem vive dentro dos meus olhos...

— Bonito!

— Muitas vezes sinto o perfume que se desprende de um corpo conhecido, levanto a cabeça, e certifico-me de que tudo é illusão, pois não está ninguem ao pé de mim.

— Sabe de uma coisa?!

— Qual?!

— Você faz medo á gente...

— Medo?!

— Sim, eu tenho medo de você. Não sei explicar-me, mas, tenho a impressão de que você é um homem vivido, um homem de quem as mulheres devem fugir.

— Fugir?!

— Os seus escriptos, as suas palavras, os seus olhos causam-me crispações de nervos.

— Que loucura!...

— Verdade. Eu passava, longe, porém, quando o avistei não resisti ao desejo de indagar do motivo da sua grande ausencia.

— E está arrependida?!

— Sim, isto é, propriamente...

— Sempre a tive commigo...

— Hein?!

— A imagem da tentação e do peccado, em *maillot*, que sempre viveu commigo...

— Que?!

— Serio.

— Não dizia que você faz medo á gente?! Deixe-me fugir...

— Ninguem foge ao seu destino.

— Que homem terrivel!

— Não acredito que as nossas idéas marchem em linhas parallelas...

— Devo partir...

— Eu tambem, porque se faz tarde.

— Perdeu hoje o seu banho de mar...

— Mas, ganhei um lindo sorriso de mulher!

. . . .

Copacabana estremecia n'um forte abraço de luz...

Mario Poppe

(*Illustrações de Marcelo Roberto*)

Maria Eugenia Celso.

ORAÇÃO DE VM SAPATO DE GENTE GRANDE

"O sapato
que hoje a teus pés, Menino-Deus, deponho,
— pobre de mim!... — já não é mais
o sapatinho ingenuo da creança.
Intemerato
calçado de esperança,
a transbordar do sonho
de um mundo de brinquedos celestiaes.

Roto e abatido
de tanto, inutilmente, em mil caminhos,
o caminho ignoto buscar
onde a jornada menos rude fosse.
Desilludido
de saber afinal qual a illusão que o trouxe,
entre calhaos e espinhos,
á procura de um pouso ou de um altar.

Este pobre sapato
tão vazio, tão triste, tão cangado,
innocente não é.
Mas, embora talvez errasse, Deus-Menino,
agora timorato
como se fosse ainda pequenino
e pudesse esperar o presente encantado
que dás aos sapatinhos que têm fé;

Nesse dia
que, para os homens, foi do céo magno presente,
ó Menino-Jesus,
entre os pequenos, olha este sapato grande
que não pede alegria,
e, por sentir-se assim tão lasso e tão descrente,
a teus divinos pés sua descrença expande,
pedindo-te sómente:
a certeza da eterna luz!

Maria Eugenia Celso

A CARTA

POR BERILO NEVES

(ESPECIAL PARA FON-FON)

ADEUS! Esta palavra triste é a palavra do fim... Por isso mesmo é triste... Disse-a o meu coração mil vezes e mil vezes calou-a... Caprichos do coração? Nunca! O coração não tem caprichos: só a intelligencia é que é perversa. Eu explico tudo numa phrase. E' que elle... tinha medo de reconhecer que estava tudo acabado entre nós dois!

Excusas de acreditar que ainda te amo. Esta tristeza, esta saudade... são a tristeza e a saudade de todos os crepusculos. Olha o anoitecer, como é soturno e grave! Ha vertigens na luz, e o sol tem crispações violaceas, que lembram o sangue das hemoptyses...

Entretanto, o sol e a terra estão casados para toda a Eternidade. Como elle ha de soffrer si, logo ao outro dia, volta a beijar o hemispherio que deixou por algumas horas apenas? Não ha dores infernaes nem alegrias divinas na tranquillidade astronomica da posse... O que nos desgraça e felicita, é o receio de perder, amanhã, o que hoje é nosso. O sol é um marido honesto: volta sempre ao leito conjugal, ás mesmas horas, chronometricamente, infallivelmente. A terra é uma mulher fiel: recebe, todas as manhãs, o seu beijo de luz, florindo o melhor das suas campinas, rescendendo o mais puro dos seus perfumes...

Tú não eras assim... como a terra. Gostavas de fugir para me ver soffrer. Tinhas a volúpia das retiradas. E, um dia, quando voltaste, já o meu coração estava morto. Irremediavelmente morto, e frio, e inerte. Já não podia aquecer-te. E tu partiste, como um planeta vagabundo, á cata de um novo sol, em busca de um novo mundo...

Já agora é impossível nos encontrarmos de novo... Os corações, como as estrellas, só se desviam de sua orbita quando lhes acontece uma calamidade. E houve, entre nós, uma calamidade. E as nossas illusões se partiram em milhões de fragmentos como uma nebulosa que se desentranha uma serie infinita de mundos... Agora, só n'uma outra vida, quando as nossas sombras não mais saberão de seu passado e não mais poderão soffrer...

Exijo que não te recordes de mim. Acaso a terra guarda o nome do raio de sol que cahiu no seu seio numa quente manhã de estio? A sabedoria dos destinos está no esquecimento. Esquecer! Como essa palavra nos lembra a única faculdade divina que o nosso coração possue!

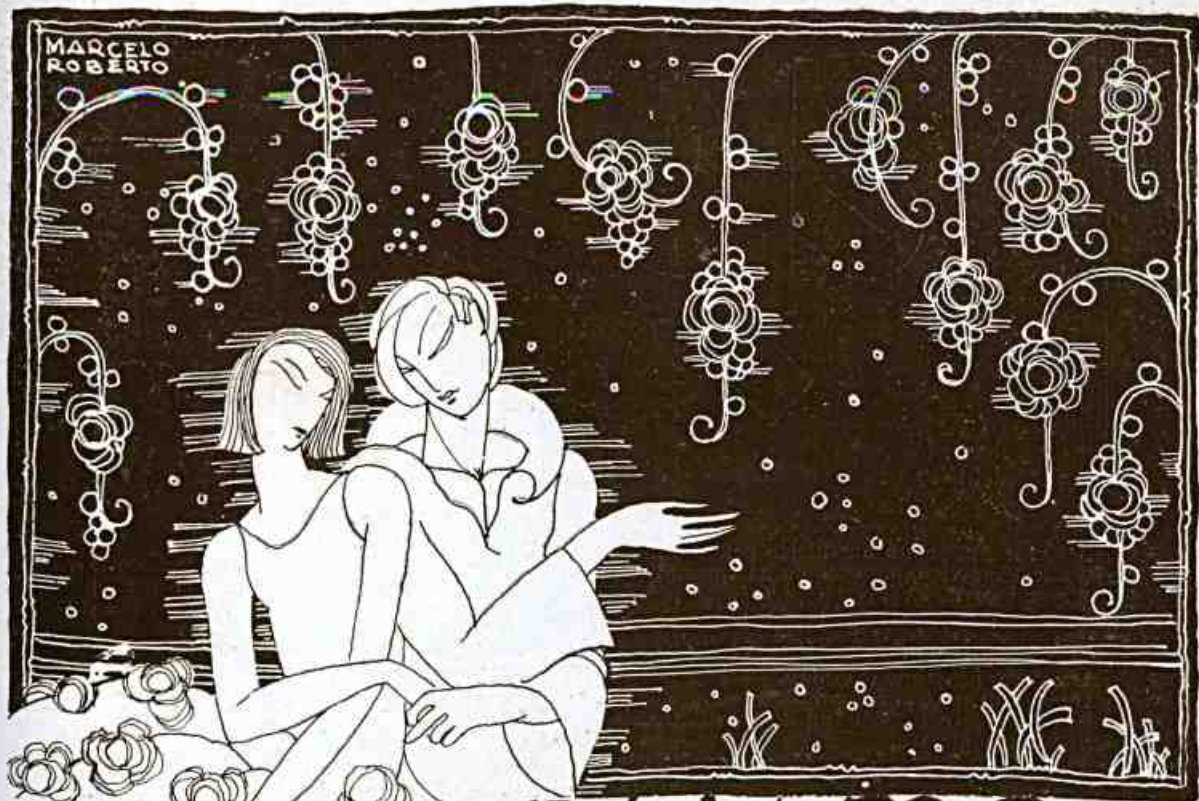
Recordar ainda é, de alguma maneira, amar. O amor é como esse fogo subtil que os selvagens guardam no interior dos troncos robustos de certas arvores. Para toda a gente, alli não ha mais fogo. O tronco é frio e secco como si inda fosse capaz de florescer e fructificar, de novo... Mas a sua alma está sendo corroida por um calor interno, infinitamente discreto, que ainda é capaz de communicar-se a outros troncos e atear fogo á floresta. A saudade é esse calor que fica dentro da gente, annos inteiros, sem brilho e sem chamma, mas prompto a reavivar-se um dia, a um vento mais forte que vem do Passado, que vem da outra vida...

Por isso é que evito, sempre, a tua lembrança. Varro-a da minha memória como o vento varre a nuvem importuna que tenta empanar a doçura de uma bella manhã de primavera. Para que encher de trevas dolorosas esta alvorada de resurreição? A ordem universal, que preside á evolução biologica na terra, é morrer, para dar logar aos recem-nascidos... Trate-se de flores ou de corações, de cenouras ou de sentimentos... Não ha terra mais fecunda do que a dos cemiterios...

O teu nome é como um epitaphio: já não vive senão no mármore frio de um tumulo. Sinto-o dentro do meu coração, pesado e inerte. Elle é o symbolo de amor que se fez cadaver...

Bem sei que desejarias que te odiasse... Esprança vã, a tua! O odio é uma fôrma violenta do amor e eu, eu não te amo mais!

Na minha vida, foste uma miragem demasiado bella para existir de facto. Na realidade, o que eu amava em ti era o reflexo da minha propria alma, todo o meu grande sonho de belleza e de perfeição. Tu... eras um episodio banal, uma mulher, enfim! E as mulheres nunca enchem de todo o coração de um homem sensivel...

Eu tenho saudade de mim mesmo, das illusões que eu creei, das alegrias que fabriquei com as minhas proprias mãos. Eu fui como o artifice que vê desfazer-se-lhe entre os dedos o pouco de barro que imaginava ser um mundo... E é esse mundo perdido, que eu choro. Porque não pude fazel-o... á imagem e semelhança do meu sonho!

Romantismo...

Hermes - Fontes

(Illustração de Marcelo Roberto)

Quizera adivinhar
a hora de morrer,
para, no ultimo instante, te ir dizer
o que não posso, nem siquer, pensar...

Quizera a ultima hora, o ultimo dia,
e nesse ultimo dia de existencia,
pedir-te a ultima gotta da alegria
com que orvalhámos nossa Adolescencia

Um dia só, de que me serve? — Asssim,
eu desdenhára, affoita mocidade!
Mas, hoje, um dia só, me fôra, a mim,
um bom começo para a Eternidade.

E, á hora de morrer,
ter o consolo de te ver chorar,
ser feliz de te ver arrepender...
Adoravel prazer,
consolo salutar...

Pois, com certeza, a hora de morrer
seria a hora de resuscitar...

Poeira...

C. da Veiga Lima

A's vezes, me sinto humilhado pelo destino — miserável ser vindo do cahos do nascimento para o nirvana da morte.

* * *

Desejava penetrar tua alma — escolher um momento de silencio absoluto e surprehender fóra do tempo a essencia musical do teu ser — sentir a tua alma...

* * *

Tentei a poesia para curar as feridas da razão, obstinada em destruir a fórma plastica do ser.

* * *

O pensamento que se não exerce na palavra, interior ou exterior, recebe das palavras que emprega uma feição apparente e illusoria. Pensamos sempre confusamente, querendo dissociar estados de alma que se entrelaçam e motivos intimos que ignoramos.

A analyse é inimiga da poesia.

* * *

Resaltam-me aqui todas as provas do erro e da paixão. Mas a força do espirito quer se medir com forças desconhecidas, para elevai-o á verdade e ao extase. E' mais facil mudar os pensamentos do que conhecel-os.

Perdôa-me a ambição de conhecer porque ignorar é a fortuna do ignorante.

* * *

Invariavelmente acolhes com surpresa uma manhã de sol — natureza renovada com esplendor na belleza simples das rosas e dos lyrios — alma satisfeita de si mesma, enamorada das coisas e dos seres — sem deslumbramento.

Não é isto que se chama *amar a vida*?

* * *

A voz interior, que acompanha o silencio da alma e tanto nos enriquece o Sonho, a voz interior me dizia: "Que te importa a sabedoria vã e o milagre impossivel?! Sê humano e simples, ama as flores e os perfumes, e purifica a tua alma."

A sabedoria do amor é quasi sempre espontanea...

* * *

Contempla-me: sou tua obra. A traidora tinha o ar de me revelar a pobreza do meu eu subjectivo.

* * *

A destruição da tua imagem me foi dolorosa. Ficavas preso ao passado gothico, á flecha de uma cathedral, á aspiração de um ideal religioso. Queria-te como uma santa. A metamorphose de Proteu ligou-me ao instincto, e quiz amar de novo as estatuas gregas e os esplendores pagãos.

Tive a visão de Helena...

* * *

Sinto a poeira do crepusculo, lembrança amorosa do sol, como a imagem indistincta da tua belleza no intimo do meu pensamento.

A mulher que amamos fica na atmosphera dos nossos sentimentos, aspirações e melancolias como uma sombra luminosa.

A sensibilidade amorosa faz o tecido de seda da alma.

* * *

Impossivel? Já meditaste quanto a sabedoria e a experiencia da vida tornam banal esta expressão?

Na cidade interior o pensamento se estende como uma sombra impalpavel sobre todos os sonhos impossiveis. Impossivel? Que quer dizer impossivel. Sonhador!...

* * *

A constancia do meu amor, que te parece absurda, é certa. Certa porque á alma não a caricia sensual, e sim a qualidade espiritual do teu corpo.

As mulheres que enchem a vida de um homem são perfeitamente espirituaes.

A Mulher Chic
Mousseline azul de
Jean Patou

IDEALIDADE

(SOBRE UM DESENHO DE LEVINO FANZERES)

Uma casinha humilde, entre arvores risonhas.
E dentro, — duas vidas principescas:
eu, á noite, a escrever... tu, que bordas ou sonhas...
No ambiente, um cheiro bom de rosas frescas...

Um rio a escorregar pelos valles em flôr...
....e, quando o inverno vier — uma tristeza doce
pairando, em torno, assim como si fosse
o perfume de um sonho, um dolente dulçor...

Noite branca vestida de neblina!
Brumas... Brumas rolando, mansamente...
E, seguido daquella estrella pequenina,
— que é a sua companheira — o pefil do crescente.

Duas almas tranquillas e amorosas!
Eu e tu! Vida.. Amor... Serenidade...
Nossos beijos, meus livros, tuas rosas...
— Eis o meu sonho!

E tu? Virás, Felicidade?...

BASTOS PORTELLA

E VANIDADE...

O PRESENTE DE NATAL — (Acto Unico)

A scena representa a casa de Maria Regina. Um palacete confortavel. E' noite de Natal. Festa intima, entre alguns amigos da familia, convidados para a ceia da grande noite. Maria Regina e Carmen Zelia estão sentadas no terraço, ao lado da vivenda, e que dá para o jardim, atufado de rosas. Dança-se. Ouve-se o estrepitar do *jazz*.

SCENA I

MARIA REGINA, *com um sorriso triste*. — Sempre julguei que Mario Flores fosse um rapaz de caracter.

CARMEN ZELIA, *no mesmo tom*. — Ah! minha filha, os homens illudem mais que as mulheres.

MARIA REGINA. — E nos engodos do amor são insuperaveis. *(Pausa)*.

CARMEN ZELIA, *repentinamente*. — Mas, afinal, Maria Regina, déste motivo para que Mario te enganasse?

MARIA REGINA. — O mesmo que lhe déste... *(Ironica)* — Não é verdade?

CARMEN ZELIA. — Comprehendo. E's uma victima das suas labias irresistiveis. E's uma victima como eu. Pobre amiga!

MARIA REGINA, *sonhadora*. — Faz dois annos que o conheci, num baile de Natal. Como me pareceu encantador! Confesso que não resisti ao seu poder de seducção!

CARMEN ZELIA. — Dir-se-á que ha um só destino para duas mulheres, que amam a um só homem! Acreditas nisso?

MARIA REGINA. — Por que?

CARMEN ZELIA. — Porque foi esse o nosso destino sentimental.

MARIA REGINA, *com tristeza*. — Sim! Ambas fomos illudidas pelo mesmo amor... Amor fingido... *(Desce até o portão, afim de ver si o automovel de Mario já chegou. Carmen Zelia acompanha-a. Ao fim de alguns segundos, retornam ao terraço. Sentam-se novamente.)* — Elle não tarda. E nós havemos de tirar uma vingança completa da sua insinceridade.

CARMEN ZELIA. — Elle virá ceiar comtigo, ou faltará á sua promessa? Que pensas?

MARIA REGINA. — Seria uma descortezia imperdoavel. E Mario, apesar de tudo, é um cavalheiro de elite. Por que me fazes tal pergunta?

CARMEN ZELIA. — Porque elle, frequentemente, promette certas coisas, para faltar em seguida...

MARIA REGINA. — Delle tudo é de esperar. Agora modifico o meu juizo a seu respeito.

CARMEN ZELIA. — E si vier?

MARIA REGINA. — Terá uma decepção. Está combinado: ficarás occulta na sala de recepção. Eu o receberei aqui. Dir-lhe-hei que lhe guardei um bello presente de Natal. Elle ficará interessado pelo presente E, então...

CARMEN ZELIA. — Nesse momento, eu lhe apparecerei, não é?

MARIA REGINA. — E eu t'o apresentarei deste modo... *(Interrompendo-se)* — Que? Será elle? *(Ouve-se o rumor de um automovel. Mario apparece no portão do jardim. Carmen Zelia esconde-se na sala. Maria Regina vae ao encontro do seu flirt.)*

Mlle. Marianna Falcão Teixeira, que está séria mas sabe sorrir com os seus lindos olhos claros...

(Photo De los Rios)

SCENA II

Maria Regina e Mario

MARIO, *sorrindo*. — Demorei muito, querida?

MARIA REGINA, *friamente e sentando-se*. — Mas ainda chegaste a tempo.

MARIO, *sentando-se tambem, ao lado della*. — Estás triste? *(Gesto de tomar-lhe as mãos)* — Hoje, noite de Natal?

MARIA REGINA, *esforçando-se por ficar alegre*. — Não estou triste. Estava aborrecida pela tua demora. Só isso. A prova é que te guardei um presente, em troca do que me enviaste, esta manhã, pelo criado...

MARIO. — E então? Por que esse ar, essa attitude cheia de reserva e mysterio?

(Maria Regina bate palmas. Carmen Zelia apparece.)

SCENA III

Maria Regina, Mario e Carmen Zelia

MARIO, *perplexo, erguendo-se da cadeira*. — Mas...

MARIA REGINA, *apresentando-lhe Carmen Zelia*. — Conheces a minha amiguinha?

(Carmen Zelia estende-lhe a mão.)

MARIO. — Carmen! Tu, por aqui? Que brincadeira é essa?

CARMEN ZELIA. — E tu, por aqui, Mario?

MARIA REGINA, *levantando-se*. — Ahi está o teu novo presente de Natal... e o teu novo affecto, não é? Podem ficar á vontade. *(Sae)*

SCENA IV

Mario e Carmen Zelia

CARMEN ZELIA. — Não, Mario, tu deves ficar com o teu velho flirt. Vou chamar Maria Regina. Ella tem mais direito do que eu, ao teu amor...

MARIO. — Carmen! Carmen!

CARMEN. — Adeus! *(Sae)*.

PANNO.

Mlle. Alba Miranda, cujo olhar é tão lindo como a serenidade de seu sorriso.

(Photo Annunciato)

MELANCOLIA — De Yves — Quando a tarde está assim vestida de garôa e melancolia, o que sinto é um infinito desejo de estar ao lado de alguem... para lhe dizer, em surdina...

> *...ya que la Vida nos invita a juntarnos,*
> *y pues nuestros senderos quieren unir-se en una*
> *sola senda florida de amor y de fortuna,*
> *juntémonos, amada...*

Mas a quem poderia murmurar essas palavras lyricas, esses versos de alma, esses cantos de amor?

Eu não amo. Nem posso amar. Porque cheguei a essa idade em que o homem se sente fatigado do amor. Ou por outra, — como nunca foi possivel encontrar o meu ideal, fiquei nesse estado desesperante de renunciar, de ser forçado a renunciar, para não soffrer a sombria amargura de desejar inutilmente... Para que?

Não pensem os senhores que faço como a raposa e as uvas de La Fontaine... Ou si quizerem, pedantemente, — Vulpis et uva, de Phedro:

"Non sum matura est..."

As uvas me têm caido nas mãos e na bocca. Mas si no começo são doces — doces como os favos do Hymeto — para não amargar como a cicuta que Socrates bebeu...

(Meus senhores, perdoem o pedantismo das citações.

Ellas entram aqui, porque não tenho talento para encher o vasio deste commentario).

Fechado esse parenthesis, voltemos ao assumpto primitivo...

Dizia eu que desejaria, nesta fim de tarde, cheia de cinza e melancolia, vasar, em versos lyricos, toda a minha alma, junto aos labios de alguem... Um alguem, uma doce mulher que fosse o typo ideal de uma formosa Beatriz, de uma Eleonora, de uma Ophelia, de uma creatura de sonho — uma doce musa de Maeterlink, espiritual como um lyrio branco... Ah! os lyrios brancos! Recordo Edmond Rostand:

> *Les lys sont blancs...*
>
> *Les lys sont fins et purs...*

Mas eu não amo a ninguem. Esse amor que idealizo, puro como as neves, suave como os perfumes dos amores, firme como os rochedos, ardente como o Etna, azul como o céo, claro como as estrellas do carreiro de São Thiago — um amor não se concebe senão na fantasia dos poetas...

Não! Vejo a tarde morrer. Lá fóra, por sobre o jardim cheio de flores, onde canta uma fonte e uma Flora de marmore se torce numa attitude de belleza... Vejo a tarde se desfazer numa poeira lilaz de melancolia... Um violino languido chora a melodia de um motivo esquisito. Uma romança? Uma rhapsodia? Uma sonata?

O nome não importa! O que é triste, é sentir, é ver que a tarde morre, cheia de cinza e de musica... Seria uma tarde bôa para amar... para confidencias e extases... E eu tenho a bocca cheia de beijos, para celebrar a agonia desta tarde de amor, na bocca palpitante de alguem... Alguem que afinal não espero — porque não existe...

OS HOMENS... AS MULHERES... — De Yves

— Oh, por aqui?

— Sim, madame, sobre o mesmo caminho.

— Dou-lhe meus parabens.

— Por que?

— Tem um ar feliz. Parece que vem de alguma conquista...

Perguntei-lhe si conhecia o romance *Psyché*, de Pierre Louys. Disse-me que não. E fomos andando devagar, pela deserta alameda, cheia de sombras ama-

veis e accacias. Contei-lhe então este detalhe do livro que Claude Farrére terminou:

— Mme. Vanetty encontra Aimery Jouvelle e diz: — "Pourquoi ne me saluez-vous pas"? — "Madame, je vous demande mille pardons... Je ne vous avais"... — "Pas vue? Dens cet. étroit passage. Vous m'avez regardée deux fois" — "Je... J'étais distrait sans doute...!" — Soyez franc... Vous avez détournée les yeux parce qu'on ne doit reconnaitre une dame quand on la rencontre á dix heurs du matin dans un quartier qui n'est pas le sien."

E pergunteilhe sorrindo:

— Vê a razão por que não lhe fiz a mesma observação? Madame por este bairro... a esta hora da noite... tambem me dá a impressão de que vem de conhecer uma felicidade discreta... E, no emtanto...

Madame apertou os labios num sorriso malicioso.

— Por que diz isso?

— Porque só nos alegramos com a ventura alhêia, quando o nosso coração transborda de felicidade.

— Mas...

— Não negue, madame, que se sente feliz, neste momento. Os seus olhos riem. Riem e olham longe, como si estivessem seguindo o vôo de um sonho que paira num mundo...

— Num mundo de fantasias bizarras...

— De fantasias! Não importa de que natureza... Diga, não está feliz, hoje? ...

Ella hesitou. E depois, numa resolução subita:

— E' verdade. Estou hoje muito feliz. Porque pela primeira vez conheci o amor... E o senhor? Tambem traz uma grande alegria dentro da alma, não?

— Não!

— Não negue!

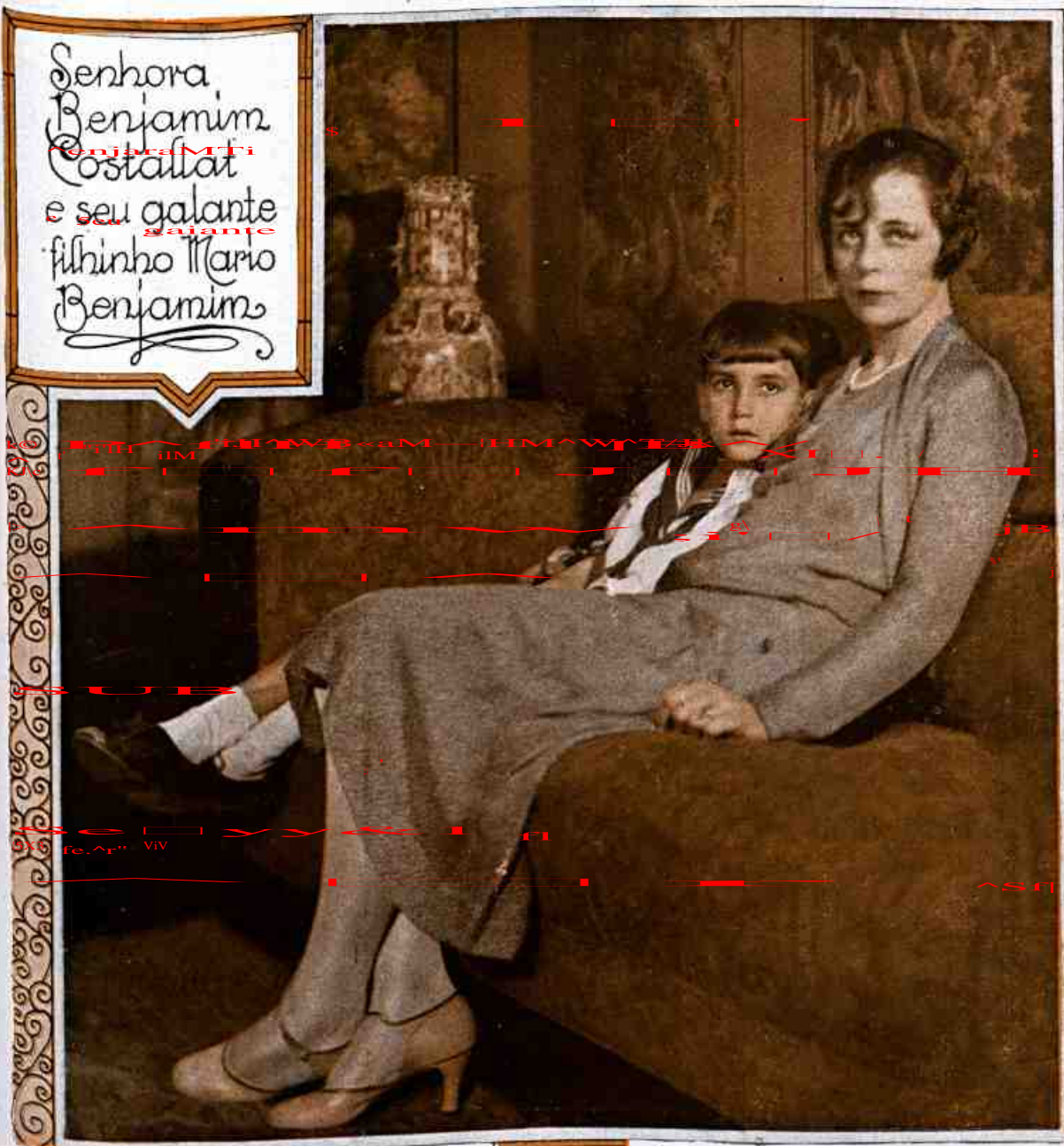
— Juro como este meu sorriso indica uma tristeza profunda. Os rios tambem espelham as paizagens lindas que o margeam. Reflectem as auroras e as estrellas. Mas é chorando e gemendo que correm para o mar...

— Mas eu não o ouço gemer, nem o vejo chorar.

— Por isso mesmo é que sorrio.

E terminei:

— Sorrio para não chorar...

Senhora Benjamim Costallat e seu galante filhinho Mario Benjamim

Divagando...

De
Iracema
Guimarães
Villela

Iracema Guimarães Villela.

AS experiencias feitas em Londres sobre a transmissão do pensamento pelo radio fracassaram de novo.

Ahi está uma noticia que agradará a muita gente por certo, pois Deus nos livre do nosso pensamento andar por ahi á mercê de qualquer. O nosso pensamento, isto é, o que temos de mais nosso, de mais sagrado, de mais bello, estar á mostra como si fosse um vestido, um chapéu, ou um palminho de cara, bonito ou feio.

Numa época em que tudo se desvenda como esta que atravessamos, arrancarem-nos ainda a unica riqueza que possuimos, uma riqueza que é nosso maior orgulho? Senhores inglezes, isso seria demais! E' não serem psychologos, desconhecendo e renegando as mais subtis ciladas do coração humano; é botar o mundo a nú, tirando-lhe o seu maximo encanto existente na dissimulação, no disfarce, na roupagem luminosa da fantasia. Todas as idéas surgirão duras, crueis, chatas, horripilantes. A discordia imperará de punhal erguido, vingando-se, assassinando!

O amor! Quanto pobre e rubicundo bebé, com duas azitas mal colladas nas costas, não exercita a mãozinha acautelada afim de atirar sem desconfiança a flecha fatidica! E logo após a descoberta, adeus azas, adeus flecha de veneno assucarado e amavel! Tudo vôa e desapparece e as desoladas azas, pouco seguras, derretem-se ao calor perverso da verdade, como as do imprevidente e idealista Icaro. O elogio, os protestos de solidariedade, de affeição, de consolo, apparecerão com os dentes arreganhados que a hypocrisia velava com seu vaporoso e brilhante véu. E' de estranhar que os espertos filhos da astuciosa Albion não tivessem comprehendido o desastre irreparavel que a humanidade soffreria si a sua descoberta fosse efficaz. Para elles mesmos o mal seria immenso, calamitoso. A sua bôa e sagaz politica, a sua astuciosa finura na convivencia, na amizade, no dominio, ficaria divulgada, desmascarada, profanada. Como viver sem essa lisongeira que empresta as mais formosas côres aos mais hediondos factos? Esquadrinhar esmiuçadamente o pensamento daquelles com quem mantemos relações sociaes e cortezes, é o mais habil dos emprehendimentos. Madame de Girardin, ao escrever o "Lorgnon", expoz num pequeno prefacio a intenção despretenciosa que lhe guiou a penna, quando percorreu velozmente aquellas paginas cheias de perspicacia e de philosophia. Ella apenas desejou que vissem no seu trabalho o reflexo de um momento de bom humor, sem intuitos de ameaçar obras futuras, onde pretendesse analysar as idéas profundas dos grandes genios que assombraram o mundo. O Lorgnon faz-nos rir, mas quantas lagrimas amargas não esconde em silencio, emquanto o vidro assestado no olho pesquisador vae descobrir o que muitas vezes preferaria ficasse ignorado? Ah! não, senhores inglezes, não; para a felicidade nos acompanhar emquanto vaguearmos por este valle de miserias e de tristezas, é necessario pousar sobre a alvinitente careca da realidade o fluidico e fascinador chinó da illusão.

DOIS POEMAS EM PROSA

AMOR EPHEMERO

Amei-a, tive-a nos meus braços; dei-lhe todo o calor do meu peito offegante; minhas mãos, de tanto apertarem as suas, já rescendiam o seu perfume. Meus olhos viam pelos seus olhos; minha fé era ungida da sua fé. Amei-a como um louco. Ella, sem mais ninguém, povoava o mundo immenso do meu sonho. E foi tudo na minha solidão: a estrella da minha noite escura, a gotta dagua da minha sêde de amor.

Um dia, penumbrou a manhã clara do nosso destino. Nem a sua carne, nem a sua fé eram já as mesmas... Ter-me-ia saciado? Não; amava-a ainda com desespero. Ella é que, tendo-me dado tudo, — o seu corpo, o nectar venenoso dos seus beijos, os fremitos da sua carne em flor, o deliquio amoroso dos seus sentidos, não me deu a sua alma, — e foi como si não me tivesse dado nada...

ASPIRAÇÃO

Feliz, como sou, eu sonho um mundo encantado, onde fôsse rei, e dominasse, e fôsse amado; onde nós dois somente, egoisticamente, o nosso amor celebrássemos, numa doce permuta de beijos e de afagos; onde tu, rainha, e eu rei, mas teu vassalo, fôssemos donos de tudo e não o fossemos de nós mesmos; onde eu, meu amor, tivesse forças de amar outra vez, mas amar loucamente, freneticamente, com todas as alegrias e todos os desesperos de minha alma, — para amar novamente a ti e a ti somente!

ROVINA CAVALCANTI

ILLUST. DE MARCELO ROBERTO

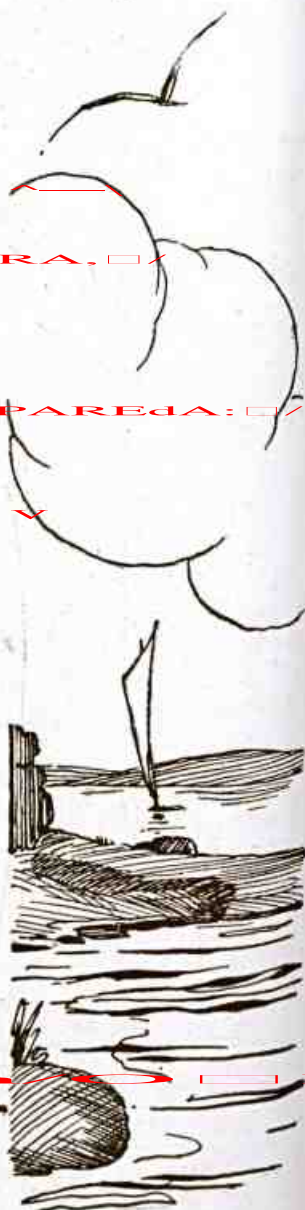
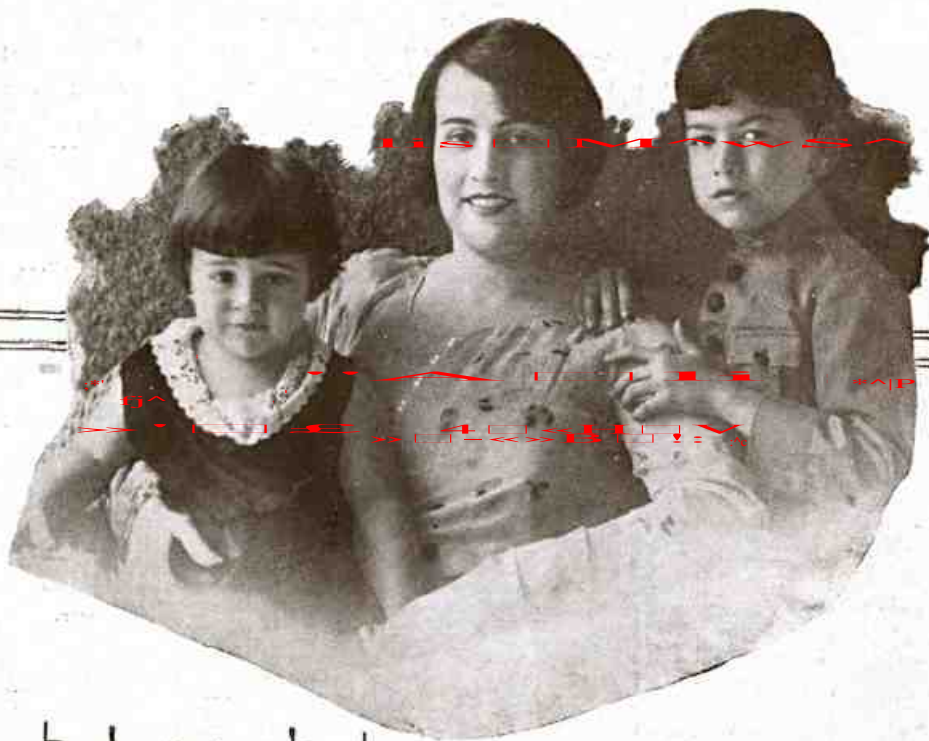
AUSÊNCIA

Como a saudade transfigura agora
Os aspectos da vida! Inda outro dia,
A natureza aberta ao sol, sorria,
E hoje essa mesma natureza chora.

Tão manso era esse mar que mal fremia
E o céo sem raias que ia por ahi fóra,
Era um crystal que em musica sonora
Num mar de estrellas desapparecia.

Tudo mudou por não te ver... Invade
A alma das cousas simples e terrenas
O contagio emolliente da saudade.

Ave de arribação do meu Nordeste,
Que levaste nas asas tantas pennas,
Quantas penas de amor á alma me déste.

Olegario Mariano

Natal Natal nos corações das mães!...

A ALMA DE MEU NÊNÊ

NÊNÊ ainda não existe... Como é isso possivel, si eu o sinto que vive e palpita?

Pobre de meu nênê! Ainda não existes nem para os homens, nem para Deus... mas já és para tua mamãe.

Só ella te conhece e te sente, só com ella communicas incessante e mysteriosamente.

Onde está, porem, a alma do meu nênê sua innocente e terna alma de anjinho?

Si, ás vezes, pelas tardes lindas, sinto um leve perfume de jasmins singelos, que vem do meu jardim, penso: — Quem sabe si não foi a alma de meu nênê que rogou por mim?...

Póde ser que esteja bem occulto no botãosinho de rosa fresco e delicado que de manhã vislumbrei entre as folhagens...

Tambem poderá morar na pequenina estrella scintillante que me espreita do céo, quando a noite desce a somnolenta palpebra.

Ou talvez brinque no alegre raio de sol que, de manhã cedo, pelas venezianas entre-abertas, corre a beijar-me a face mal desperta.

Quem sabe si me vem falar nos chilros das timidas avezinhas?

Acaso estarás ainda perdida no universo, almasinha mimosa, fremindo em tudo que é fresco e puro e gentil?

Porque, emfim, elle já existe, o espirito de meu nênê — o mysterioso sopro de vida que fará pulsar sozinho pela vez primeira seu pequenino coração quando o separarem do coração de sua mãe... Mas onde?...

Filhinho, creio que acertei... Não, tua alma ingenua e carinhosa não está na estrellinha longinqua nem nas flores ou no raio de sol.

Melhor ninho tem, sinão mais candido ou mais bello, muito mais amoroso, ninho resplandente de ternura infinda.

O ninho que esconde ainda tua almazinha medrosa é o coração de tua mãe, este mesmo pobre coração que pulsa cansado porque pulsa para te dar a vida, e a cujo rythmo offegante responde o suave rythmo do teu que elle sustenta...

Este pobre coração que pela existencia adeante, por toda sua existencia, ha de bater ansioso porque ha de bater por ti...

GRATIDÃO

QUANDO eu esperava meu filhinho... Mães que o sois de coração, vós bem sabeis o que é esperar em extase a vinda de um filho desejado!...

A alma é um sacrario, os olhos são pyras de luz votiva, as mãos, de santa que prepara o altar... E ao sacerdote não arrebata gozo mais puro e celestial, chamando á hostia a presença de um Deus...

Quando, entre lagrimas de dôr, a mulher vê uma vida que de sua vida brota... um corpo que de seu corpo se desprende e palpita e tambem chora... vós todos, que fallaes na suprema volupia da dôr, sabeis acaso o que é soffrer para ser mãe?

O ente vence a morte, e num arranco ultimo o coração desatinado explode no cantico triumphal do poder creador.

Dia a dia cresce o fragil ser. A mãe incançavel o vela como o artista aperfeiçoa arrebatado de alegria a sua obra-prima.

E quando, nos labios do pequenino, se desenha o primeiro riso, ella quasi crê terem sido seus dedos carinhosos que nelles o modelaram, terem sido seus olhos apaixonados que sobre elles o projectaram, e fica tonta, tonta de prazer...

Desabrocha a criança no recem-nascido... é o the-

PETITE SOURCE

(Conclue na pag. 188)

MEU NOIVO

De Amelia de Freitas Bevilaqua

UMA vez (esse dia foi a data mais triste que eu guardei das minhas reminiscencias de menina), pela manhã, muito cedo, ainda em jejum, preparei-me de branco, e fui confessar-me. Era a minha primeira communhão. Jamais havia mentido, nem dissimulado.

Aproximava-se o Natal; eu queria obter, do céo, todas as felicidades possiveis.

Ajoelhei-me defronte do padre, um reverendo muito moço, e comecei a desfiar o rosario dos meus peccados, cheia da maior contricção e humildade.

O padre perguntou-me tantas coisas... Nem mesmo a idade foi esquecida, tudo indagado, posto em pratos limpos, para a minha inteira salvação...

Deu-me penitencias, fez-me rezar, e disse-me, de olhos pregados no confessionario:

— Filha, vê bem se não esqueceste alguma coisa.

— Não, meu padre, disse tudo.

E levantei-me triste. Estaria descrente, desanimada?

Difficilmente definiria a revolução dos meus sentimentos. Pensava que a confissão fosse outra coisa...

* *

A' tarde, fui passear pela margem do rio. Como estavamos no verão, as aguas se afastavam deixando descoberto o areial extenso e alvadio. Nossa casa era pouco acima, tão perto, que o halito do rio chegava até lá.

Sentei-me na ribanceira, fiquei a olhar o espaço e a agua. Parecia um lago, muito quieto, muito manso. Nem uma ruga desdobrava a sua face lisa e crystallina. Até o cajueiro frondoso se inclinava adormecido. Havia pelo ar ambiente uma doçura captivante, que me prendeu.

Escurecia, quando vi surgir, no meu caminho, um homem vestido de branco, traje inteiramente caseiro.

Cumprimentou-me distrahido e não me olhou mais. Um incidente insignificante, porém, que me fez não dormir toda a noite, lembrando-me da fronte espaçosa do moço, e do pouco caso que fez de mim. Ao mesmo tempo, não comprehendo o motivo, passou-me pelos olhos uma visão, que me fez, desde aquelle momento, consideral-o como si fosse o enviado para meu companheiro futuro. E a sua figura sympathica incommodou-me o espirito, com tanta insistencia, num crescendo tão forte, que resolvi voltar ao confessor, para narrar-lhe essa torturante agonia da alma, que mais parecia uma verdadeira tentação...

O padre fez as mesmas perguntas da primeira confissão. Deu-me conselhos, disse palavras eloquentes, admiraveis.

Attonita, perturbada, como si estivesse ouvindo a propria voz do Omnipotente, chorava submettida. Sua palavra era mais um hymno, uma dessas notas musicaes cantadas, melodiosamente, a meio tom, accorde, que se perdia, esbatendo-se, temeroso e suave, no tympano dos meus ouvidos...

Era tambem a ternura, o amôr, a graça divina!...

Nunca me haviam falado assim! Aquelle padre pareceu-me um verdadeiro san-

Possuida de extremoso sentimento de fé e carinhosa esperança, curvei-me, no mesmo instante, entrando em plenitude de paz e conforto o meu desolado espirito... Cheguei a convencer-me de que a minha repentina inclinação era apenas um sonho, sympathia sem base, sem ponto de apoio, visão importuna de uma coisa intermediaria.

Si, em logar delle, tivesse encontrado uma joia, um ramo de flores, brinquedos bonitos, ou vestidos, talvez sentisse a mesma attracção e quizesse penetrar os seus encantos. Tudo era ainda inconsciente, informe, indeciso, bruxoleante na minha innocencia de creança, e depressa me abandonaram os sonhos phantasticos, cessando de servir de alimentos para qualquer lembrança, voltando a calma feliz, a independencia e a alegria habituaes.

Entretanto, si aquelle encontro não tivesse occorrido, teria eu sentido o prazer que começava a desfructar, com apaixonado enlevo, comprehendendo o perfume das flores sempre mais bellas e os dias gloriosos, testemunhando a minha alegria de viver e sentir em tudo a harmonia e o reflexo da felicidade? Arrodeada de mysteriosos segredos, de reservas profundas, amava, amava e não sabia mais...

Desde muito pequenina fui sempre esquiva, medrosa e obediente. Sob a atmosphera dos conselhos do confessor, a incerteza, a importancia da propria situação, entrei na realidade e jamais pensei no meu noivo...

Dias depois, tinha doze annos, entretida com os folguedos apropriados á minha idade, preparava a casa das bonecas, a arvore do Natal e os bonbons, para a Festa, quando meu pae me chamou a seu gabinete particular, onde se achavam reunidos, como si fosse uma sessão solemne, toda a familia e muitos amigos. Entrei assustada, presentindo desgraça...

Penetrava sempre tremendo nesse gabinete; era alli que elle me fazia exprobrações pelas minhas travessuras. Porém, agora, que estava quasi moça, não comprehendia o assalto daquella tristeza...

Mal fui apparecendo, todos os olhares, em ar trocista, se dirigiram para mim.

Commovida, cahi atordoada e inquieta sobre a primeira cadeira, que encontrei.

Ah! Descrença das descrenças, horror, desillusão! Os meus segredos, tão fielmente contados ao reverendo, estavam alli, grotescamente, rolando pela sala, pulando, esvoaçando de bocca em bocca!...

Muito envergonhada, desfalleci! Um nó apertou-me a garganta com tanta violencia, que era impossivel reagir...

Nem as lagrimas vieram alliviar-me! Abriu-se um abysmo profundo deante dos meus olhos e eu tive a idéa da morte. Desde esse momento, detestei o meu confessor...

* *

Um anno mais tarde, numa dessas noites formosas de luar melancolico, fui a um baile. Em grande quantidade se apresentavam pares. Estava acanhada, muito atrapalhada. Não sabia dançar, era mesmo a primeira vez que assistia uma festa, e inconscientemente ia acceitando os cavalheiros que me tiravam. Na terceira quadrilha, quasi a comprometter-me, vi de perfil o meu sonhado desconhecido, que acabava de entrar na sala, vestido de preto e calçando luvas brancas.

Não dancei mais. Era o meu noivo que chegava, e ficaria magoado, si eu dançasse outros pares. Tinha absoluta certeza...

Não nos falavamos, porém sabia, perfeitamente, por uma intuição mysteriosa, que elle estava muito apaixonado, e eu seria, impreterivelmente, sua preferida para aquella contradança...

Alguns cavalheiros, despeitados, foram se afastando e tomando outros pares. Um delles, furioso com as minhas recusas, chegou a mostrar-me o seu braço, coberto de cabellos, apontando, como prova de alta linhagem, a brancura da sua pelle, os titulos de sua fidalguia, e a posição social... Entretanto, inalteravel, permanecia assentada, dizendo a todos que estava compromettida.

Annunciaram a quadrilha.

Pares diversos passeavam nos salões. O desconhecido deu dois passos para o meu lado. Vinha solicitar-me... Nunca meu coração bateu com tanta força, nem eu tremi com tanta commoção...

Nessa hora, não faltava mais do que um segundo para o complemento da grande felicidade, quando minha mãe me mandou ao toilette buscar um alfinete.

Parti correndo; quando voltei, meu noivo dançava com outro par...

Empallideci tanto, que não perdi por muito pouco a fala. E, para o meu formidavel despeito, a minha rival era bonita.

Foi a minha maior decepção!...

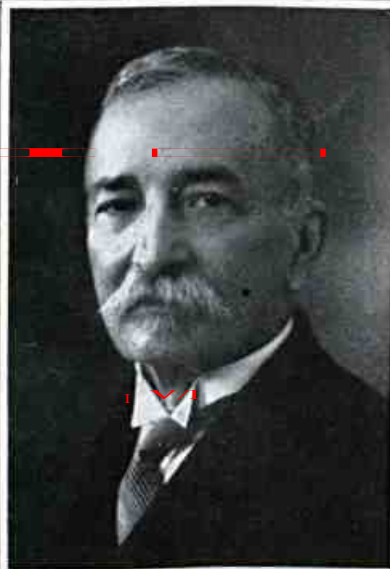
* *

Em pleno mez de Maio, quando, despreoccupada, de sandalias e vestido [illegible] colhia flores, nem pensava mais em meu noivo, alguem bateu na grade do jardim.

Quiz correr, mas [illegible] me prendeu, fiquei [illegible] plantada entre as flores, como si fosse uma estatua.

Esse encontro foi, entretanto, o melhor de todos, porque elle vinha pedir-me em casamento...

A escriptora Amelia Bevilaqua e sua filhinha Velléda.

N'um livro de pensamentos da Amelia, quando menina

De Clovis Bevilaqua

PARA deixar alguma coisa escripta neste album, alguma coisa digna delle, com suas paginas nevadas, e dignas de quem o possue, quizera que as graças, apesar da rude éra de realismo e prosa chata, em que vivemos, me trouxessem, por tinteiro, a nacarada concha de uma rosa, onde se tivesse aninhado uma gotta perfumada de orvalho matutino, e, por penna, a arrancassem das alvas remiges de um cysne.

Assim, talvez se escoasse, da minha penna, em perolas diluidas, umas palavras menos toscas.

Na impossibilidade, em que estou, de ver realizado esse meu desejo, vou, muito chãmente, com as muito mundanas pennas de *Perry* e a vulgarissima tinta *blue black*, dizer-te umas phrases sem arrebiques, porém tão sinceras e verdadeiras quanto me é possivel fabrical-as.

Dizem que o homem é a força, a intelligencia, a razão; que a mulher é a graça, a belleza, o sentimento.

Para onde pende a balança? Para o nosso lado? Não, mil vezes não! A força no homem é grosseria, é rudeza; a verdadeira força, a que torce todas as vontades, é a graça feminil; a verdadeira força, a que suggere os grandes commettimentos, a que retempera as coragens desfallecidas, a que sustem a perseverança no trabalho, está no sentimento, esse perfume vivificante, que se desprende, constante, inesgotavel, do coração feminino.

Se o mundo se aperfeiçôa em seu evolver, os aperfeiçoamentos, que realiza, falam bem alto em pró da inferioridade masculina.

A principio, nos duros tempos da selvageria humana, a mulher supportava, em seus hombros frageis, a parte mais pesada e difficil dos encargos da vida; com o correr dos tempos, ella teve energia sufficiente para impôr-se ao homem, forçando-o a tratal-a como egual, arrancando, dos mais sinceros e melhor dotados, dedicações, defesa, e até um culto.

Lembremo-nos de *S. Mill*, o grande philosopho inglez, que confessava, publicamente, dever, á sua mulher, a parte melhor de seus trabalhos.

Lembremo-nos de *A. Comte*, com a sua idolatria por Clotilde de Vaux, com a sua *religião da humanidade*, que é uma deificação da mulher.

De mais, a mulher tem comsigo um dom, que vale por todos os esforços do homem; melhor, que os anniquilla todos: — a belleza. "Em comparação com ella, diz *Rénan*, o talento, o genio, a propria virtude nada valem, de sorte que a mulher verdadeiramente bella tem o direito de desdenhar de tudo, porque reune, não em uma producção exterior, mas em si mesma, como em um vaso de myrrha, tudo que o genio custosamente esboça em traços vacillantes, por meio de uma reflexão fatigante."

Nós trabalhamos, mourejamos, deixamos, pelos agros caminhos da existencia, rastilhos de sangue, farrapos de nós mesmos, em procura de um ideal, que nos foge; a mulher ri-se da nossa incapacidade, e, sem esforço, sem luta, tem no coração preso o seu ideal.

O homem leva noites mal dormidas e dias sem repouso, para descobrir uma idéa, um pensamento; que modifique a concepção do mundo, mas luta em vão, quasi sempre.

A mulher, sem preoccupar-se com isso, encontra as grandes idéas, porque é bem verdade virem ellas do coração, e consegue modificações nas opiniões, que repousam sobre os sentimentos.

Ocioso seria mais discorrer.

A balança pende para o lado da mulher. Convenhamos em nossa inferioridade.

Luar Amazonico

(PARA O FON-FON)

As noites de luar na Amazonia...
Um violão...
A lua clara
e uma canção subindo no ar...
Lua, — favorita suave e doce de um harem,
onde bailam milhões de dançarinas risonhas: as estrellas

As arvores mudas, quietas, estaticas,
parecem beatas,
rezando orações á lua...
E ella como a Yara...
ella morena,
ella de olhos claros,
vae derramando entre as folhas
para a terra,
a sua luz de volupia e de encanto...
Sobe no ar um som que um violão soluça...
Nas aguas turvas do rio
a lua mira-se com volupia,
e põe-se a perguntar como Branca de Neve:
— "Meu espelho: quem é mais bonita do que eu?"
e o rio orgulhoso de ter reflectido o Sol:
"Mais lindo do que tu, — lua branca,
só o Sol, porque é rei, é de oiro, e é deus!"

Luar da minha terra,
Noites vestidas de roupas claras,
noites que vão para a primeira communhão,
claras, brancas, puras,
accendendo,
canções de violões
gemidos de amor.
Noites de Agosto...
lua cheia...
lua clara...
Yara... Yara...
E a voz das nossas lendas nos contando
que a lua apaixonou cunhantans,
e que em noites claras
A Yara vem seduzir homens incautos...
Lua cheia...

Lindas noites de luar sobre o Amazonas.

ENEIDA DE MORAES

BELLEZA E ARTE

> Saudação a Julieta Telles de Menezes — em nome dos intellectuaes cearenses, — no theatro José de Alencar, — em a noite de 28 de setembro de 1929, em Fortaleza, por
>
> Beni Carvalho

Sra. Julieta Telles de Menezes.

Egregia Artista:

A vida vale somente pela emoção, pela vibração, pela dynamica interior. Sem isso, tudo seria duma monotonia esmagadora, duma igualdade sem relevo, dum árido e mortal desencantamento.

E, si assim é, cumpre acordar, dentro de nós, esse estado de graça, produzir esse maravilhoso tumulto que exalta e ennobrece a existencia, transfigurando-a, purificando-a, divinizando-a, por assim dizer, no delírio de leval-a á Perfeição.

Para o conseguir, vários têm sido os caminhos tentados, e que são de todos conhecidos: a religião, a metaphysica, a moral e a arte (1).

As duas primeiras — religião e metaphysica — visando á communhão das idéas directoras da intelligencia, a ligação intellectual dos homens entre si com o todo; a moral, unindo as vontades e suscitando, destarte, a confluência das acções para um Ideal commum; a arte, indo mais longe — syntonizando as sensações e os sentimentos, para crear a harmonia, a sympathia, o rythmo social.

Mas, como o observou agudo sociologo e estheta, não será possivel conseguir esse fim, jogando-se, apenas, com aquelles factores, circumscrevendo-se, unicamente, á esphera da intelligencia e da volição.

A união dos homens no planeta, o laço, que deverá prendel-os numa finalidade cósmica, não resultará, portanto, illusorio.

Muito será, em verdade, obter a unidade social pelo pensamento; o vinculo, pela crença e pela Idéa; a solidariedade, pela acção e pelo querer.

Mas não é tudo. E não é tudo porque esses «processus» não condicionam, integralmente, a synergia social, não produzem essa ambiencia de sympathia que liga todos os povos, que uniformiza todas as latitudes, que fusiona todas as almas, que, de resto, unifica a Emoção.

E' esta, sociologicamente, a funcção da Arte.

Ella liga, pelo sentimento, todos os homens da terra, criando a linguagem universal e eterna da Belleza.

O judeu, o budhista, o christão, o materialista — todos poderão discentir, entre si, pela acção, ou pela Idéa; mas, certo, todos poderão vibrar, unisonos, viver, unisonos, nos dominios serenos e superiores da Arte: — contemplando um painel de Da Vinci, estudando um marmore de Miguel Ângelo, lendo um verso de Homero, sentindo um terceto de Dante, ou um pensamento de Platão, ajoelhando deante da Acrópole, ou cantando dentro duma symphonia de Beethoven...

E' esse o milagre da Arte.

Com ella e por ella, os povos se amarão, porque ella não conhece barreiras e faz com que as pátrias se approximem e se estreitem pelo que, no mundo, existe de mais forte — o Amor, na sua grandiosa expressão, traduzido na emoção esthetica, que realiza a solidariedade social.

Ha, porém, uma modalidade da Arte que, mais que qualquer outra, attinge a esse fim. E' a Musica. E' o canto. E' a maravilha da voz humana estilizada. E' o sortilegio da palavra sonora, que subjuga e encarcera os corações. E esse caracter, bem já o assignalára, com seu genio, o autor da Philosophia Positiva.

Meus senhores, fôra, talvez, algo interessante apreciar, dum modo geral, essa face polyedrica da «Arte»; mas eu prefiro não o fazer, por encarnal-a, por objectival-a, aqui, individualmente, em sua mais alta, mais eloqüente, mais fascinadora expressão esthetica, no Brasil: — em Julieta Telles de Menezes.

Falar dessa fulgurante e inconfundível artista será, em verdade, o meio mais hábil e mais efficiente de agitar os problemas máximos da Belleza, e de pôr em relevo o que, através do excelso prestigio de sua Arte e pela solidez de sua cultura, pôde o nosso paiz, com o estránho encantamento de sua voz, realizar em bem da solidariedade continental, em prol da eurythmia social sul-americana.

Nenhum artista nacional conseguiu, como ella, esse raro objectivo, salientado, que já o foi, officialmente, em documento precioso, — como todos o sabeis —, pela diplomacia brasileira.

Julieta Telles de Menezes, nas republicas platinas, revelou o Brasil canoro, integrou-o e orchestrou-o na sympathia symphonica desses povos.

Levou, até elles, as vibrações novas da musica brasileira, os seus arrebatamentos e as suas syncopes; os seus delírios e a sua nostalgia ethnica, sentindo e glorificando Alberto Nepomuceno, Villas-Lobo, Barroso Netto, Aloysio de Castro e tantos outros.

Não se limitou, porém, a isso o pássaro mágico do Brasil. Cantou artistas do Perú, do Chile, do Uruguay, do Paraguay, da Argentina, da Bolivia, do Equador, operando o milagre de fundir-se com a psyche desses povos, procurando surprehender-lhes e traduzir-lhes as paixões, os anseios, o fundo racial, todas as suas varias convulsões subterrâneas.

Mas, á artista insigne, conhecedora, que o é, do conceito exacto da Arte, da sua universalidade, da sua finalidade sociologica, não bastou e nem basta tudo isso, porque, do mesmo modo que sente os modernos, — ella revive os clássicos e resuscita os românticos, ligando, assim, o presente ao passado com a linha luminosa e transfiguradora do seu genio, com o extase divino de sua voz, com a suggestão envolvente da sua perturbadora Belleza. Dominando cinco idiomas, com rara perfeição, ella pode, destarte, interpretar, no original, desde Wagner ao mais authentico artista da Bolivia, ou do Equador.

E, assim o fazendo, realiza a Arte na sua expressão verdadeira — alta, universal e eterna.

Eis o seu máximo elogio.

E' esta, senhores, a encantada animadora de harmonias, que eu venho saudar, nesta hora emocional, em nome dos intellectuaes cearenses.

Della, do seu fulgor de mulher, da sua gloria eugenica, direi, apenas, com o verso celebre de John Keats:

> «A thing of beauty is a joy for ever».

E, das suas auroras interiores, a geração do Amanhan ha-de dizer, um dia, coroando-a com os lyrios da gloria e da immortalidade, aquelle passo, não menos celebre, de Luiz Vaz de Camões:

> «Parece-me que tinha forma humana,
> Mas scintillava espíritos divinos!»...

Artista insigne! Recebei, em vossas mãos heraldicas, o beijo espiritual da minha terra!

(1) Guyau — «L'Art au point de vue sociologique».

A TELEPHONADA DA MORTE

CONTO DE GUSTAVO BARROSO

— Vês aquelle homem triste, todo de preto, que medita deante dum copo de refresco?

Olhei na direcção que o amigo com quem tomava um sorvete naquelle bar da Avenida, á horas mortas da noite, me apontava. Vi a um canto do vasto salão, sentado, de pernas cruzadas, as costas apoiadas á parede, o olhar perdido no ar enfumaçado pelos charutos e cigarros da freguezia, um homem muito pallido, de preto. Sua face era profundamente triste, duma tristeza remota e dôce, resignada e serena, que o tornava sympathico, que dava a impressão de immenso soffrimento recondito, para o qual neste mundo não houvesse consolo. Tinha as mãos esguias e côr de marfim. A cabeça estava inteiramente branca. E a mim me parecia ter visto já na vida aquellas feições. Perguntei:

— Quem é?

O meu amigo sorriu levemente, tomou algumas colheradas do seu crême de pistaches e respondeu-me:

— Um louco originalissimo.

Pensei que, muitas e muitas vezes, a crueldade humana chama loucos os que pensam differentemente do commum dos mortaes, os que são capazes de sacrificios e de corajosas attitudes deante das quaes a maioria ignobil covardemente recuaria, ou os que soffrem mais profundamente do que em geral se soffre. Estudei em demorado olhar a figura impassivel do homem de preto, de tão resignada apostura, tão triste, tão só. Tive, não sei por que, grande piedade delle. E indaguei do meu amigo por que o consideravam louco. Elle explicou:

— E' o que pensam e dizem todos os que o conhecem daqui. Ha uns cinco annos, este individuo, cujo nome ninguem sabe, frequenta a casa. Chega ás sete e meia da noite todos os dias, infallivelmente, no inverno ou no verão, quer falte energia electrica, haja epidemias, occorram tumultos, estourem gréves ou desabem temporaes. Fica naquelle canto, deante da mesma mesa e do mesmo refresco, até o momento de se fecharem as portas. E, na sua attitude serena, parece que esconde uma espera febril, porque, cada vez que a campainha do telephone pousado sobre o alto balcão envernizado de caixa resôa, elle estremece todo e segue com os olhos, avidamente, o creado que attende ao apparelho. Ha cinco annos, esse pobre paranoico, que tem certamente as manias do silencio e de esperar, anseia por uma telephonada imaginaria...

— Tudo isso não prova que lhe falte o juizo, disse eu.

— E' bôa! Que havia, então, de faltar a um homem de rosto cadaverico, sempre de luto, que entra aqui todas as noites á mesma hora, não pronuncia uma palavra, espera que o creado lhe sirva o mesmo refresco que pediu á primeira vez, fica de olhos perdidos na fumaceira do ar, esperando com ansia, sob a capa de chumbo duma calma forçada, uma telephonada mysteriosa?

Nada respondi. Paguei os sorvetes, despedi-me do amigo e sahi. A noite estava fria, ameaçando chuva. Uma neblina leve envolvia as lampadas electricas como em algodão diluido. Sobre o asphalto molhado rodavam lugubremente os carros irrigadores e varredores da Limpeza Publica. Parei a esperar o meu bonde na esquina de uma rua, onde, ao abrigo duma porta, um pequeno vendedor de jornaes dormia. Começou a chuviscar. Levantei a gola do capote e accendi um charuto. O electrico tardava. Passei a encher o tempo, pensando no estranho homem de preto que ha cinco annos esperava numa sala vulgar de botequim, silenciosamente, uma telephonada... Que mysterio se occultaria á sombra daquella dôr recalcada, ou daquelle desespero tranquillo que, talvez levianamente, os outros chamavam loucura?...

Chovia mais. O vendedor de jornaes acordou, espreguiçou-se e caminhou ligeiramente ao longo das paredes. Fiquei sosinho na esquina deserta, scismando. Passou um cão vadio. Passou um soldado de policia, encapotado. Depois, um vulto de preto se approximou do poste de parada e de mim. Ficou serenamente sob o aguaceiro. Examinei-o melhor. Mais ainda me pareceu não ser a primeira vez que via aquella cara. Era alguem que eu conhecia, mas que estava muito mudado. Notando que o olhava, elle virou-se para mim. Encarou-me, deu dois passos e, pondo-me a mão sobre o hombro, perguntou-me:

— Não me conheces mais?

Com espanto, fitei o mysterioso personagem e retruquei:

— Penso conhecel-o, porém não me recordo bem de onde.

E accrescentei uma desculpa amarella:

— Sou apresentado a tanta gente...

O homem sorriu, immensamente triste, e falou:

— Sou o Leal de Mattos.

Apertei-o nos braços. Era um optimo amigo de infancia que nunca mais vira desde que trocára a calma existencia de minha longinqua cidade natal pelo turbilhão da vida carioca. O fôco do electrico que chegava clareou a rua.

— E' o meu bonde — falei, olhando a taboleta de Ipanema.

— O meu tambem.

Subimos juntos. Eramos os unicos passageiros áquella hora avançada da noite. O motorneiro lançava o carro á disparada, por vezes, através do rude fustigar da chuva. O conductor coxilava no ultimo banco.

— Onde moras? perguntei.

— Na rua Vinte de Novembro.

— Eu pertinho, na Avenida Vieira Souto.

Conversámos do passado, calando as lembranças desagradaveis e remoendo lentamente as recordações felizes. Apesar de espicaçado por terrivel curiosidade, não me atrevia a indagar do velho amigo, encontrado por acaso, por que agia de modo tão bizarro, á noite, naquelle bar. Sua palestra nada denotara de loucura. Sentia nelle illimitada tristeza, sob que se adivinhava absoluto desinteresse pelas coisas da vida. E por que aquella silenciosa espera durante cinco annos?

— Estás de luto de algum parente proximo?

— Estou de luto de quem foi tudo na minha existencia obscura. Posso dizer que estou de luto de mim mesmo.

A resposta foi um tanto brusca e seus olhos estranhamente brilharam. Tive certo receio de insistir. Mudei de assumpto. Rodámos pela curva graciosa de Botafogo e entrámos na retorcida rua General Polydoro. O electrico passava pelo Tunnel Velho. Na esquina duma rua transversal, parou para deixar subir um fiscal da Guarda Civil. O Leal de Mattos, vi bem, mergulhou a vista por aquella rua em fóra e seus olhos, esgazeados de repente, pousaram doloridamente na fachada clara duma casinha que sorria entre arbustos, batida de luz. Mais longe, em frente ao cemiterio, quasi de pé, passeou os olhos humidos pela silenciosa e branca plantação de cruzes.

Além do tunnel, não chovia mais; soprava um ventinho frio, perfumado de iodo; e o rythmado e sonoro rumor do mar enchia a noite immensa. Quando o bonde defrontou a praia clara de Ipanema, elle fez soar a campainha. O carro parou. Olhei-o numa interrogação muda, porque ainda não chegáramos aos nossos destinos.

— Vamos passear um pouco pela praia, para ouvirmos o oceano, sentirmos a noite e para que eu te conte, tomo a velho amigo, por que estou de luto.

— Vamos.

E foi deante das ondas, que franjavam a negra noite com a renda buliçosa de suas espumas, que o meu amigo de infancia me narrou esta triste historia:

— « Conheci-a num baile e logo para toda a vida me encantou seu rosto de Madona sob o louro resplandor da cabelleira. Era casada com um brutamontes qualquer, cuja profissão o obrigava a frequentes ausencias, algumas bem prolongadas. Amámo-nos reciprocamente como verdadeiros loucos, com uma intensidade de sentimento tão grande que eu nunca pensei pudesse existir. Amámo-nos com aquella paixão do Oriente que Voltaire comparava ao fogo e ao vitriolo. Ella recusara-se sempre, por causa de uma filhinha, a deixar o marido e fugir commigo para longe. Resolvemos, pois, afivelar a mascara da hypocrisia, unica salvação da sociedade, mantendo secreta a nossa ligação.

Logo que o marido se ausentava, ella me telephonava rapidamente. Quando o bairro dormia, eu vinha cuidadosamente á sua casa. Eram noites sublimes, de amor intenso, que nos indemnisavam dos longos dias de separação. O seu corpo divino, de oiro, de velludo e de rosa, cada dia tinha mais encantos para mim. Sahia de madrugada da sua casinha, furtiva e saudosamente, levando na bôca o perfume e o sabor de seus labios. Durava havia um anno o nosso amor, cada vez maior, quando tive de ir a Minas, a negocio urgente. Demoraria uma quinzena. Combinámos que lhe telephonaria logo que chegasse. O marido estaria fóra por todo o mez. Após duas semanas de horrivel saudade numa fazenda afastada, onde nem jornaes li, saltei de manhã do trem e corri ao telephone alli mesmo, na Central. Foi no dia 28 de junho de 1914 e parece que foi hontem, tão viva ainda é a minha dôr, e parece ao mesmo tempo que ha um século, tão longo tem sido o meu penar! Depois de repetir o numero varias vezes, impaciente, disse-me a telephonista com sua voz esganiçada:

— Não respondem.

— E' impossivel, minha senhora!

— Chamarei outra vez.

Passei o dia telephonando. A resposta era sempre a mesma:

— Não respondem.

A' tarde, passei pela casa della de automovel. Estava inteiramente fechada. Mandei um rapido com um bilhete e ordem de só entregal-o á senhora. Voltou, dizendo que não havia ninguém na casa. Cansara-se de bater e de esperar. Fiquei um tanto aprehensivo, embora meu primeiro pensamento fôsse que tinha ido passar o dia com uma amiga ou parenta. Depois do jantar só e triste na cidade, entrei naquelle bar e pedi ligação para ella:

— Sul — oito-tres-meia duzia-nove.

Sua voz apagada e distante, muito apagada e distante, chegou-me aos ouvidos. Com o coração aos pulos, de alegria, falei:

— E's tu, Julia?

— Sim, sou eu, querido.

— Cheguei hoje de manhã e passei o dia telephonando sem resultado. Estiveste fóra o dia todo?

A voz della era estranha, longinqua, pallida, mas era a voz della, que eu me não enganava. Insisti:

— Passaste o dia fóra?

— Passei, querido, em casa de mamãe...

— Estás só?

— Estou para sempre só...

— Para sempre? Como? Houve alguma coisa?

— Explicar-te-ei tudo depois, mas não ha nada.

— Mas, si estás só, posso ir esta noite. Estou morrendo de saudades! Queres que vá?

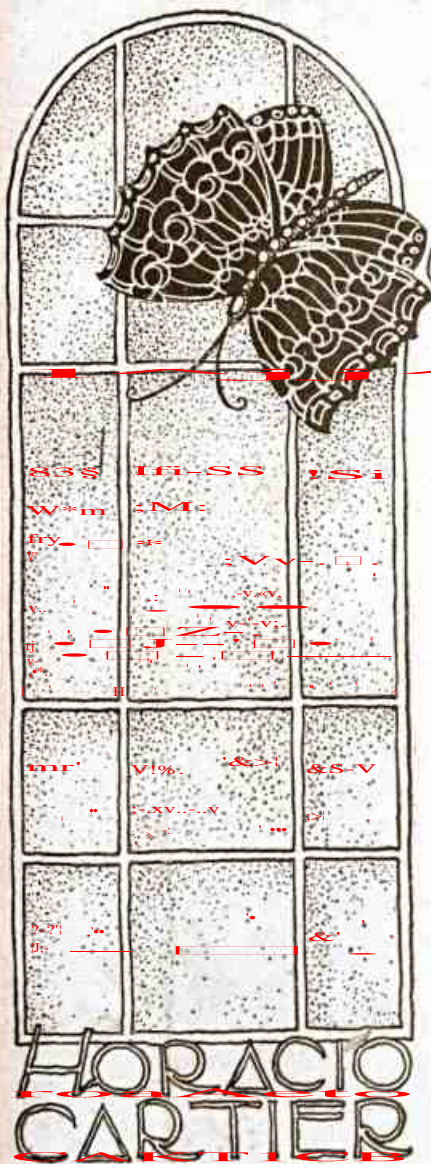
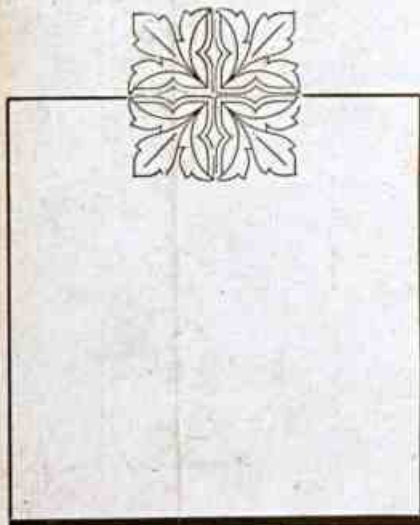
— Não, querido, hoje é impossivel. Amanhã, sim. Tem paciencia. Espera até amanhã. Conversaremos muito e mataremos nossas saudades. Dize-me onde estás e, amanhã, por estas mesmas horas, telephonar-te-ei, marcando a hora de vires. Qual é o numero desse apparelho?

Dei-lhe o numero do telephone do Bar Inglês e des-

(Conclúe na ultima pagina da revista)

A bruxa na vidraça

HORACIO CARTIER

(Illustração de Marcello Roberto)

COMO si essas paredes e quadros, esses moveis, livros e o mais que rodeia a minha solidão, se embebessem da transparencia serena dos dias de firmamento lavado, meus olhos, vendo através ou além de todas as cousas, contemplam em tudo aquelle trecho de mar por onde vi fugindo, ainda agora, de pôpa dourada das folhas seccas da tarde, o transatlantico das mariposas mortas. Vae a seu bordo, e deve estar travando os queixos, meditativo á beira do convez, aquelle obscuro naturalista inglez que alvoroçou os meninos pobres do meu bairro, guizalhando punhados de pratinhas novas nas mãos sardentas, e explicando, na sua meia lingua, dentro do bulicio dos olhos da garotada, como é facil se ganhar bastante, e desde cedo, caçando borboletas. Assim, mal desafivelára as malas, o estrangeiro havia seduzido uma revoada contente de crianças, que deixaram de empinar papagaios, e se atiraram por esses montes e valles, de sol a sol, cabritando no encalço daquelles esmaltes de azas. Em poucos dias as borboletas escasseavam. Ante-hontem, sumidas, os meninos tornavam das suas excursões, accidentadas mas rendosas, trazendo vazias todas as caixas de papelão onde as guardavam, trespassadas de alfinetes finos. Os mais espigados de vivacidade, que haviam aprendido luxos chimicos da caça, voltavam com os algodões seccos de ether com que já sabiam immobilizar para sempre aquellas membranas irisadas que volitavam como um sonho, e preservar o lustro virgem daquellas tintas quasi irreaes, de ineffaveis que eram. Hontem, porém, vespera da partida, o naturalista enfiou as horas da noite á margem dos caminhos, debaixo das grandes lampadas electricas, que se arredondavam como frutos fantasticos das arvores quietas, e ali apanhou as mariposas de azas franjadas e negras, as bruxas de corpo pesado, as ultimas borboletas, em summa, que eram as que parece viverem da esperança de que a sua vida ephemera seja um instante rajada de algum raio do mesmo sol que inflamma as azas das outras.

Que iriam fazer essas joias tão escuras e tristes dentro dos escrinios razos de tampo de vidro onde o estrangeiro havia fixado todas as borboletas do logar, como num mostruario das côres sem numero do céo e da terra, como num mappa das fôrmas incontaveis que risca a encantada geometria da natureza? Pois não lhe bastavam, e ao museus ou collecções de Londres, aquellas borboletas que pairavam de azas molles como um lenço azul que quer cahir, e se libravam cansadas, como si não pudessem reter no adejo os seus dois e impalpaveis retalhos de seda? Não se contentava então o inglez da negridão daquellas outras, tambem rebrilhantes ao sol, que traziam frisos de granada nos bordos ondulantes do desenho de suas azas? Acaso não lhe saciava as ambições, e os olhos, toda aquella poeira imponderavel de matiz que se acamava, refulgindo, no fundo das caixas rasas? Não; nada bastava aos museus de Londres, nem de nada se contentava e saciava o explorador. Dahi o seu frenesi nocturno da busca ás mariposas, e aquelle despojar frio de tudo, aquelle despirnos de todas as bellezas fugitivas da côr que extasia e morre, e de todos os volteios tristes das sombras que procuram a luz, e tambem morrem.

Não ha mais borboletas no meu bairro, nem de dia, nem de noite. Os estrangeiros não precisam tão cedo visital-o. E tu, que vens deslisando no teu lindo e suffocador mysterio, ensurdecendo os passos para que eu não te presinta o andar elastico e apressado, e surprehendendo-me ainda mais me deslumbres, podes voltar por onde vieste. Volta, porque o homem que levou todas as borboletas, e os meninos que lhe alfinetaram tantas, se esqueceram apenas dessa de azas grandes e negras que desde o escurecer me está annunciando que has de ser a illusão angustiosa e irremediavel do meu destino, e desde o escurecer palpita de encontro á vidraça da minha solidão, que te adivinha, e te vislumbra e chama.

ENTRE-ACTO

DE MERCEDES DANTAS

MAIO.

Tarde fresca, deliciosa. Recordação de primavera. Cheiro forte de pollen fecundo.

Do terraço moderno, onde branquejavam crysanthemos immaculados, Vera olhava a rua deserta. O marido tardava. Tão pontual, tão attencioso, tão meigo, fazia-a, agora, esperar impaciente, adiando o jantar, pondo-lhe n'alma transparente tristeza.

Era a primeira vez que se demorava. Era a primeira vez que a obrigava a soffrer assim.

Casara-se, havia mezes, contra a vontade da familia. Rica e nova. Elle pobre e modesto. Mas tão seu, tão carinhoso, que jamais se arrependera do casamento. Como o julgavam injustamente! E sua mãe então! Que insaciavel rancor lhe tinha sempre, sempre!

Confiava, porém, que o tempo abrandasse a violencia desses sentimentos, que os modificasse e o quizessem muito, muito, como o queria ella.

E elle entrou devagarinho, sorrindo. Beijou-lhe os hombros brancos, varias vezes:

— Tu! Agora!

— Eu, então! Demorei-me apenas um pouquinho...

— E eu ansiosa...

— Penitencio-me, querida. Depois do jantar iremos ao theatro. Consentes? Então, vem...

* *

Cantavam Walkyria.

A orchestra traduzia o mysterio da Tetralogia wagneriana.

Rajadas grandiosas rolavam pelo espaço. Os sons prolongavam-se, indefinidamente, pela alma a dentro.

Vera, da frisa, linda e feliz, a intervallos curtos, olhava o marido descuidado e sério.

Só comprehendia o seu amor. O de Siegmund era uma confusão, um absurdo para seu coração simples, que só sabia sentir.

O tecto hospitaleiro de Hundig fal-a lembrar-se da injustiça materna.

E mais uma vez contempla, amorosamente, o marido, como uma recompensa intima e delicada.

Em scena, os dois irmãos partem para o amor com a espada magica, sob o dia que se annunciava.

Luzes. Pausa.

Elle inclina-se quasi numa reverencia e diz-lhe com um imperceptivel frio na voz baixa

— Espera-me um minuto. Volto já. Vou fumar um cigarrinho. Consentes?

E sahiu despreoccupado, deitando um derradeiro olhar á mulher condescendente e risonha.

* *

A orchestra ataca o segundo acto com vigor admiravel.

A scena é escura e sombria. Rochedos selvagens. Wotan magestoso cedendo á grandeza da fé conjugal.

Mas Vera em nada repara. Não atina. O marido demora-se tanto, deixando-a sozinha, ali, sob a attenção de algum curioso, sob o commentario de conhecidos seus.

Esgotam-se os minutos, frementes, angustiosos.

E elle não torna.

Afflicta, volve-se então, vezes muitas, para traz, com as pupillas interrogativas, lacrimejantes. Nada. Elle não torna.

(*Illustração de Marcelo Roberto*)

(Conclue na pag. 130)

Fantasia

de Magdala da Gama Oliveira

O acaso fez com que se encontrassem no club.

Elle, elegantissimo, casaca ultimo typo, ligeiro bigode á Menjou.

Ella, pintadissima, escandalosamente vestida, linda como a flor mais linda deste Brasil immenso.

Canto de salão.

Jazz.

Uma mesa.

E um abat-jour.

— Olá, senhorita um pouco de champagne?

— Não o conheço, cavalheiro.

— Si conhece... Eu sou Papae Noel. E você?

— Eu sou a melindrosa carioca.

Feliz em cumprimental-a, senhorita.

— Obrigada.

Duas mãos que se apertam e dois olhares que só cruzam.

Papae Noel, âquella vespera de Natal, estava numa alegria invulgar. Chegára cedo á terra e fôra ao hotel trocar o trajo; depois, andára um pouco pela estrada luminosa dos arranha-céos e ali estava no casino, á espera da hora symbolica da distribuição.

— Melindrosa, vamos dançar?

— Vamos, Papae Noel...

O que conversaram — não sei; apenas, quando voltaram, Papae Noel trazia o rosto completamente enfeitado de rouge.

— Melindrosa, você é a mulher mais bella do mundo!

— Fingido!

— Juro!

— Hum... Não gosto de elogios, Papae Noel. Diga outra cousa, sim?

— Quer que fale da temperatura, do luar, da musica?!

— Isso tambem não... Conte-me a sua vida; deve ser um sonho a vida de Papae Noel...

— ...

— E' verdade que você manda no céo?

— E'. Mas, melindrosa, por que, numa noite deliciosa como esta, você insiste em lembrar que sou Papae Noel? Deixe-me gozar, esquecer...

— Sim, querido, mas isso não fica bem!

— Ora, convenções, convenções...! Eu não era assim; no tempo em que o meu serviço consistia em encher os sapatinhos das creanças, nem pensava que a alegria do mundo pudesse existir. Hoje, os meninos zombam de mim, e soffro a ambição insaciavel dos homens que exigem que os favoreça. Quer vêr? Aqui tenho milhares de cartas: esta, um macrobio a pedir mocidade; aquella, uma joven a exigir belleza; outra, um deputado a rogar augmento de subsidio... Um horror! A' vista disso, melindrosa, por que quer que eu seja o mesmo velhinho ingenuo de outrora?!...

— Pobre Papae Noel...

— Mais champagne?

— Sim...

Silencio.

— Papaezinho...

— Que é, melindrosa?...

— Pa-pae-zinho...

— Heim, minha dengosa?...

— Eu quero que você deixe na chaminé lá de casa uma cousa para mim...

— Deixo, meu amor, tudo que você quizer...

— Tudo mesmo?

— Tudo. Mas, um pouquinho de pressa, pois está na hora de partir. Você quer um vestido, não é?

— Não!

— Uma "barata"?

— Tambem não!

— Oh! Um bungalow?

— Qual! Você não adivinha...

— Então diga, fructinha gostosa, que tenho pressa...

— Você dá mesmo? Nem que seja o objecto mais difficil de encontrar?

— Dou...

— Nem que seja a cousa mais rara que houver?

— Dou.

— Nem que seja o maior thesouro do mundo?

— Dou!

— Então, Papae Noel, me dá um marido!

Sociedade

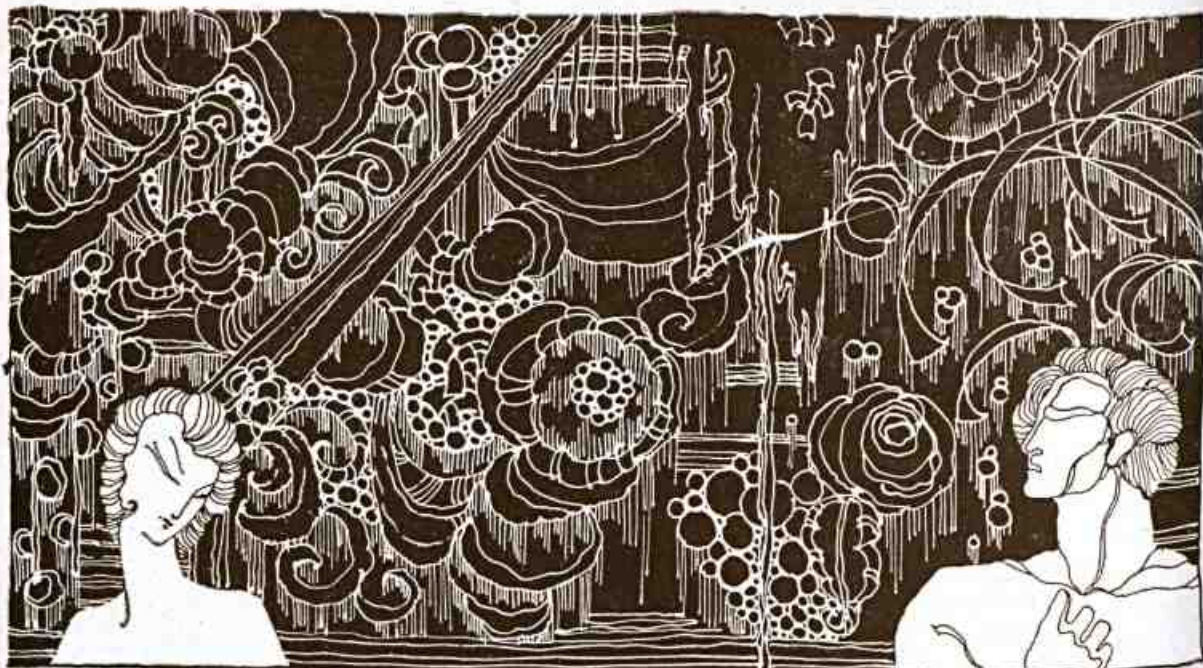
Mme. Isaura Peixoto

(PHOTO DE LOS RIOS)

Mme. Macedo Soares

(PHOTO DE LOS RIOS)

SACRIFICIO

LVCIO DE MORAES

VOCÊ quer uma prova do meu amor. Do meu grande amor, que nasceu, um dia, da luz dos seus olhos côr de ouro. Do meu grande amor, que enche tod^s as horas inquietas da minha vida de hoje.

Você quer uma prova desse amor. Exige, com o seu lindo sorriso triste e com esse olhar de luz melancolica e doirada, — exige que eu demonstre praticamente aquillo que os meus labios dizem e que os meus olhos confirmam num lampejo de noite escura. Não acredita nos homens e, por isso, não quer acreditar em mim. Receia que eu esteja mentindo. Tem medo da minha exaltação sentimental. Pensa nas mentiras que já lhe disseram .Evoca, desillludida e triste, as palavras de amor que já ouviu. Lembra-se do passado. Da serenidade da sua vida humilde. Dos seus dias amargos. E na sua memoria resurgem, como phantasmas de illusões extinctas, figuras de homens que nunca a amaram, mas que a desejaram, só porque você era bella e tinha a graça esplendente da mocidade. Seus sonhos de outr'ora, tocados de romantismo — sonhos de moça desambiciosa e simples — desfilam, mansamente, nas suas evocações. Você pensa em tudo isso. Recorda tudo isso. E fica duvidando deste amor tardio, que veiu despertar magoas adormecidas no seu coração. Duvidando deste amor que illumina, intensamente, os seus dezenove annos em flôr...

Eu pago pelos outros homens que mentiram tão cruelmente á doçura dos seus olhos, á bondade do seu coração, ao encanto luminoso da sua simplicidade. Pago pelos que lhe disseram cousas amaveis só para fazel-a soffrer. Vislumbra, adivinha, ou suspeita na minha sinceridade o fingimento dos outros. Acha que eu sou como elles: como os que nunca lhe tiveram amor, dizendo-lhe, embora, de joelhos, que a queriam loucamente.

E duvida de mim. Duvida do meu amor. E quer uma prova. Uma grande prova. Exige uma prova que a convença. Uma prova que lhe mate a descrença feminina e dolorosa.

Pois eu estou disposto a dar-lha. Dar-lha-ei como você a quer: immensa, decisiva, incontrastavel.

Sei que você é feliz. Pois bem: vou sacrificar o meu amor em beneficio dessa felicidade. Gosto tanto de você, que estou disposto a renunciar aos meus anseios, a devolvel-a áquelle que a adora, mas a quem você não ama, estou certo. Quero, apenas, que seja feliz. E a felicidade, ás vezes, depende de um sacrificio.

Eu faço esse sacrificio. E assim terá você a prova que exige de mim.

Ficarei sozinho com o meu grande amor impossivel. Pensando em você. Adorando a sua lembrança. Esperando que volte, um dia, com o coração vazio. Volte acreditando em mim. Acreditando nas minhas palavras e nos meus olhos. Volte trazendo o premio do meu sacrificio...

(Do livro, em preparo, "Meu amor impossivel...")

ILLVSTRAÇÃO DE MARCELO ROBERTO

A CASA SINISTRA

QUANDO, dentro de uma linda manhã cheia de sol, eu passei por ali, em demanda das alvas praias do Pecém, notei que aquelle trecho de sertão tinha um aspect' de quasi terror.

Era uma extensão consideravel de terra, desprovida de moradas á beira da estrada, o que não é commum no interior. O matto fechado, dum verde sem alegria, sem uma flor, sem o canto de um passaro, tostado pelo sol, e, que brando a monotonia da paizagem, bem á margem da estrada, silenciosamente sonhando, como si por ali tivessem passado os "cavalleiros do Apocalypse", muito branco e muito triste, aquelle casarão fechado...

— Foi aqui que mataram a Maria de Almeida, disse o guia, indifferentemente.

Eu soffreei o galope do cavallo, contornei a casa abandonada, e só então comprehendi a tristeza daquellas paragens.

As paredes cobertas por teias de aranha, o matto invadindo o alpendre, toda a desolação de morada abandonada fallava-me da tragedia que, numa lugubre noite de chuva, se desenrolára ali dentro, e cujo segredo ficara para sempre sepultado entre as quatro paredes da velha casa.

Jamais alguem soube como mataram Maria de Almeida, e a casa branca, abandonada, é como um cofre de segredo perdido no meio do matto.

Ella vivia ali, sozinha com os seus quarenta e tantos annos de solteira com a sua febre de dinheiro. Possuia terras e trabalhadores que habitavam distante; criava e trabalhava no campo. As creanças não se atreviam a vir brincar nas fruteiras do seu sitio, e quando as lavandeiras, no verão, sentindo escassear a agua, procuravam o riacho que passava nas suas terras, ella lhes fechava a porta.

Era egoista e má, porém, na casa branca da beira da estrada, os fructos pendiam das fruteiras, as espigas de ouro rebentavam nos roçados, o rodête triturava a mandioca para as farinhadas, as cannas machucavam-se no engenho e os rolos de fumo se multiplicavam na azafama do trabalho.

Isso durou annos, até que, numa noite de chuva, noite de relampagos e trovões, alguem levou de dentro, das quatro paredes da casa branca, as mãos tintas de sangue e os bolsos cheios de dinheiro...

....

....

Dois dias depois, de retorno, eu avistava, novamente, a casa de Maria de Almeida.

Passára de todo a hora doirada do crepusculo. A matta era uma mancha escura onde, aqui e ali, se alongava para o céo o espectro das carnaúbas e o vento fazia tanger, numa symphonia lugubre, as suas palmas.

De vez em quando, um passaro, assustado pelo tropel dos cavallos, mudava de poiso...

E foi então que ella se apresentou aos meus olhos na tristeza infinita da sua architectura.

As carnaúbas estorciam-se de pavor, no agitar dos seus leques. As esporas feriram com força o ventre dos cavallos e na noite escura ouviu-se a voz do guia, num accento de medo:

— Deus guarde tu'alma...

Por

Suzana de Alencar Guimarães

Fortaleza — Ceará

ABELHAS DOIRADAS

SYLVIA MONCORVO

O século desvairado, essencialmente perturbador em toaas as suas phases. Este século XX, que nos tem feito viver sob ameaças e sorrisos, pode-se considerar a época divinatória da mulher.

Da altura das suas aspirações, em corrente voluinosa de energia, a mulher — mentalidade, principio e razão de um conteúdo precioso, favorece a toda a grandeza universal.

Em todas as caracterizações de progresso, seja em torno ás cathedras onde a intelligencia desenvolve a lógica admiravel dos phenomenos, seja pelas realizações do pensamento em torneios floridos, pelas graças da poesia, pelas harmonias da arte, por tudo emfim — da escola instinctiva do amor ao impossível de todos os sacrificios — a ondulação do pensamento contemporâneo prende-se á mulher triumphadora.

O século das machinas é, também, o século da feminismo.

Os methodos de investigação têm provado a competencia, o valor das abelhas doiradas sorridentes e subtis, que sábem aquecer a neve do desalento, congregando carinhos e trabalhos no mesmo coração. Renascem á luz da esperança as forças espirituaes que inflammam o espirito moderno.

Em todas as classes vamos encontrar electrizado pela mesma scentelha o machinismo frágil, extremamente gentil, complexo e admiravel, o trabalho feminino em conquista de redempção.

Não ha limites ao seu optimismo constructor.

As mais fortes aspiram ás grandes alturas.

São illuminadais. Podem attingir ao fastigio. As medíocres também sorriem aos trabalhos de redempção. Pelejam por força de solidariedade. Vingam as suas horas de isolamento mental reproduzindo o traço luminoso que lhe deixaram as predestinadas. Vivem para o machinismo do progresso do seu tempo. Trabalham para a cohesão do seu sexo nessa luta formidável de independência moral e material.

E todas são forças applicadas á mecanica maravilhosa que vem surprehendendo a humanidade.

As outras, as que enfeitam a vida com as garridices do seu amor, essas vivem ainda mais para o engrandecimento universal. Borboletas lampejantes, visões radiosas, ellas são as que amam. As que vivem e morrem na inspiração do seu amor.

As amorosas merecem uma homenagem commovida. As paginas de belleza, as odysséas de amargura foram sempre obras primas das amorosas.

Matando em desesperos de ciúme.

Morrendo em desgraças sem remedio, ellas atravessam o tempo e o espaço dominadas pelo mesmo sentimento que é a fonte perenne de belleza universal — o amor.

O destino das humanas creaturas é escravo eterno do amor.

O amor é frioleira de graves conseqüências. E' delirio que dignifica e crêa, destróe e transforma.

As amorosas, heroinas, anonymas que não passam á historia são o transumpto da belleza além das fôrmas materiaes. Revelam sentimentos visionarios em theorias inconcebíveis.

E vencem, para morrer de amor se renunciam ao amor.

O espirito moderno, reflectindo o aperfeiçoamento das utilidades que se encristam no dorso das tendencias actuaes, tem procurado combater o poder omnipotente do amor.

Ascensuras, as doutrinas espiritualistas, as convenções, tudo tem cahido do seu pedestal.

E as amorosas — grandes forças do trabalho da mulher — continúam, dentro da forja encantada da sua alma, a peleja que mantém a vida organica e social.

As feministas do amor são as obreiras máximas do mundo.

Porque o pensamento rectilineo e fundamental, a vida meditada entre a sciencia e a philosophia, os grandes surtos gloriosos podem prometter dias felizes que não se levantarão jamais no horizonte da nossa existencia, se a chamma do amor deixar de brilhar em os nossos corações.

Retrato de uma collegial rindo
Collegial de olhos bons, mais alegres que guizos...
Alegria rindo alto!
Gorgeiam mais do que os passarinhos
seus sapatinhos sem salto.
Collegial de olhos de agua que se embebem do céo —
como os seus olhos ingenuos estrellam em pollens de ouro
a corolla do chapéo.
Collegial de 15 annos que são quinze jasmins,
Sua alma dentre as moitas dos collegios piedosos
rescende a orvalho e sol — fresca e em tons luminosos —
numa respiração matinal de jardins.
Salte para esta mesa — oh brinquedo com musica!
Pouse entre os meus papeis — para eu sonhar
quando o teclado de crystal de seus dentes clarinhos
rindo em chilros cantar!
Nem amôr, nem delirio, nem luxurias —
nada sentimental e eterno
com você...
E' fraternal que hei de sorrir até se acaso vir meu nome
nos corações que sua mão traça innocente no caderno
emquanto o rosto ri sem saber bem porque...
Collegial!
pouse aqui no jarrão deste poema
toda em sonho aromal
toda em rosas de renda
como um bouquet.
murillo araujo
MARCELLO ROBERTO

AS MÃOS DO VENTO

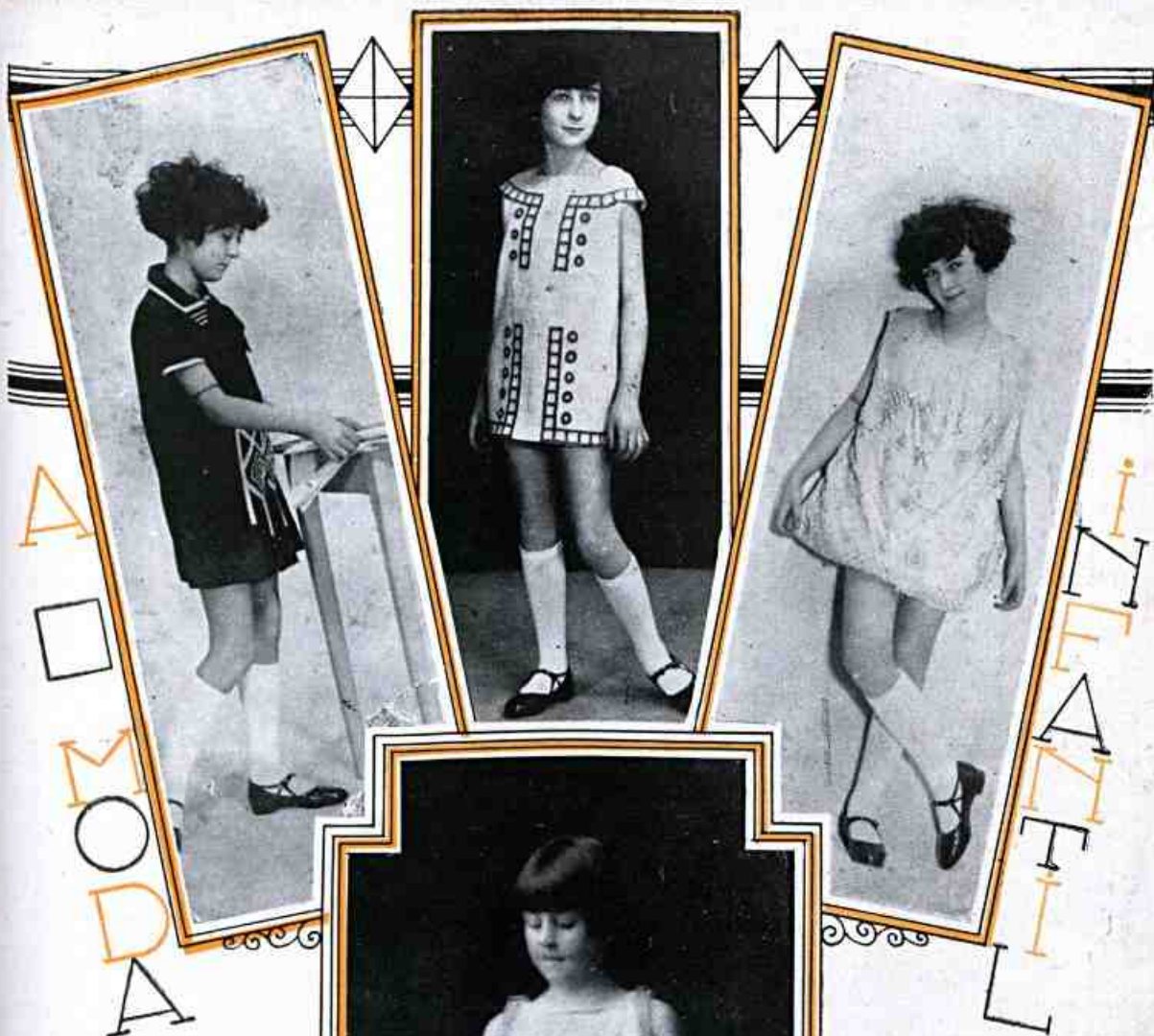
LEONOR POSADA

ILLUSTR. DE MARCELO ROBERTO

As mãos do vento são cariciosas . . .
Desfolham rosas
com a graça immensa de uma mulher
que indaga a sorte de seu destino,
despetalando, de leve, aos poucos
um malmequer...
Têm qualquer coisa de sentimento
as mãos do vento...

As mãos do vento são mãos de artista!
Ninguém conquista
nos ramos fartos das magnolias
ou na textura de altas palmeiras,
sons mais doridos, gritos guerreiros,
de harpas eólias . . .
Traduzem queixas, recolhimento,
as mãos do vento!

As mãos do vento são vingativas...
Em flammas vivas
o facho ateiam á destruição
Tectos arrancam, despencam ninhos;
em ondas enchem os calmos rios
na inundação . . .
Então são negras, como um tormento,
as mãos do vento . . .

A MODA INFANTIL

Os petizes encontrarão nestes figurinos — "toilettes" de Natal, de passeio e de banho — os mais variados modelos lançados em Paris.

Sensibilidade

A Goulart de Andrade

Vêm-me das coisas imprevistas
As mais profundas emoções.
Pertenço ao rol dos fantasistas...
Tenho a volupia das paixões.

Gosto de tudo que é macio
E tem um brilho rosicler:
Quando uma seda acaricio,
Sinto um perfume de mulher.

Ha no morango appetitoso,
Que de tão rubro é sensual,
Certo, o sabor miraculoso
De um beijo em labios de coral.

Gosto de tudo que offerece
A limpidez de Aldebaran!
Quem as colheu, jamais se esquece
Das fulvas rosas de Teheran.

Sobre a pellucia de um velludo,
Passando, acaso, a minha mão,
Percebo, em sonho, que desnudo
A alma subtil de um coração.

A gaze fina e transparente,
Cobrindo um collo juvenil,
Dá-me a impressão de agua corrente,
Banhando um florido alcantil.

Tudo que é puro me commove:
O lyrio, a perola, o jasmim...
Fico a sonhar sempre que chove,
Como si eu fosse um mandarim.

Adoro os poetas inspirados
Que, como Haffiz, Lahor, Guerin,
Tecem furtivos rendilhados
Sobre a doçura de um "velin".

Sonhando com dragões da China,
Quem não soluça quando lê
Qualquer estrophe pequenina
Do feiticeiro Li-Tai-Pet

Visão de luz, miragem louca,
Deante do quadro de Stambul,
Olhando o céu, sinto na boca
Sabor de Sol, gosto de Azul!

OSORIO DUTRA

Francisca Julia

Maria Junqueira Schmidt.

Por Maria Junqueira Schmidt

FRANCISCA Julia é a mais classica expressão de arte que appareceu até hoje entre as poetisas brasileiras.

Classica, — na perfeição do verso. Seduzida pelas severas e torturantes leis do parnasianismo, aspira e culmina ao "hemistichio de ouro"; e então, arma e faz ecoar aos nossos ouvidos a phrase lapidar, que tem sonoridades orchestraes e fulgurações solares. Conseguiu esse prodigio de arte, não accidentalmente, mas com esforço, pertinacia e amor. «De ouro» é o seu vocabulario castiço, — ora doce, ora forte; «de ouro» são as suas cadencias, mesmo quando em periodos fragorosamente violentos; «de ouro», emfim, é a sua rima, que accorre afflicta, buscando a irmã que a reclama e acena.

Classica tambem, — pelo culto ás lendas do paganismo. Não conheço melhores e mais impressionantes quadros, pela frieza com que foram traçados, paineis, onde a dynamica constitue toda a força da expressão que «Penthesiléa», de Kleiste, e «Centauras», de Francisca Julia. A primeira, — rainha das Amazonas, desgrenhada e desvairada, o olhar cego pela loucura, os gestos hirtos pela contradicção tragica, que lhe despedaça o ser, — tenta estorcer-se e queda immovel, nessa lugubre immobilidade dos que a desgraça tresvaira de repente, — deante de Achilles, que a subjugou duplamente: — venceu-a no combate, e accendeu em seu peito de guerreira a chamma do amor, eternamente interdicto ás Amazonas.

"As Centauras", de Francisca Julia, levam a palma ainda pela concisão da scena. E' um soneto. Mil centauras dançam ao luar a sua dança tresloucada e febril; vêm, vêm, a noite toda; núas, os cabellos soltos, que a brisa enfuna. E subito, galopam todas em fuga, enchendo os ares com o troar da correria: — Hercules apparece.

Rainha de seu pensamento, senhora de sua penna, Francisca Julia, entretanto, — embora appellidasse o seu primeiro livro de «Marmores», não é um temperamento de marmore.

A vida e a seiva da mocidade transparecem aqui e acolá, rebentam a couraça da «justa medida» e estuam em sentimento, em rythmos nervosos, mal contidos, mal represados; — em rythmos tropicaes. E' dos mil encantos de Francisca Julia: annunciar-nos que a sua musa é impassivel, e a cada passo sua musa freme e, si não chega ás lagrimas, ouvimos-lhe o soluço reprimido, vislumbramos-lhe a contracção do rosto, que a dôr fa formar.

Classica, emfim, porque profundamente humana. Não se deixou embriagar pela adoração exclusiva da fórma. Quiz traduzir o soffrimento humano. Procurou fazel-o como quem não o sente, porque, sem duvida, conhecia a Natureza, e della recebia suas lições de arte.

A natureza, com effeito, é impassivel para com as lutas, que se travam, gigantescas, em seu seio. Quem, attento, penetrar em uma floresta, verá e ouvirá a tragedia dos vegetaes. Troncos robustos abraçam-se, em luta romana, e tentam suffocar um ao outro; annos passam, e o abraço fatal prostrará o mais debil, o mais fraco. O outro nutre-se de seus restos, haure, até as ultimas, as gottas de sua seiva. Elle mesmo, porém, sente, sobre o seu dorso, parasitas que o minam, que o esgotam; lianas o rodeiam, sedentas de se embeberem em sua fecundidade. E as arvores crescem, tentam sahir do mattagal, em que os arbustos se esmagam e se entredevoram. E lá em cima, lá no alto, espalmando suas ramas frondentes, sorriem, ao sol, indifferentes á vida, que a seus pés, a cada instante, morre, e, a cada instante, renasce; tão indifferentes que, mesmo, quando para ellas tambem, — fortes no seio da fraqueza das plantas, — é chegada a agonia, empallidecem, e o seu palor de ouro é um lento, e limpido, e sereno sorriso, com que se despedem da vida.

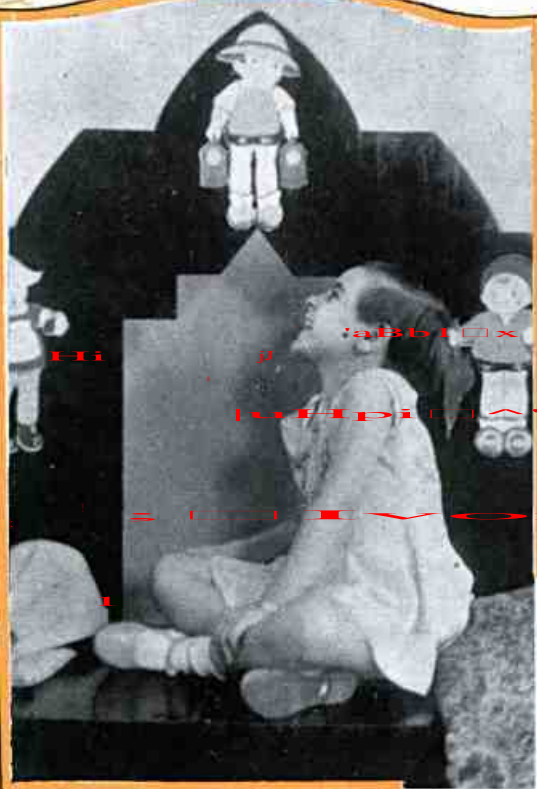
E si, de subito, o vendaval se levanta, e recáe em turbilhão sobre a floresta espessa, ella se curva toda, e soffre, e geme ao açoite da ventania, e resôa em gemidos, aos estalos estrondosos das madeiras seculares, que se quebram, e tombam; — e zumbe a floresta, e uiva desesperada, emquanto o estallido da chuvarada contra as franças copadas ecôa ao longe, como bofetadas de mãos cadavericas. E' o transito da morte. Passa. E minutos depois, calma, silenciosa, a floresta pompeia o seu verde sorriso, o seu sorriso eternamente verde! Eis a licção da natureza.

Francisca Julia seguiu-a, em «Marmores», como em «Esphinges». Suas paizagens traduzem essa perenne orgia de côres, de luzes, de potencialidade, que a todo momento se renova, — essa criação e renovação constantes, que se operam no seio da terra. E uma prece escapa-lhe: — ver seu corpo sepultado transformar-se «num chorão recurvado, que dê sombra fresca á sua propria cova!»

Tal a resignação da poetisa paulista ante os mysterios da vida. Philosophica resignação! Artistica serenidade, de quem olha, muito do alto, os problemas da natureza e não procura resolvel-os, — a escola utilitarista é nulla em poesia, — não procura tão pouco a sua origem e o seu fim; — a escola didactica é difficilmente artistica, — não os nega, é certo; — a escola athéa é immoral e a arte immoral é uma degeneração da arte, — não se queixa e não se tortura deante delles, — a escola sentimental, neurasthenica e triste, fatiga e deprime, — mas procura traduzil-os com verdade, exprimil-os com sentimento, represental-o em toda a sua magnifica e soberba simplicidade.

Nada mais, e — para gloria da nossa mais classica poetisa — nada menos.

Pagina Infantil

A galante menina Maria Amalia.

A menina Ivone Magalhães Bastos.

(PHOTOS DE LOS RIOS)

A menina Nancy, filha do casal José Carlos da Silva Rocha

GALLO

DE EDVARD CARMILO

O estridulo da tua garganta ficou marcando um instante dentro da eternidade: o momento em que a nota do teu peito entôou o milagre desse berço divino em que sorriu, pela vez primeira, o filho de Deus!

Antes que refulgisse no azul a estrella pegureira, já os mensageiros das divinas novas, pela estrada illuminada, vinham escutando o éco do teu hymno alado, o murmurejo da tua hosanna: primeira saudação, na terra, ao meigo redemptor!

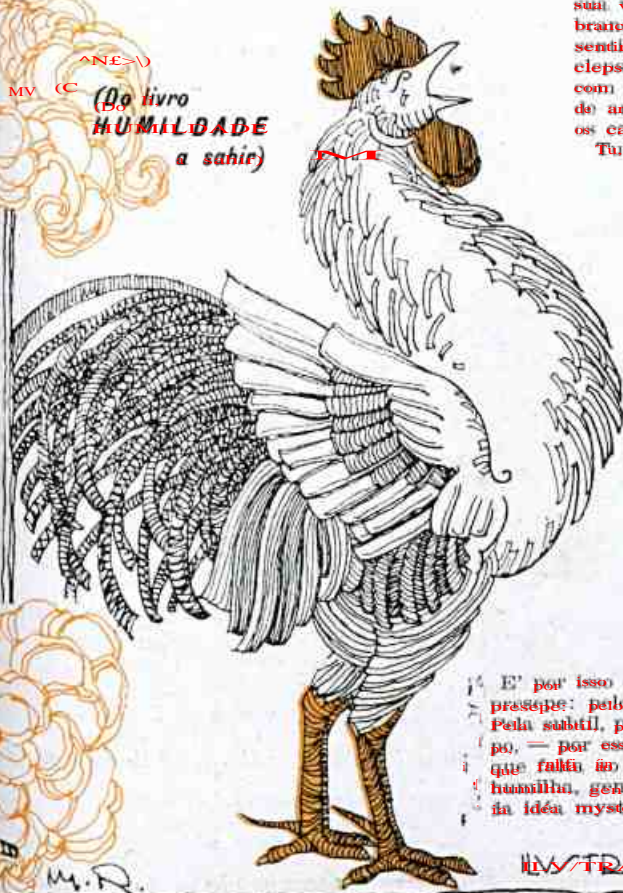
No teu seio palpita uma illusão de condor, um anseio de palmeira, uma perpetua aspiração de azul, de espaço amplo e claro. Quando cantas, tatalas as azas na ameaça vã de um vôo largo, no ensaio ephemero de uma arremetida chimerica!

Tens muito de D. Juan e um pouco de D. Quixote. és galanteador nos madrigaes camiros, és, na graça da tua ciranda guerreira, és fidalgo no desafio quando, no brandir dos acicates das tuas esporas, te pões de atalaya para o assalto. E's uma sentinella; és um namorado: para o amor, bailas em rodopios faceiros, cacarejas em bisbilhos carinhosos, enfunando as plumas do seio; para a guerra, logo te exaltas, altivo, e te inflamma todo o sangue da poupa rubra da tua cabeça de heróe!

Deus, que é só misericórdia, não deu á alma o dom de medir o tempo, para que á alma esquecesse. Mas o homem quiz lembrar e allucinou os seus cinco sentidos no delirio de marcar os seus instantes. Embriagou-se em hermeticas torturadas, torturando-se entre cadinhos, enleiando-se entre signos e magias. Para, dentro de si mesmo, na sua propria percepção intima, ter a noção pura do tempo, teve os olhos presos ás estrellas, debruçou-se sobre os diluculos e os mementos, divagou entre as miragens doiradas das constellações. Perscrutou a sua velhice, nas suas rugas e nos cabellos brancos. Em vão! Depois, ainda para sentir a impressão infinita, imaginou a clepsydra e a ampulheta, medindo a vida com uma gotta de agua, com uma conta de areia, e inventou as horas e desfolhou os calendarios.

Tu, não, gallo, clarim sonoroso dos pomares, empennachado regente das cigarras, tu és um prenuncio e uma annunciação! Tua alma divinatória presente e aponta, pela harmonia do teu peito, o diluculo auroral e os arreboes crepusculares!

A' luz meridiana, o sol, a pincaro, como que fére o açorde da corneta madrugadora da tua garganta que treme alácre, no ar, sob a flamula da tua crista de rubi diluido! E á meia noite pões, com teu hálito, uma serenata entre as pennas e as plumagens do teu harem, e mal assombrados, a escutar-te, fogem os boitatás e se apagam os vagalumes pensando que, obediente ao feitiço da tua trombeta, o sol, ainda uma vez, vae despontar e derramar-se pela terra, em musica, em rosa, em esplendor...

E' por isso que eu te contemplo e te amo, ave do presepe: pelo que te adivinho e te comprehendo! Pela subtil, pela nitida percepção que tens do tempo, — por esse teu sexto sentido com que o medes, que falta ao homem e que o tortura, com que se humilha, genuflexo, no desespero ou na humildade da idéa mysteriosa e divina do infinito!

(Do livro
HUMILDADE
a sahir)

M. R.

ILLUSTRADO POR MARCELLO ROBERTO

HERNANI DE IRAJÁ

Quando uma mulher não póde deixar de c n-cordar sobre a belleza de uma outra diz: "E' engraçadinha".

• • •

Quando uma senhora paga o vestido á costureira, acha-o carissimo. A's amigas diz que custou tres vezes mais e acha-o baratissimo.

• • •

Conheço "irmãs-de-caridade" incapazes de extender a mão a um aleijado. Em troca mantenho relações de cortezia com muitas damas que costumam fazer caridade... com a bolsa dos outros.

• • •

A proposito: no Brasil-Rio ha uma classe de senhoras que vivem de organizar festas de beneficio... proprio.

• • •

As "diseuses" feneceram. Passaram. Em tróca estão aprendendo violão, o instrumento predilecto do maestro Guanabarino.

• • •

"Como ellas gostam de livros! — pensava eu vendo-as em assidua frequencia ao Soria e Boffoni.

Qual! é a livraria que recebe mais figurinos de modas...

• • •

O maior desejo da mulher é ser artista de cinema.

Prefiro um "mancebo" declamando em festival (de cadeiras compradas á força) do que ver uma mulher fumando.

• • •

Para quem as moças pintarão os labios? Para as outras? Duvido. Os homens, em geral, detestam as boccas pintadas. Por varios motivos.

• • •

O sentimento do amor materno é um desdobramento do amor. A mulher quer bem ao esposo (de verdade) como a um filho. O verdadeiro typo de esposa é o da esposa-mãe. "Meu filhinho" — é commum em seus labios.

• • •

Ha mulheres que por mais que se esfreguem com Agua de Colonia parecem sempre pouco aceiadas.

• • •

A sagacidade é mais propria ás mulheres (modernas) que aos homens (de qualquer época).

• • •

— "Que fim levaram aquellas meninas assombrosas, verdadeiros prodigios na musica?"

— "Casaram..."

• • •

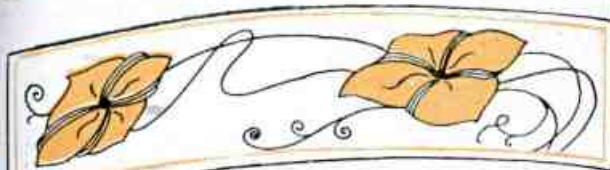
Coisa notavel: as pintoras só depois que se casam é que ficam notaveis!

• • •

A gente se preoccupando com as mulheres! E' a preoccupação eterna de tudo que não é eterno no mundo.

Considerações inuteis sobre a Arte verdadeira

De Helena de Itajá

(Para "Fon-Fon")

EM meio á balburdia geral que empolga o mundo, na hora presente desejoso de modificar as velhas formas literarias, esculptoricas, poeticas e pictoricas, já exhaustas por terem sido reproduzidas e aproveitadas durante tanto tempo, uma deploravel confusão se estabelece, gerando os erros mais lamentaveis e ridiculos. Questão, sómente, de exaggero e má orientação. Tenho a impressão de que os pretensos artistas do futurismo (com f minusculo, *a la* Vargas Villa...), estão a se divertir com a platéa e a fazer com que nós — nada entendendo das ultimas elocubrações humoristicas de taes senhores, — destarte nos julguemos, assim, nas mesmas tristes condições do padre da anecdota, o qual, por não ser de bôa origem, em absoluto não via o que certo *pintor* astuto *pintára* na téla limpa e vazia...

E, agora, digam-me em sinceridade: alguma das nove musas (dez, com a do cinema) merece tratamento semelhante?

A phrase idiota de Marinetti, o celebre: "Bisogna sputar ogni giorno sull'altare"... fez escola, principalmente no Brasil.

A poesia, antes de tudo, apenas liberta das cadeias grotescas dum romantiismo falho, transformou-se, bruscamente, numa horrorosa Josephine Baker, cheia de pennas e colloridos extravagantes, sacudindo um *klaxon* de *jazz-band* e gritando nos nossos ouvidos uma symphonia (perdão, Beethoven!) irritante de disparates. Tudo isso porque os renovadores consideram a arte, una e perennemente bella, como uma insupportavel matrona, imbuida de preconceitos até a raiz dos cabellos de *Quiteria*, ao envez de nella verem a formosa amante dos legitimos sonhadores.

Mas, que importa? Com esses factos, o publico se diverte, e... por que não formar uma cruzada de modernos, em opposição aos futurismos? Seria bem interessante.

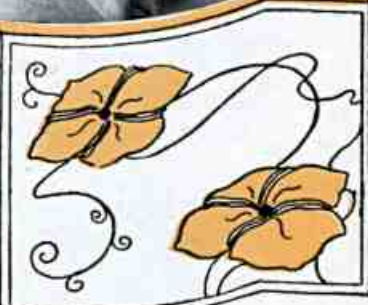
E o lemma

— Renovar sem ridiculo, — sob o eterno estandarte da belleza.

Si ha talentos novos e fortes, como Paschoal Carlos Magno, na poesia, Celso Kelly, na pintura, Sylvio Julio, nas letras e no pan-americanismo, necessario á nossa terra, e uma infinidade de nomes valiosos para uma cooperação de tal indole, não seria impossivel a realização duma victoria.

Porém, o *ritornello* de uma opereta vem zombar do meu fervôr optimista, e ouço o estribilho italiano, desenganando-me:

> ... "Ah, *mia cara,*
> *forse voui tentar,*
> *Tu, da sola, il mondo*
> *cambiar!...*"

E considero inuteis estas considerações.

Os rios da minha terra
são dragões de verde escama
ou de corpo cor de prata
ou de dorso cor de lama,
cuja cauda se desata,
coleia, espumada, ferra
o valle, a planicie, a serra,
carregando, solapando,
inundando, fecundando
as terras da Minha Terra!

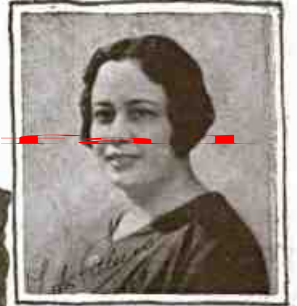
Dois vêm rolando como gigantes
as grandes aguas num turbilhão,
um nas florestas do Norte, distantes,
outro no centro cortando o sertão.
O São Francisco vem da montanha,
canta nas pedras, volteia, banha
bosques, cidades, campinas, passa
no seu tumulto avolumando as aguas
em Paulo Affonso salta sobre as fraguas
e num grande clamor se despedaça!
E a espuma branca vae seguindo adeante
vencendo tudo, sempre a triumfar;
o rio esquece o que ficou distante
e vae rolando se perder no mar...

E o Rio-Rei, o Rio-Mar, o Rio das Yáras,
o Amazonas sem lei de jacarés e igâras
que vae levando lendas e sonhos na agua barr[enta]
cantando um [illegible] cadenciado e lenta,
vae vencendo [illegible] distancias,
levando [illegible] na corrente,
arvores, troncos, illusões da gente,
"terra-caida", encantamentos e ansias,
galhos partidos, fragmentos de ilhas,
pesadelos, assombros, maravilhas!
E avassalando a terra pouco a pouco
entra afinal no mar como um gigante
e embalde o Oceano revoltado e louco
levanta as ondas sacudindo o lombo:
a "pororóca" estrondo num ribombo
que o Eco repete num clamor distante.
E a luta formidavel continua
até que o mar vencido emfim recua
e o rio victorioso além das ilhas
vae mar a dentro até duzentas milhas!

Tu és como os teus rios, ó minha Terra!
Quanta belleza a sua força encerra!
Aprende nelles a lição selvagem
da constancia, da audacia e da coragem.
Nunca volver atraz por um instante!
Sempre olhar o futuro: Adeante! Adeante!
E quando presagiarem-te a derrota
vaticinar-te a queda no abysmo
recorda Paulo Affonso: o rio tumultuoso
tomba para seguir victorioso!
E quando presagiarem-te a derrota
segue tranquillamente a tua rota:
como o Amazonas, domador temivel,
as ondas domina no embate terrivel,
ergue em muralha a tua força bruta,
apresta as férreas garras para a luta
e qualquer inimigo além das ilhas
ha de recuar tambem duzentas milhas,
que a "pororóca" é a luta, é um brado de victoria
e o teu Destino é a Marcha para a Gloria!

UMA ALMA DE MULHER

CONTO de NATAL (Especial para Fon-Fon)

IVETA RIBEIRO

No ambiente frio e triste de um pobre quarto de pensão de ultima ordem, isto é, um desses quartos feios de «casas de commodos» mais ou menos decente; á luz avermelhada de uma pequena lampada electrica, suspensa de um negro fio preso ao tecto, a moça escrevia, e a sua pallida mão maltratada parecia fazer um enorme esforço para não tremer, guiando a caneta sobre o alvo papel.

Curvada sobre o tampo de uma machina de costura, que se improvizára em secretária, com a cabeça apoiada á mão esquerda, cujo braço se firmava na beirada da taboa, aquella creatura franzina e delicada tinha uma tal attitude de abandono e de tristeza, que causaria pena a quem pudesse vel-a naquelle momento. Os cabellos alourados, e levemente crespos, conservavam uma vaga linha de corte elegante, através do descaso em que os deixavam as preoccupações de sua dona. O traje que vestia o esbelto corpo dava bem a perceber o uso excessivo que supportava.

Era um vestido de seda, decerto sahido de um «atelier» afamado, tal a perfeição de suas linhas geraes; porém o desbotado do tecido avermelhado de que era feito e os evidentes concertos que soffrera denunciavam que já havia servido demais em longo tempo.

Tudo naquella suave figura de mulher denunciava soffrimento e abandono, e nas linhas puras do seu rosto de moça poder-se-ia ler todo um poema de magoas profundamente sentidas.

No silencio que reinava no aposento, só o bater rythmado, de um pequeno relogio, que estava sobre um dos moveis, se fazia sentir como si fosse o palpitar do coração do tempo, ou o éco da marcha lenta das horas que passam indifferentes á vida que por ellas é contada.

De quando em vez, a mão pallida e mal tratada da moça parava de guiar a penna no alinhamento das palavras que se iam gravando no papel, e cessava, de súbito, o leve chiar produzido pelo contacto do bico de aço com a superficie lisa da carta.

Então a moça parecia perder-se num mundo de cogitações dolorosas, com os grandes olhos perdidos num ponto fito, sem nada ver na sombra em que se afundava o olhar parado.

Vinha depois um suspiro que se assemelhava a um gemido sem som. A fronte branca e triste voltava a se apoiar na mão esquerda e a penna corria de novo sobre a brancura immaculada do papel, deixando, após a marcha nervosa, um longo rasto de tinta humida, que traduzia as expressões de um pensamento em acção.

(Conclue na pagina 126)

ILLUSTRADO POR MARCELO ROBERTO

A PLACA DE BRILHANTES

DE LAURITA LACERDA DIAS — ESPECIAL PARA "FON-FON"

ERA a terceira vez que, naquella tarde, Wanda, a encantadora Wanda de Alencar, se punha deante do grande espelho oval do seu quarto de vestir e se interrogava:

— Estarei, por acaso, mais feia?

A sua figurinha elegante, envolta no velludo rosa do "pegnoir" de luxo, era, reflectida no crystal, um desmentido eloquente a tal hypothese, uma resposta negativa á ansiedade da sua pergunta.

— Estarei, por acaso, mais feia?

Não, não estava mais feia, antes, ella mesma seria obrigada a confessar, se achava mais bella que nunca.

O casamento alindára-a devéras e a sua accentuada esguiez de moça moderna fôra substituida por uma linha levemente sinuosa, que tornára perturbadora a sua formosura.

Então, por que motivo vinha o Carlos mudando daquella forma?

Sim, já não era o mesmo dos primeiros tempos; aquellas sahidas inexplicadas, aquellas sessões noturnas do Instituto dos Advogados, quasi todas as noites, aquellas abstracções repentinas... que queririam dizer? Onde os carinhos, o interesse, as attenções da lua de mel?

Como já iam longe... Entretanto, Wanda não tinha ainda tres annos de casada!

Pela janella aberta, vinha até os ouvidos da joven esposa o som estridente e burguez de uma victrola barata da vizinhança.

"Quem quizer prender um homem,
Não lhe mostre muito amor..."

— E' isso, pensava Wanda; eu o amo demais e elle tem a certeza da solidez desse affecto! Por que não dissimulei um pouco? A mulher nunca deve abrir completamente o coração ao homem amado...

O "couplet" da victrola chamára-a á verdade.

Mas seria só por esse motivo a transformação do Carlos? Tedio?... Talvez... Ou um outro amor? Ah! isso era o que mais lhe atormentava o pensamento.

Mas... queria saber, saber tudo... Preferia o violento despertar de uma verdade cruel ao doce embalo da mentira...

Quem sabe si ali mesmo não estava a solução? A gaveta do "bureau" attrahia-a como um iman. Procuraria, descobriria tudo... E, nervosamente, Wanda iniciou uma busca em regra nas gavetas do marido.

Subito, o seu olhar deparou, no canto de uma gaveta, com um estojo, sim, um estojo de joia, tentador no brilho macio do velludo escuro que o envolvia. Uma placa de brilhantes! Que magnifica joia! E ao lado, um cartão do Carlos, onde elle traçára com a sua bella letra energica:

"Para a minha queridinha"
"Lembrança do Natal".

Pobre Carlos!

Como fôra injusta nas suas ridiculas e infantis suspeitas! Uma placa de brilhantes! A joia que ella sempre desejara e lh'o déra mesmo a perceber. E como era original aquella, com o seu bizarro desenho, ideada, com certeza, por elle, que era de um grande gosto para taes cousas!

Como fôra levada por estupidos ciumes ao papel de espionar o marido!

Uma lagrimasinha de arrependimento veio perder-se entre os papeis revoltos.

E, emquanto punha tudo em ordem, Wanda pensava, com mais amor do que nunca, em seu marido.

A vitrola continuava, entretanto, na mesma chapa e, já sem corda, mastigava difficilmente:

Não... lhe... mo... ostre mui...
i...to a... mor...

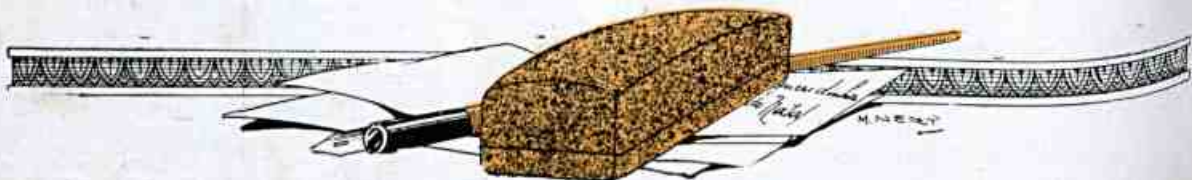
— Mentirosa! falou Wanda, a rir, olhando para fóra

Dias após, no "reveillon" do Copacabana, Wanda era apontada como uma das mais bellas creaturas ali presentes. Sua felicidade renovada augmentara-lhe a belleza. Estranhára que o marido não lhe désse a joia, para estrear na festa, mas já conhecia o seu costume dos annos anteriores: collocaria em seus minusculos sapatinhos, para que ella a encontrasse pela manhã.

Assim fizéra com aquella perola rosada que lhe ornava o dedo e o bello com a photographia do "Crysler" — presente do ultimo Natal.

De repente, seu olhar se turva, empallidece e, receiando cahir, ampára-se a uma cadeira.

Deante della, com o mais doce dos sorrisos, Yolanda, sua maior amiga, sua afilhada de casamento, dava-lhe as "boas-festas" e Wanda notou, a prender o audacioso decote, como joia unica, a placa de brilhantes que vira na gaveta do marido. Percebendo-lhe o olhar, Yolanda falou, cynicamente:

— Linda, não é? Presente do Jorge... Estraga-me com tantos mimos, o maridinho! Mas não lhe digas nada! Detesta que lhe conheçam as liberalidades...

UMA linda «toilette» de capucine, leve, esvoaçante, alada..., e um feltro «peau de gant» negra e setim da mesma côr. Ambos de Jean Patou.

DE JOELHOS

PALMYRA WANDERLEY

ERA nos tempos de Israel...

As aguas do Egypto se convertiam em sangue.

Pela estrada do Mar Vermelho, caminhavam, a pé enxuto, os israelitas...

A vara miraculosa de Moysés feria o coração fechado da pedra do Horeb, porque em Raffidim os hebreus morriam de sêde...

A sarça ardente do Sinai crepitava, sob os pés do Legislador...

Iam ser impressos, nas taboas da lei, os dez mandamentos...

O deserto floria de branco porque do céo começava a se derramar, em flocos de neve, o Maná Salvador...

Cahiam, por fim, as muralhas de Jericó.

Os hebreus entravam na cidade levando, em triumpho, a Arca d'Alliança.

....

E' no Natal do Christo.

Levemos, tambem, em festas, a arca dos corações, emquanto resôam as trombetas da fé.

A hora da t r e v a não soará.

O sol da christandade brilha na meia noite.

Josué commanda-a...

A caminho de Bethlehem...

Pela encosta verdejante do monte Libano — ninho de aguias que se implumam para o abraço do infinito, cedros maravilhosos farfalham, ensombrando as areias de fogo, e levantam bem alto o pendão da ramaria — sentinella sempre verde da terra de Jesus.

Escutemos a voz mysteriosa do Genesareth...

Descansemos em Capharnaum, a cidade dos milagres...

Colhamos a flôr azul das aguas pacificas do Jordão.

Persignemo-nos na fonte redemptora do rio do baptismo e entremos de joelhos na Terra da Visão.

"Nazareth, a pomba azulada do oriente, que formou o seu ninho á sombra do Hermon", extende as azas pelos campos perfumados de Chanaan, "que foram outrora o cubiçado jardim da tribu israelita de Zabulon."

"Bethania, a casa das tamaras", espalha fructos e sombras.

"Bethlehem, perola de Judá engastada nas cumiadas dos montes da Palestina" — celeiro provido de espigas de ouro, campo dourado de trigaes maduros, offerece luz e pão.

Palmyra Wanderley.

Acompanhemos a romaria santa dos pastores.

São elles os primeiros romeiros do Natal.

Todo o rebanho — flôr de neve das montanhas esfumadas — dorme a essa hora sob a guarda da noite gloriosa.

Ao longe, a estrella de Jacob accende no infinito a lanterna projectora do sagrado mysterio.

As oliveiras rezam nos montes a oração das arvores.

Os humildes pegureiros lá se vão, de pés descalços, machucando a relva. Levam pelles aos hombros e são guiados pelo alvorecer da luz redemptora.

Vez por outra, a caravana dos pastores toca na caverna a musica dos zagaes, emquanto os anjos cantam nos espaços:

— Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de bôa vontade...

E os pastores, porque são simples, porque são puros, porque o bem conhecem e o bem desejam, sentem dentro d'alma se accender essa paz celestial.

Ao toque da Graça Divina, serão elles os primeiros a beijar os pés desnudos do Menino Deus...

Uns, levam cantaros cheios de leite, outros, favos cheios de mel; alguns levam casaes de pombos e resinas aromaticas e, quasi todos, levam os anhos mais tenros do seu armento, pampanos e azinheiros, anemonas e narcisos das collinas em flôr.

— Aonde irão elles? — perguntarão os incredulos — a essa hora, enfeitados assim, tocando, na avena pobre, coisas melodiosas que fazem adormecer um rebanho de cordeirinhos, abrindo a lã em flocos ao luar?!...

— Aonde irão elles? — perguntarão os impios, — batendo azas, espargindo aromas, destillando mel?!...

— Aonde irão elles? — perguntarão os máus, — coroados de flôr, enlaçados de ramos como si estivessem tecendo capellas á madrugada?!...

E emquanto ficam a pensar que elles vão levar presentes á sua amada, ou assistir ás bôdas das abelhas em algum cortiço encantado, responde a voz imperiosa da fé:

— Elles são os homens de bôa vontade!

Vão ao reino de David, á Arca de Noé, receber o ramo sagrado da oliveira!

Elles descem dos casinos de soledade, do só das montanhas para o reino da paz!...

Entremos, com os pastores, na mangedoura de Bethlehem....

Sobre o sobejo desprezivel das ultimas palhas es[illegible] ração, o Filho de Deus tende os braços pequeninos. E, num gesto de supplica, pede perdão aos céos para tamanho abandono!

O bafejo morno dos animaes aquece, pouco a pouco, a mangedoura [illegible] aberta em rasgões para os açoites do frio e da neve, do luar...

De pé, como quem guarda um thesouro, o carpinteiro de Nazareth vela e adóra...

E a virgem Maria, "essa omnipotencia de joelhos", de dentro da majestade de sua gloria, dentro da ternura de sua maternidade, é mais humilde do que a mais humilde violeta dos campos de Esdrelon...

E Elle, que há de dar a luz e a sombra para as arvores, não teve berço!

Elle, que há de ser para o linho o frescor e a seiva, não teve faixas!

Elle, que ha de ser para a fonte o luar e a [illegible], não teve murmurios!

Elle, que ha de ser para as ondas a espuma e a [illegible] concha, não teve [illegible]

Elle, que ha de ser para a flôr o orvalho e o perfume, não teve oleos!

Elle, que ha de ser para a ave o vôo e a pluma, não teve ninho e a aza, não agazalho!

Elle, que ha de ser para o firmamento a cupula de prata azul e o estrellario de prata, não teve tecto!

Elle, que ha de ser para a dor o consolo e a esperança, não teve balsamo!

Mas, Elle que é Luz, teve o fulgor de uma estrella!

Mas, Elle, que é Pão, teve o trigo nevado do luar!

Mas, Elle, que é o Pastor, teve o ápice da montanha!

Mas, Elle, que é Rei, teve a abobada celeste!

Mas, Elle, que é Hostia de amor, teve a ambula do [illegible]

Mas, Elle, que é Eucharistia, teve o sacrario do coração!

Mas, Elle, que é o Filho do Homem, teve a Rainha das Mães!!...

De joelhos!

De joelhos!...

CHRISTO NASCEU!

Terra e céo, num momento,
Divino encantamento
Envolveu.
— Christo nasceu! Christo nasceu!
— Aonde?
Cantam os sinos: diz que vem... que vem...
— ... é?
— Em Belém!

Arvore de Natal, de linda fronde
Estellar, e, com os ramos recurvados
De joias, lá, na altura, se enflorou.
Os olhos dos meninos desherdados
Deslumbram-se, arregalam-se, á afferenda
Que, para os alegrar, Jesus illuminou.

Inegualavel lenda
Que torna um pouso hospitaleiro,
De luz perennemente juvenil,
O tocante logar onde sorriu primeiro
O Glorioso Menino em Belém... do Brasil.

Uma voz que extasia,
Enche o espaço, escorrendo melodia,
Derrama-se, transcende, em apogeu.
E' meia noite. O luar acaricia...
Tudo tão claro, que parece dia...
— Christo nasceu? Christo nasceu!

Na lapinha, ridente de pastores,
Eis que o prodigio se revela.
Bálem ovelhas. Bois espiam, sonhadores...
Ha perfumes de cravo e de canella.
— Christo nasceu! — Aonde? Aonde? —
— Aqui? mais longe? mais além? —
E uma voz limpida responde:
— No Brasil! em Belém!

OLIVEIRA E SILVA

A VIDA - BALÃO NO AR...

(INEDITO PARA O "FON-FON")

EU ganhei um balão! Este anno ganhei um balão! E eu já sou tão velha para ganhar balões!! Um balão todo branco, redondo e pequenino como uma bôlha de sabão! Uma alma simples achou que deveria fazel-o para mim como um optimo presente! E realmente o foi! Não sei porque no momento em que ia deixal-o partir quiz tornal-o symbolismo interrogativo do meu destino! E o balão ganhou força, subiu... subiu, sereno, tal como eu, quando espiritualmente pairo lá longe! olhando o mundo, n'uma tolerancia absoluta de piedade e de amor! Depois, o balão estacou um instante na hesitação de um caminho positivo e finalmente, rumando para o seu norte, subiu!... Subiu mais alto, sumindo-se de todo!

Decididamente, elle, sou eu. Quantas vezes me detenho, assim; e, depois, sigo o meu norte... feliz... feliz, pela grande convicção que trago de não encontrar mais do que isso mesmo! Nem eu nem tu, nem elle! (terceira pessôa). Veem, portanto, todos aquelles que nem por brincadeira querem deixar-me advinhar-lhes a sorte na minha phantasia futil de cigana buena-dicha. Véem! A sorte de quasi todos nós é um balão que passa e se perde no além! Um momento de vida e nada mais! Mas que balão tão lindo! Tão lindo! O meu balão branco, redondo e pequenino como uma bôlha de sabão! tão lindo que quasi todos querem prolongal-o o mais possivel em uma ansia, um tanto horrorizados de não querer saber, nem contar, menos dias para o fim!

A vida! A vida é um balão solto no ar, ás vezes, sobe e resiste aos embates do tufão! Perguntando, portanto, ao meu balão sobre a minha felicidade... sobre a minha gloria... sobre a minha fortuna, e sobre o meu destino — elle falou-me assim: "A tua felicidade! Ella está comtigo! O teu desejo de possuil-a é tão intenso que lhe facilitas todos os meios de existir, constantemente, no teu mais profundo amago, sentindo assim:

— Si só se amasse quando se entendesse
que assim devia ser;
si a gente nesse mundo não quizesse
mais do que póde ter...

Talvez que o mundo fosse um mar de rosas
de rosas e perfumes,
e não houvesse almas lacrimosas
cobertas de queixumes.

(ZALINA ROLIM.)

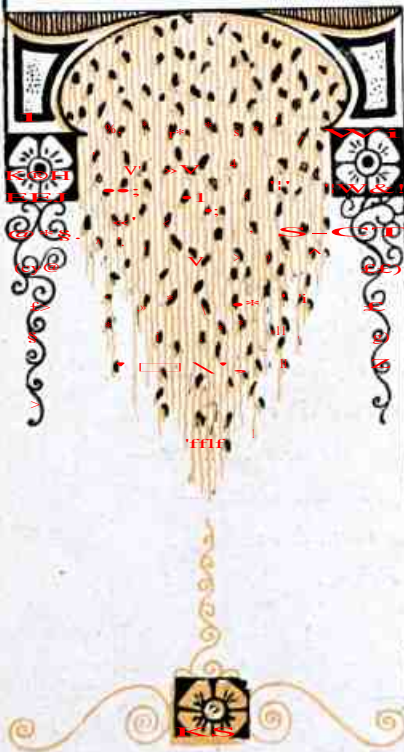
Sobre a gloria! Mediocre, ella te satisfaz. Outros ha que consideras muito mais esforçados e merecedores e que muito menos têm tido! Sobre a — fortuna — dizes que:

— Si não me tem com ouro deslumbrado, tambem sem tecto não me tem deixado. Sobre o teu destino — pensas que — Elle será assim... Lá vae... sumiu-se... passou... não é nada... Nada! inteiramente nada! E si ha outras vidas que não são simples balões illuminados que passam, mas sim astros brilhantes que ficarão por seculos infindaveis clareando o universo com o fulgor immenso das suas irradiações, essas têm o seu segredo — de Glorias e de Grandes Feitos — simplesmente na penna, talvez mesmo anonyma, de um pobre trabalhador! Balão que passa... Talento que se esváe na ardua faina do seu dever! Sendo assim que, do *jornalismo* á *historia* — apparecerá na infinidade dos seculos a immortalidade dos grandes homens! Elles serão sempre os astros fulgurantes, emquanto nós... pobres de nós! excepto esse ou aquelle, passaremos como simples balões que se somem no além! Reconhecendo que:

— Homens de grandes louros e apogeus
ficaram como astros lá nos céos!
mas quem se lembrará da penna humilde
que cantou para o mundo os seus trophéos!!!

O meu destino e o vosso, almas incomprehendidas! E' sermos inteiramente = Nada! — A vida, para nós, é um balão no ar!

ESTHER FERREIRA VIANNA.

Julho de 1929.

OS TELEPHONES AUTOMATICOS

O GRANDE ACONTECIMENTO DA CIDADE

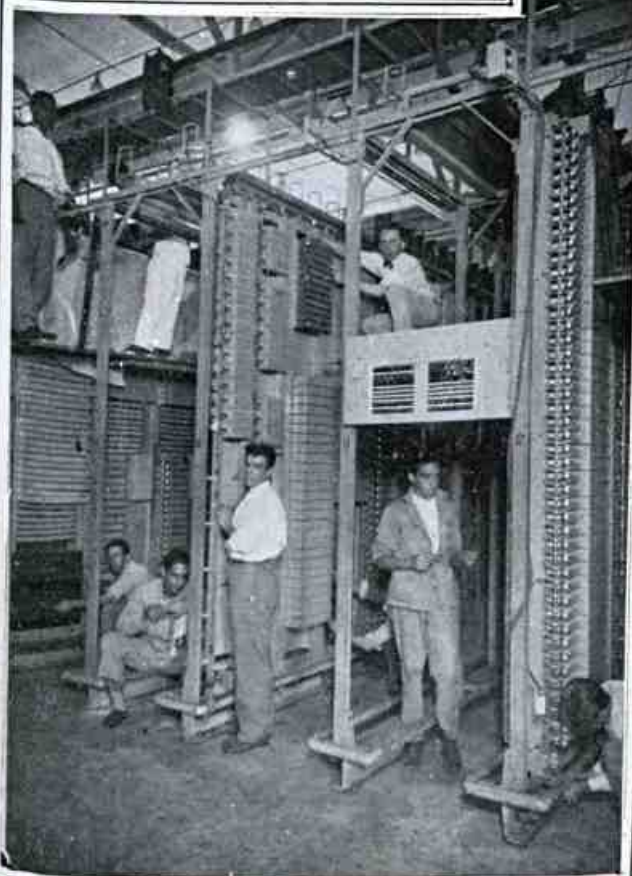
A Companhia Telephonica Brasileira, inaugurando, no proximo dia 24, sua primeira estação de telephones automaticos, vem dotar a cidade de um grande melhoramento, que o progresso da capital da Republica estava a exigir.

O publico, porém, deve, desde já, comprehender que as novas communicações telephonicas modificam, em grande parte, o systema antigo, não esquecendo, sobretudo, que OS CATALOGOS ANTIGOS NÃO TERÃO MAIS A MENOR UTILIDADE A PARTIR DAS 24 HORAS DO DIA 24 DO CORRENTE.

Qualquer ligação dos apparelhos da nova estação deverá ser feita pelo proprio assignante, de accordo com o novo catalogo, que alterou completamente a numeração anterior, e onde ha in trucções claras nesse sentido.

* *

As photographias que illustram esta pagina mostram: ao alto, um apparelho automatico de luxo para mesa; ao centro, vista do equipamento da nova estação, durante a installação, e, em baixo, á esquerda, installação de cabos subterraneos na Avenida Rio Branco, esquina da rua da Assembléa, e, á direita, a sala de operações da Estação Norte, que passa a ser 4.

O SURTO DE PROGRESSO FEMININO

A maior ou menor facilidade de adaptação é tida como um dos indices da intelligencia humana. Si realmente é verdadeiro, vale tal conceito por uma bella affirmação da capacidade intellectual da mulher.

Com que facilidade, em vinte annos de evolução, alterou ella seu modo de vida, modificou idéas, atirou para longe o peso consideravel da tradição! Do encerramento na penumbra do lar, fechado quasi como um hárem, passou ás luminosidades brilhantes da vida publica; do recolhimento modesto das actividades caseiras ás responsabilidades de encargos importantes; do papel secundario de espirito timorato e obediente, ás posições de iniciativa, de acção prompta e de direcção.

Nunca se assistira no mundo a tão rapido evolver. Nunca se observára tamanha facilidade de adaptação. Viu-se então que essa mulher, tantas vezes chamada fraca, era um potencial de energia. Viu-se que os defeitos que irremediavelmente a condemnavam a plano secundario e á submissão, não eram mais do que fantasiosas creações de quem assim a anathematizára porque não a soubéra comprehender commettendo um erro grosseiro de interpretação: quieta e submissa, julgaram-na incapaz de agir e de mandar; privada de instrucção, declararam-na sem intelligencia; submettida desde o berço a uma educação deprimente e annulladora, apontaram-lhe como intrinsecos defeitos que essa educação timbrava em conferir-lhe.

A situação actual devemol-a inilludivelmente á instrucção. A guerra não a creou, como ha quem o supponha. Tel-a-á apenas precipitado. Foi o livro que a fez. Com a generalização cada vez maior da cultura intellectual ergueu-se a mulher do analphabetismo de outras eras, á instrucção elementar que lhe deram depois e, desta, a estudos cada vez mais altos e mais completos. E então se verificou que ella não era só sentimento, e que a actividade e a intelligencia estavam tambem a seu alcance. Foi a instrucção que lhe esclareceu as idéas, fazendo-lhe comprehender que estava mal. Apresentou-lhe á visão os primeiros vislumbres de suas possibilidades. Deu-lhe coragem para as primeiras tentativas de independencia.

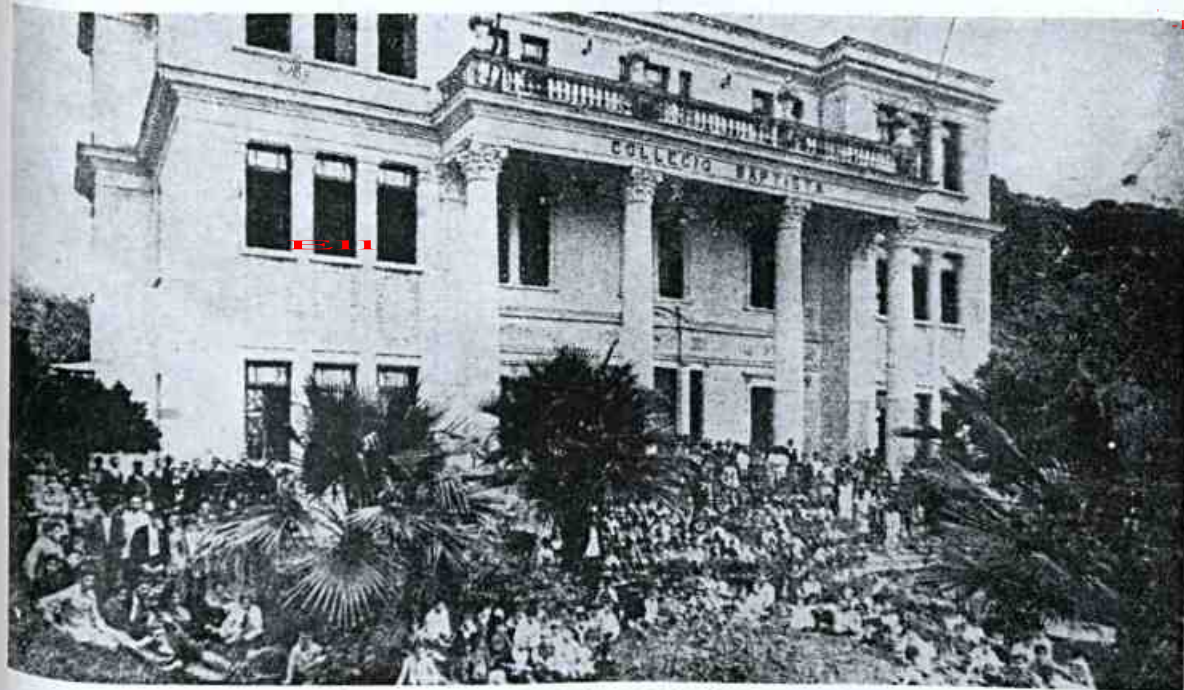
Maria R. Campos.

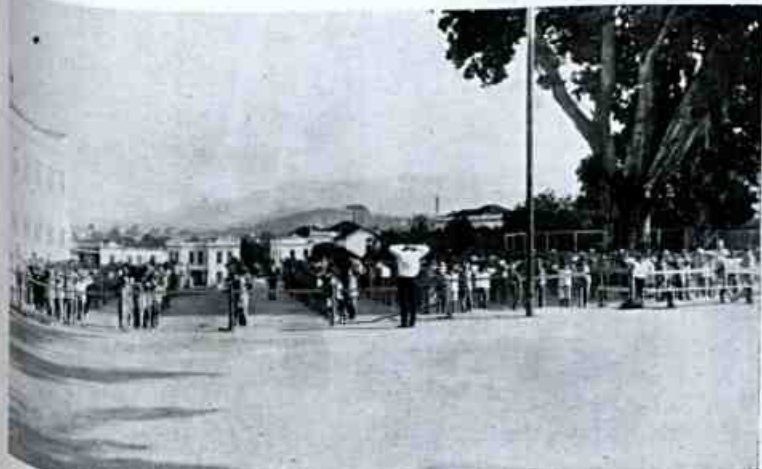
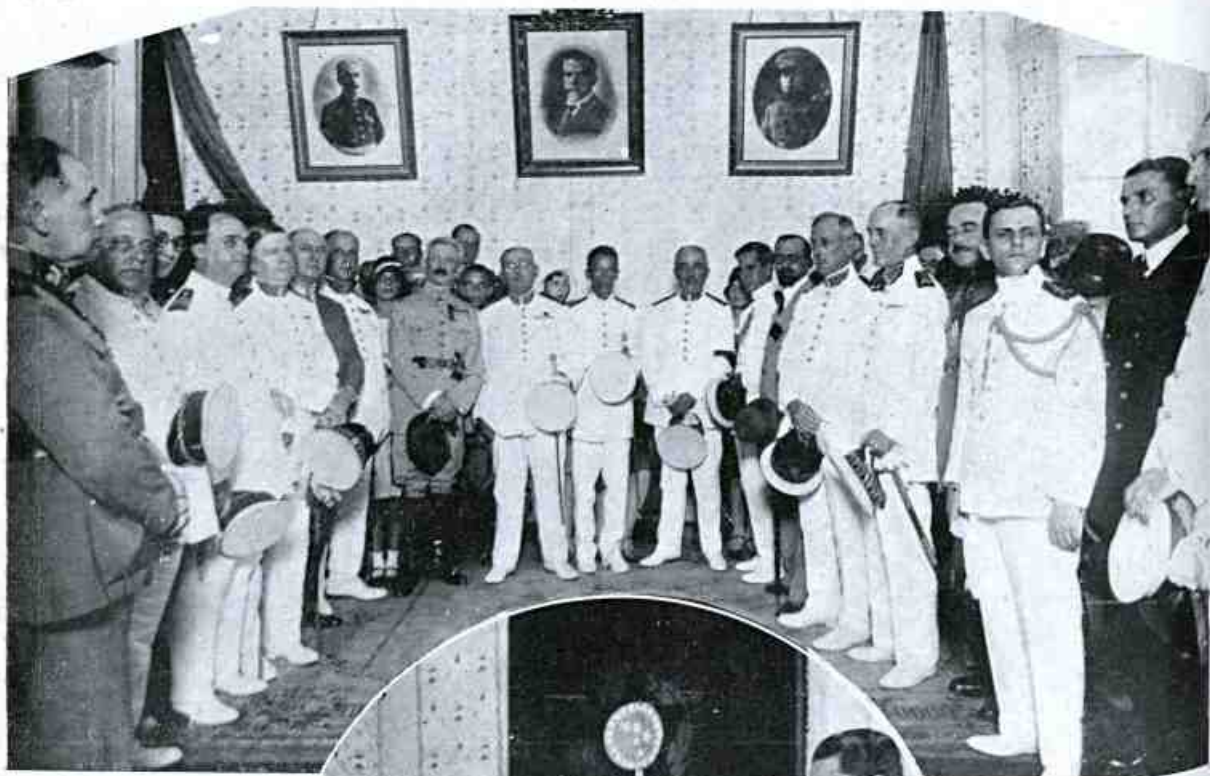
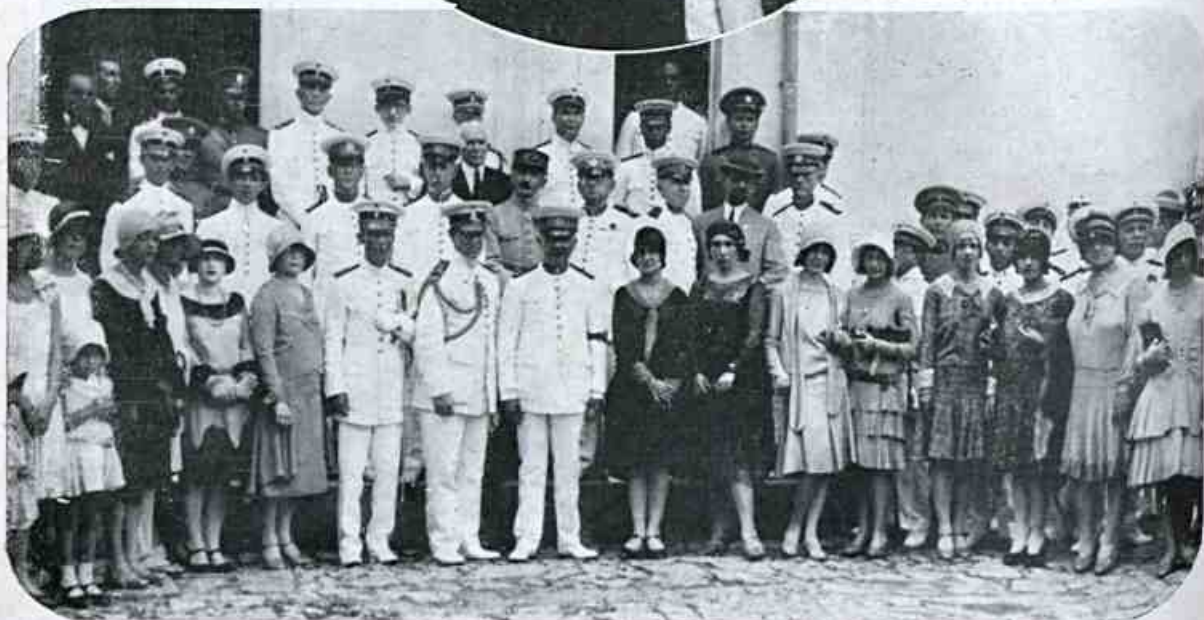
Ella então se atirou ao trabalho e com elle ganhou novas qualidades, comprehendeu novas coisas, correram-se-lhe velarios de novos horizontes.

Não ha de ser por isso que perderá as delicadezas de sentimento que sempre a caracterizaram. Aliás, seria verdadeiramente incomprehensivel que o trabalho, que dignifica o homem, envilecesse a mulher. Ao contrario: a intelligencia apurada pelo estudo e as noções de responsabilidade de que o trabalho confere esclarecerão o sentimento.

Essa phase nova que a mulher atravessa não tenhamos duvida que é uma glorificação para ella e um bem para a humanidade. E tenhamos certeza de que, por ser culta e entregar-se arduamente ás lutas pela vida, não deixará ella de ter o mesmo finissimo vibrar das cordas d'alma que levou — faz agora 1929 annos — uma mulher que todos veneramos a acalentar, embevecida, o filho recem-nascido, a buscal-o annos depois, afflicta, pelas ruas até encontral-o no Templo, maravilhando os doutores com as luzes do seu saber, e, tempos adeante, a choral-o na maior das angustias, ao pé da cruz onde o haviam pregado a maldade e a inconsciencia dos homens...

E por isso, neste Natal, como nos outros que já vão longe e em outros que hão de vir, a mulher, sob tal aspecto, é e será sempre a mesma: outras glorias pódem caber-lhe sem perigo, porque a de ser mãe, mãe amantissima, não será jamais empanada por nenhuma outra.

MARIA R. CAMPOS.

Edificio principal — Judson-Hall.

O Collegio para o Sexo Feminino (Rua Conde de Bomfim, 743).

Uma aula de gymnastica.

Foi uma festa deveras brilhante a que o coronel Frazão Corrêa e seus auxiliares civis e militares do Laboratorio Chimico Pharmaceutico Militar levaram a effeito, por motivo da inauguração, no gabinete da directoria daquelle estabelecimento, dos retratos do sr. presidente Washington Luis, do ministro Nestor dos Passos e do general Ivo Soares. O Laboratorio Militar acaba de passar por uma serie de grandes melhoramentos, graças á operosa e incansavel administração do coronel Manoel Frazão Corrêa. As nossas photographias reproduzem aspectos suggestivos dessas solennidades, vendo-se as autoridades presentes e o escriptor Berilo Neves, nosso illustre collaborador, falando em nome do director, da officialidade e dos funccionarios civis do Laboratorio.

BACCHUS significa conforto

BACCHUS, conserva gelado-sem necessidade de gelo-todos os liquidos collocados em seu bojo.

BACCHUS, não altéra o liquido

BACCHUS, torna gelada, instantaneamente, qualquer bebida.

BACCHUS é portatil, é hygienico, é elegante

Indispensavel em casa, nos hospitaes, nas viagens, nas festas e em toda parte onde impera o bem estar

Peça informações e não retarde a sua acquisição

FREEZOVAC

a moderna sorveteira

Faz-se demonstrações.

Não precisa de gelo

Qualquer pessoa pode possuil-a e manejal-a

Faz: Sorvete, em 10 minutos. Gelo, em 20 minutos

Portatil, simples, hygienica

O sorvete é inteiramente livre e puro de qualquer contagio

FREEZOVAC está em todas as casas, porque é indispensavel. Não enferruja, não é pesado e custa pouco dinheiro

ECONOMIA DE TEMPO

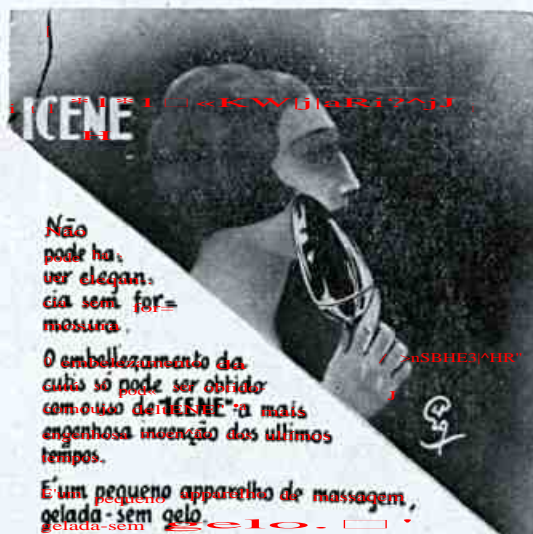
POUCO DISPENDIO

O moderno "Mimeographo ROLO" resolveu esse importantissimo problema.

Em 10 minutos reproduz 200 copias, nitidas, perfeitas.

Evita a demora das typographias e custa um preço insignificante

O typo mais commum, portatil, custa, apenas, duzentos mil reis.

Faz-se demonstrações

Não pode haver elegancia sem formosura.

O embellezamento da cutis só pode ser obtido com o uso de "ICENE" a mais engenhosa invenção dos ultimos tempos.

E'um pequeno apparelho de massagem, gelada - sem gelo.

Tira manchas - facilita a circulação do sangue, dando á pelle uma cor rosada e sadia

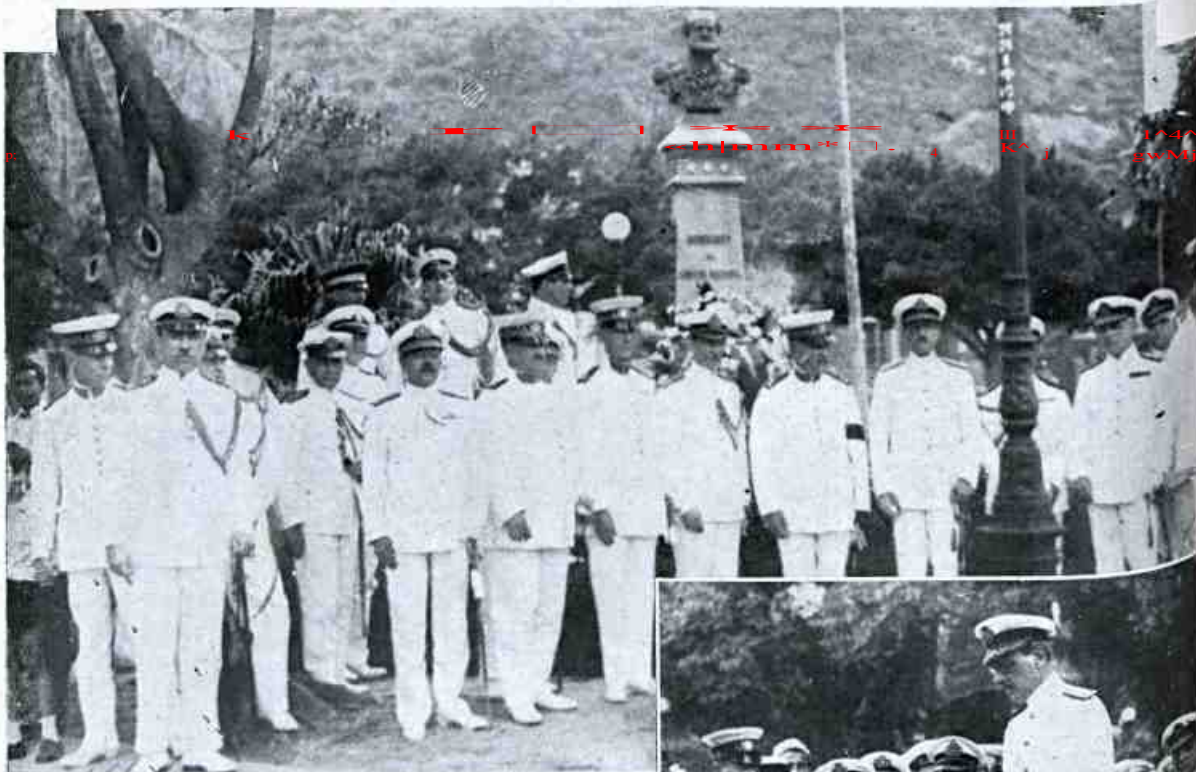
A experiencia e milhares de attestados comprovam a sua utilidade.

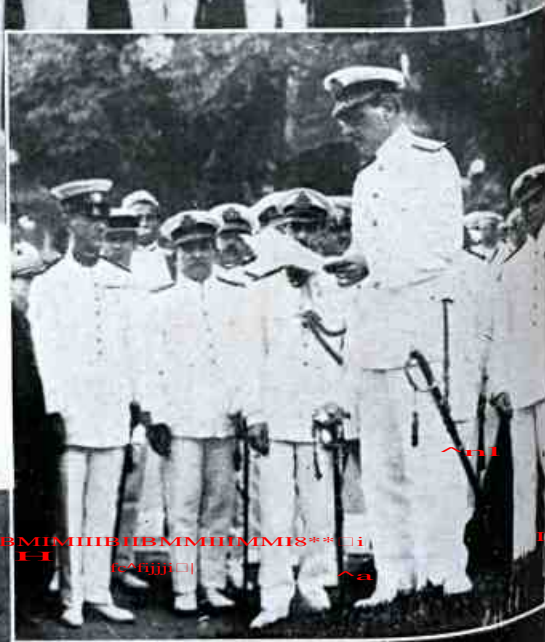
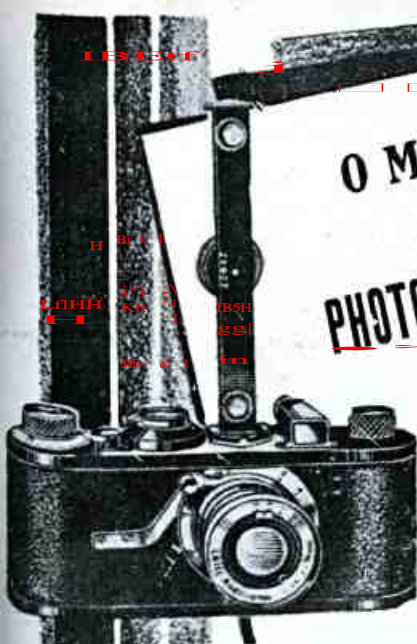
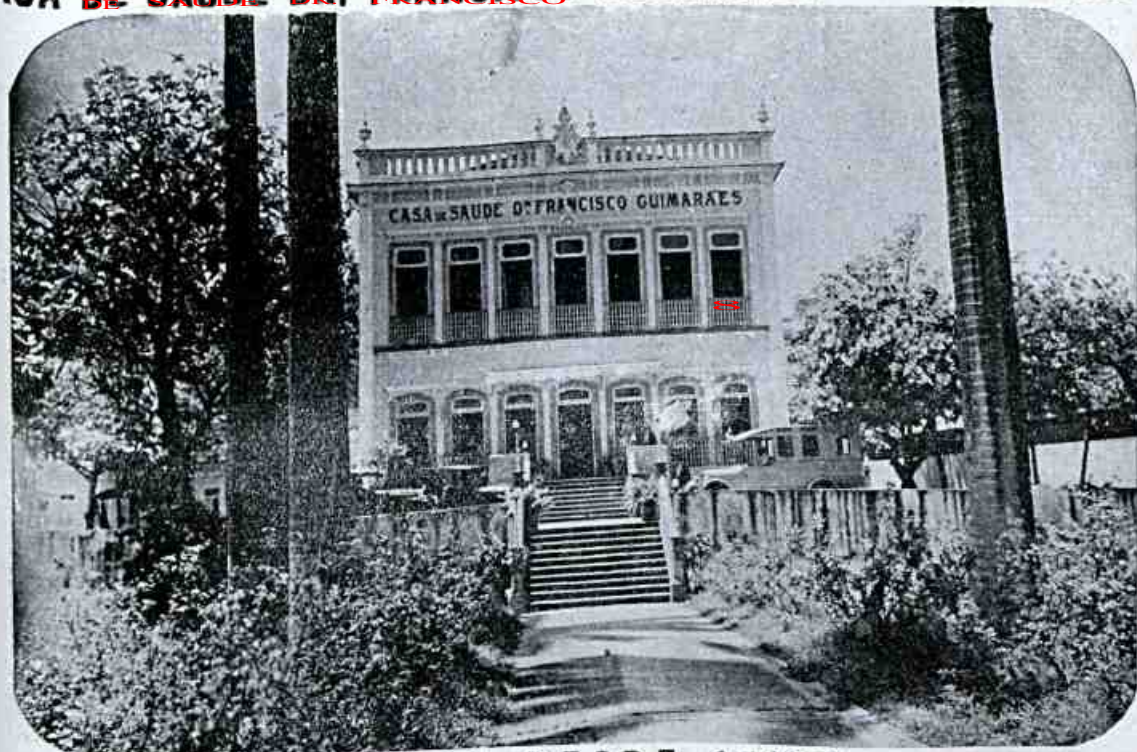
DESAPPARECIMENTO DE RUGAS

Combate a Oleosidade

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS NA AMERICA DO SUL:

PORTELLA HUGO, MASCARENHAS & CIA. LTDA.

PRAÇA MAUÁ, 7 — SALAS 813 - 814 — CAIXA POSTAL 384 — RIO DE JANEIRO

O «DIA DO MARINHEIRO»

O «Dia do Marinheiro» foi commemorado, como todos os annos, na data do anniversario do glorioso almirante Tamandaré, a 13 do corrente. Junto ao busto daquella grande figura da nossa historia, na praia de Botafogo, se realizou expressiva cerimonia civica, a que compareceram o sr. ministro Pinto da Luz e outras altas autoridades da Armada e officiaes da Missão Naval Americana. Formou um contingente de tropas da Marinha, que desfilou em continencia ao busto de Tamandaré. Esta pagina fixa alguns detalhes photographicos da commemoração do «Dia do Marinheiro».

Os drs. Povoa e Londres, que acabam de submetter-se, com brilho, ás provas do concurso de livre docência da Faculdade de Medicina, foram, por esse motivo, carinhosamente homenageados pelos seus collegas e amigos, que lhes offereceram um almoço, no Club dos Bandeirantes.

* * *

A NOSSA EDIÇÃO DE HOJE

Fon-Fon apresenta, na sua edição de hoje, farta e escolhida collaboração em prosa e versos, firmada pelos nomes mais festejados das letras modernas do Brasil.

Infelizmente, muitas outras paginas, que nos chegaram tarde, deixam de figurar neste numero, com grande pesar nosso, que desejariamos publicar tudo quanto, gentilmente, nos foi enviado pelos nossos illustres collaboradores.

Não privaremos, entretanto, por muito tempo, os nossos prezados leitores, do prazer de conhecerem e se deleitarem com essas paginas, que apparecerão nas nossas edições de 28 do corrente e 4 de janeiro.

* * *

Os bacharéis da turma de 1919, da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, commemoraram, com um festivo almoço, o 10.º anniversario de sua formatura.

O "PINHEIRO FRANCO"

O "pignon", o pinheiro "parasol", que os parisienses chamam "pinho da Italia", e que os gascões chamam "pinheiro franco" — porque só os nobres tinham o direito de plantal-o outr'ora, ao pé das suas casas — e que os livrava de certos impostos — "pinheiro franco" é a mais bella arvore do mundo. E' elle que possue o porte mais altivo e a fronte mais bem coroada; elle empresta um grande ar aos edificios que ensombra e grande estylo ás paysagens que decóra. Os camponios o veneram; e quando elles descobrem um delles, sobre uma collina, uma alcantil, se sentem tentados pelo desejo de lhes tirar o barrete como a um grande senhor.

Havia um desses pinheiros na velha casa de Houguera, outr'ora rica; um pinheiro soberbo que se via em todo o paiz e sobre o qual as cigarras cantavam no mez de junho a sua primeira canção. Os vizinhos diziam: "Elle foi plantado no tempo dos reis." e quando o vento soprava, tinha-se a impressão de ouvir os reis falarem com uma voz aérea, que causava alegria ás abelhas.

Desgraçadamente, uma tempestade o havia destroçado em 1915, e elle conservava uma curvatura incommoda, uma inclinação ameaçadora. Elle bem podia cair sobre a casa, na primeira ventania, e esmagal-a na sua queda. Eis o que era grave. Concertar uma casa, depois da guerra é uma coisa carissima. Que se consegue com cincoenta mil francos? Quasi nada. E na casa de Houguera não havia riqueza.

Certamente, o pae Andrillon, proprietario actual, não teria dinheiro sufficiente para reerguer a velha habitação patrimonial. E não ha companhia de seguro contra a queda das arvores.

— E' preciso abatel-a, diz Andrillon, filho.

— Abater o que? pergunta o pae.

— O pinheiro.

Andrillon, o avô, levantou os braços ao céo, como si tivesse ouvido uma blasphemia horrenda. Será que se abate uma arvore que um Andrillon plantara, no tempo dos reis e sob a qual cem Andrillon haviam crescido depois?

— Muito bem! commentou o filho — os jovens de hoje perderam a noção do respeito. E si elle atira a casa por terra? Aonde iremos parar? No hospital? Elle está, cae não cae. O anno é de ventanias...

Depois, concluindo, elle diz em surdina:

— Si o sr. tem medo, eu o farei morto.

— Que é que farás?

— Eu o cortarei.

— Tu!

— O sr. ha de vêr.

Andrillon filho tomou do machado, arregaçou as mangas, cuspiu nas proprias mãos e dirigiu-se para

Por JEAN RAMEAU

a arvore. Mas ao erguer a ferramenta, para desferir o primeiro golpe, elle sentiu uma especie de caimbra no braço, uma dôr de quem fosse atacado de rheumatismo...

Interessante! Elle nunca tivera rheumatismo no braço.

— Eu não poderia, disse elle, entre dentes. E' que elle é muito grosso, o velho. Eu conseguirei, até amanhã. E eu não acabei de semear o meu milho...

Coçou a cabeça, e decidiu-se:

— Vou vendel-o ao carpinteiro. Elle dará cem francos pelo pinheiro, e o cortará.

O velho Andrillon deixava-o falar. O mestre carpinteiro foi chamado... Cem francos? Não. Cincoenta no maximo. Fixaram o preço de setenta e cinco.

O mestre carpinteiro considerou a arvore, voltou á casa, depois mandou um velho operario munido de cabos, de um machado, de um serrote. Esse operario, que se chamava Preuilh, era da communa. Depois de ter enrolado o cabo a um ramo forte, para impedir que o pinheiro tombasse sobre a casa, elle arregaçou as mangas, cuspiu nas mãos e rodeou o tronco para escolher o melhor logar. No alto, no ramo, zumbiam, como pensamentos mysteriosos, algumas abelhas inquietas... Preuilh hesitou. Não iriam ellas pical-o?

— Eu sempre vi lá este pinheiro, disse ao velho Andrillon que o olhava muito pallido.

— Não é? murmurou o avô.

— Sempre! E meu pae tambem o viu sempre. E meu avô me contou que, no dia de "rogar a Deus" se fazia um altar sob o pinheiro, onde o cura vinha cantar, onde vizinhos vinham rezar...

— Ah! tu sabes tambem isso?

— Certamente. Meu avô, que era seu visinho, me falou delle varias vezes.

— E as minhas bodas, não te falaram dellas? Trezentos talheres, Preuilh! E a mesa servida ali, sob o pinheiro! Tu mesmo deves ter dansado, nessa occasião.

— Certamente. E a minha dama, a Catiche, estava linda, nessa noite.

— Ah! Preuilh! E tu vaes cortar essa arvore? Não tens receio?

— De que? De facto, eu me recordo... Um menino de escola, certa vez...

— Ah, sim? Um garoto que queria apanhar um ninho, não é?

— E' isso mesmo. O pequeno Tailleur, que havia subido ao pinheiro para arrancar de lá um ninho de passaros e que cahiu e luxou o hombro... Talvez seja feiticeira essa arvore.

— Por que?

— Palavra de honra! pae Andrillon... Quem quererá derrubar esse pinheiro? Eu tenho familia, disse Preuilh, pondo o machado sobre o hombro. Adeus a elle!

O mestre carpinteiro achou graça na historia e enviou um outro operario, um joven da cidade, que não acreditava em Deus nem no diabo. O homem, ao ouvir a historia, não quiz deixar o pinheiro em paz.

— Dêem-me uma garrafa de vinho, disse elle para manter de pé o seu moral.

Bebeu todo o vinho, em dois tempos. E quando uma vez ergueu a cabeça, viu no alto as abelhas, voejando de encontro o sol.

— Bôas! disse elle, repousando a garrafa vazia.

E tomou o seu machado, arregaçou as mangas e cuspiu nas palmas das mãos.

— Olá! Si suppões que me fazes medo, velho feiticeiro, perdes o teu tempo! disse elle ao pinheiro.

E com um "ah" sonoro, elle deu o primeiro golpe.

— Ahi está! disse elle ao pae Andrillon, que tremia sobre o limiar, eu não estou embriagado! Mas, mas...

— Que ha? perguntou o velhote.

— E' que a arvore... Veja! Escute... Que ruido surdo! E' como se cortassem carne humana. Será que existe algum homem dentro delle?

— Então estás embriagado, disse Andrillon filho. Diabo! vamos lá! Terás uma outra garrafa, no fim de tudo.

— Si o sr. m'a dá agora mesmo...

Elle repetiu. Era bom, sempre...

— A ti e a mim, velho feiticeiro! disse, retomando o machado. Mas elle o repousou.

— Ai! gritou.

— Que foi?

— E' que eu vejo...

Tu vês demais!

— E triplamente... Este mundo! Oh este mundo!

— Que mundo!

O "Pinheiro Franco"

(Continuação)

— Vê o senhor? Um velho de peruca, umas damas sempoadas... Ah Deus! Bôa tarde!

E o lenhador lá se foi como o outro, o primeiro. Em torno á arvore havia um mundo de fantasmas: o que a plantou, e que a tratou, o que lhe comera os primeiros fructos, e os filhos, e os netos dos primeiros personagens! Um bando, uma multidão, quasi um exercito...

— Estão todos presentes! gritou o lenhador, pondo-se em fuga. E que me fariam elles, si eu ferisse a arvore?

— Tens razão! Elles estão lá, todos agrupados!... Vae-te embora! disse o pae Andrillon, cujos joelhos tremiam.

E pediu perdão á arvore. E prohibiu que se tocasse nella. Quem pois teria ousado feril-a? Tanto peor! Que elle tombasse sobre a casa, que arruinasse a familia! Com a graça de Deus...

Comprehendera, o velho pinheiro, que lhe faziam aquelle grande favor? Talvez. Uma cigarra cantou sobre um dos seus ramos.

Uma lagrima de resina cahiu da ferida que lhe fizera o machado. As arvores não terão um coração como nós, ou melhor do que nós?

E uma noite de tempestade, elle se deixou cahir, por si mesmo, sobre a casa que protegera, durante seculos. Mas elle não estragou sequer uma biqueira, não partiu sequer um trecho de parede. E nesse trecho de parede, que encontrou o pae Andrillon?

Alguma coisa de maravilhoso, que lhe fez soltar um grito como um transporte de alegria... Um pote, um velho pote de barro cheio de moedas de ouro. Algum ascendente seu, durante a Revolução com certeza devia ter escondido ali, a sua fortuna. E o velho pinheiro, ao morrer, o havia restituido áquelles que tinham zelado por elle...

"Toma, Andrillon, toma! E concerta a tua casa! Torna-a mais formosa! Ahi tens com que fazel-o! Conta o dinheiro!"

Era isso o que o pinheiro devia ter dito, com o ultimo murmurio dos seus ramos, em torno aos quaes as abelhas voejavam. E os seus, então o pae Andrillon chamou os seus.

— Abracem-me! disse elle. Abracemo-nos, todos nós!

E elles se abraçaram: o pae, primeiramente; depois, o filho, a seguir, os netos, até o ultimo que tinha apenas tres annos.

Sobre os labios desse gury, que andava a brincar com o pinheiro franco, havia um pouco de resina da velha arvore. Foi como si elle, o pinheiro, tivesse querido dar-lhe um beijo puro, o seu beijo de arvore secular.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno	48$000
Semestre	25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

TELEPHONES: DIRECTOR: C. 0377 ADMINISTRAÇÃO: C. 4136

CAIXA POSTAL 97

RIO DE JANEIRO

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8-sob. Caixa correio 1431.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23 Ludgate Hill, Londres.

O MEDICAMENTO MAIS EFFICAZ PARA COMBATER E EVITAR TODAS AS MOLESTIAS DE UTERO E OVARIOS, COLICAS UTERINAS, MENSTRUAÇÕES EXAGERADAS, FALTA DE REGRAS, HEMORRHAGIAS DURANTE A MENSTRUAÇÃO, CORRIMENTOS, CATHARROS UTERINOS ETC.

O ELIXIR DAS DAMAS É UM AGENTE THERAPEUTICO DE UMA ACÇÃO ENERGICA E SEGURA, ACTUANDO TAMBEM SOBRE OS INTESTINOS REGULARISANDO SUAS FUNCÇÕES.

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS.

UNICOS DESTRIBUIDORES:
MARTINS LIBERATO & C.
RUA SENHOR DOS PASSOS 8, RIO DE JANEIRO.

MODELO 26

Com este modelo de cinta de borracha para em côr de carne, obtem-se forma impeccavel, perfeita elegancia mesmo nos corpos deformados pela obesidade ou excesso de gordura

Capas de borracha ultimo typo fantasia para senhoras.

Roupa para mergulhador

Privilegiadas.

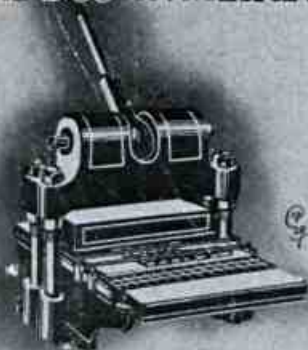
Patente n. 12511

Casa SCHAYÉ S/A

Avenida Gomes Freire, 19 e 19 A

Tel. Central 1074

RIO DE JANEIRO

O IDEAL DOS COMMERCIANTES

a melhor machina da actualidade

Com um systema aperfeiçoado, tem alcançado os maiores successos

Para gravação de letreiros, monogrammas, cartazes, marcas commerciaes, nomes proprios etc.

Rapidez e perfeição

os seus cartões de reclame, terão outro valor.

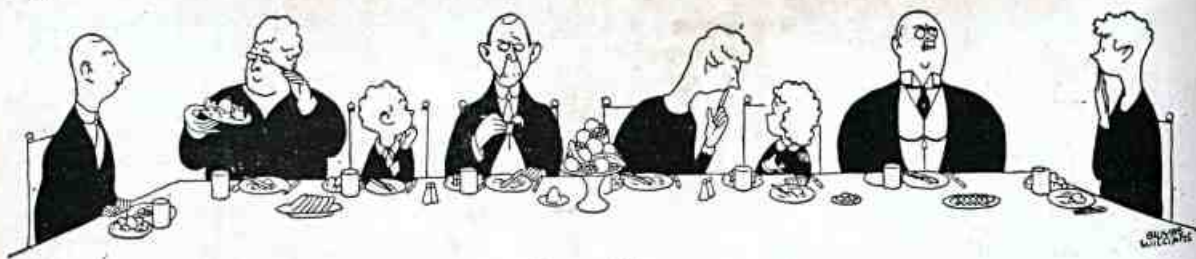
Diversos typos e variada combinação de cores

Alinhamento e disposição só adquirindo uma "SHOWCARD and TICKET machine"

Representantes exclusivos na America do Sul

Portella Hugo, Mascarenhas & C. Ltda.

Praça Mauá, 7 — Salas 813-814 — Caixa Postal 384

RIO DE JA EIRO

O «reveillon».

Lendas e costumes do Natal

UM dos caracteristicos mais seductores, a meu ver, do povo americano, é o seu apego ás tradições familiares e patrioticas. Máo grado seu fantastico progresso, apesar da prodigiosa dynamização de uma vida toda industrializada, elles não despresam o encanto poetico das ingenuas festas religiosas. Talvez em poucos paizes seja o Natal, por exemplo, tão celebrado quanto lá. Em «Christmas», como elles dizem, quasi não se vê uma loja que não esteja ornamentada de accordo com a época, ostentando nos mostruarios arvores de Natal, presepios, cada qual mais rico e engenhoso, nos quaes, a despeito da verdade historica, os trens cortam o solo e atravessam pontes, os bondes electricos gyram e até alguns pequenos aeroplanos esvoaçam, emquanto o menino Jesus repousa na palha, surprehendido, sem duvida, de tanto ruido e movimento.

O sacco milagroso.

Quanto ao pinheirinho fructificado de brinquedos e doces, esse não falta em casa nenhuma, por mais modesta, embora pequeno e humilde tambem.

Entre nós, não creio que mais de uma casa sobre dez tenha a arvore de Natal ou o presepio, mesmo nos bairros abastados.

Já tenho ouvido mais de uma vez, a esse respeito, a desculpa de que a tradição não é nossa. Tão pouco é norte-americana ou ingleza. A origem desse habito provem, ao que parece, do norte da Europa, mas creio que ninguem a localiza com segurança, tão infiltrada está por toda a Europa, de onde emigrou para o Novo Continente.

Alice Leonardos, a talentosa autora de «Ouvindo estrellas», recolhe, no seu livro de contos assim intitulado, uma graciosa lenda, segundo a qual esse costume de enfeitar e illuminar um pinheiro no dia de Natal viria da Norwega. Na pequena villa de Golmu, entre o povo bellicoso e feroz dos Normoens, o christianismo lutava contra a barbara religião do deus Thor. Ora, a festa de Juel, celebrada em homenagem do primogenito de Odin e Frigga, coincidia com a suave data do nascimento do Salvador. Por isso, emquanto as mulheres, já conquistadas á doçura do novo credo, se dirigiam á missa da meia noite, alguns homens, fanatizados pelo velho feiticeiro Haarfrague, resolveram offertar o sangue de innocentes crianças á truculenta divindade, afim de que esta fizesse cessar os continuos temporaes que varriam a região com desusada persistencia, dizimando as colheitas e ameaçando o povo de morrer á mingua. Porém, o sacerdote christão soube da deshumana cerimonia e levantou contra ella a tropa indignada das mães ameaçadas em seus filhinhos. Armadas de machados, correram as mulheres á clareira da floresta, onde, em frente ao tronco de um carvalho gigantesco, altar sylvestre do deus Thor, estavam amarradas em pequenos pinheiros varias crianças amedrontadas e chorosas. Contra a força do amor materno, os homens nada puderam. As mulheres desataram seus filhos e, decepando os pinheirinhos, levaram-nos, como pendões de triumpho e alegria, para a aldeia, onde os puzeram ás portas das casas enfeitados de lanternas, afim de que as crianças os vissem.

Depois, todos os annos, essas arvores eram renovadas, como lembrança do heroico feito.

De onde quer que tenha vindo porém, esse gracioso costume, é elle já hoje uma tradição universal.

Custa tão pouco alegrar com elle o Natal dos pequeninos! Uma arvore bem enfeitada depende menos de dinheiro do que da paciencia e boa vontade dos paes e mães. Tenho como experiencia propria que mais vale adquirir um pinheirinho natural do que fazer uso dos artificiaes, mais caros e menos bonitos. Os primeiros custam de 12$ a 20$, mesmo nesta época. Para enfeitar qualquer delles é preciso, em primeiro logar, fixal-o a um pau bem enterrado na lata, caso sua haste seja torta ou

Para que o Menino Jesus não passe distrahido.

... resistente. Em seguida, com dois ou tres rolos de arame grosso, verde ou preto, do mais forte (si possivel de aço) e um carretel de arame finissimo, completa-se o preparo do pinheiro. Prende-se o arame grosso sob o ramo do pinheiro, amarrando-o com o fino no intervallo das folhinhas, uma vez quasi na ponta do ramo, outra no meio, outra junto ao tronco. Esse mesmo arame grosso, que não deve ser cortado, será enrolado uma ou duas vezes, fortemente, em torno do tronco, e, em seguida, preso a outro ramo do lado opposto tres vezes tambem: junto ao tronco, no meio e na ponta do ramo. Ahi, então, será cortado. Prendem-se assim os ramos dois a dois, escolhendo-os sempre em posições oppostas e tanto quanto possivel um mais alto um pouco do que o outro, entrecruzando as voltas no tronco, habilmente; assim, os galhos superiores levantam os de baixo e entre uns e outros se sustentam bem. Os arames devem ser cortados com alicate. Findo esse preparo, podem principiar a pendurar os brinquedos. Estes serão amarrados com o mesmo arame fino do carretel, os bonecos pela cabeça, os bichos e vehiculos pelo meio, as caixas com dois arames passando pelos lados e reunidos no meio em um só. A outra extremidade do arame é enrolada nos galhos. Os brinquedos mais pesados serão suspensos nos galhos mais fortes e mais ou menos proximos ao tronco, sempre, ficando os leves para as extremidades. Depois de collocados os brinquedos, penduram-se os ornamentos: bolas coloridas, lanternas, peixes, aves, etc. E, por ultimo, dispõem-se as grinaldas prateadas, a neve scintillante, etc. Todos esses enfeites de arvore são encontrados nas casas de brinquedos.

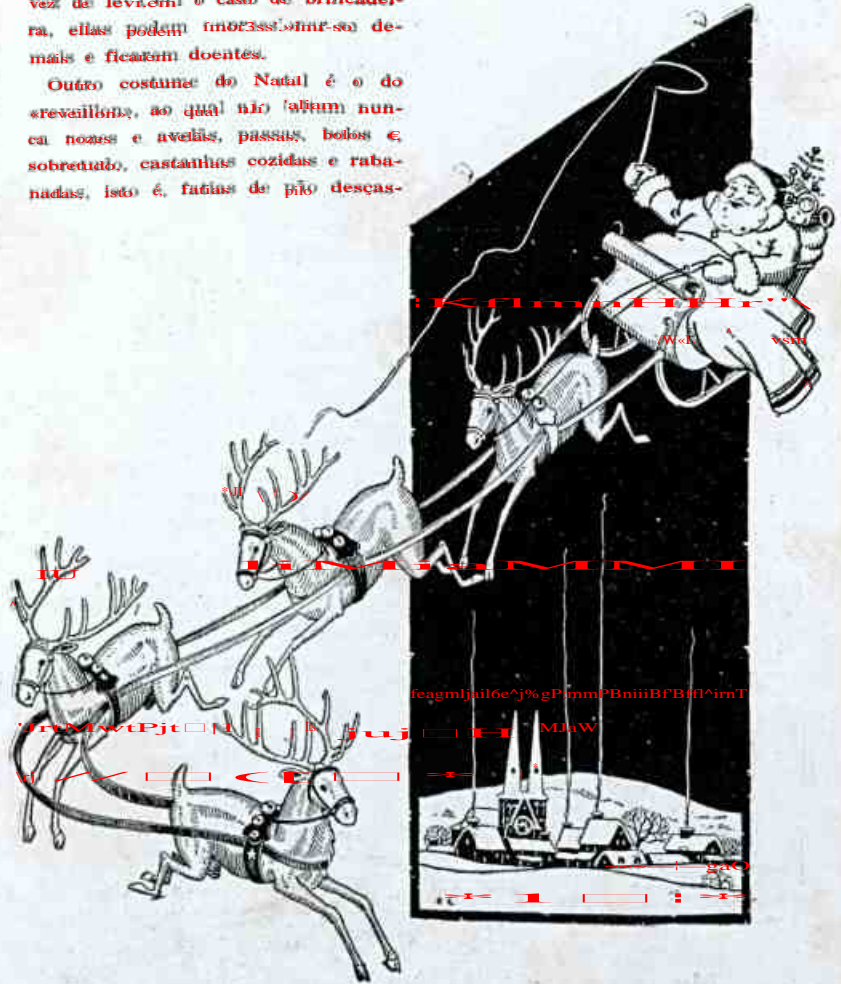
Muitos paes não fazem para seus filhinhos a arvore de Natal, não porque os não amem, mas porque nunca se lembraram disso nem sabem como fazer para as enfeitar. Eis por que me lembrei de dar essas explicações ás minhas leitoras.

Além da arvore dos brinquedos, tem o Natal muitas outras tradições. Entre nós, alguns paes costumam fazer a encenação da passagem do Papae Noel. E' uma brincadeira apreciadissima pelas crianças. Uma pessoa de casa, a mais habil, enverga uma especie de grande batina vermelha, põe barbas, oculos, carapuça. E' papae Noel, e traz um grande sacco ás costas. Bate á porta, entra, fala grosso, distribue brinquedos á petizada entalada de espanto... e, não raro, acaba a brincadeira, sendo o disfarce descoberto e levando o pseudo papae Noel uma terrivel vaia.

E' prudente, entretanto, não fazerem essa representação para crianças excessivamente nervosas. Em vez de levarem o caso de brincadeira, ellas podem impressionar-se demais e ficarem doentes.

Outro costume do Natal é o do «reveillon», ao qual não faltam nunca nozes e avelãs, passas, bolos e, sobretudo, castanhas cozidas e rabanadas, isto é, fatias de pão descascado, passadas no leite, no ovo batido, fritas na banha e comidas com assucar e canella. As castanhas devem ser cozidas nagua e sal, dando-se-lhes um talho na parte mais larga, de modo a arrancar-lhes um pedaço de casca e fazer penetrar a agua no interior.

Tambem gracioso e delicado é o costume do sapatinho na janella, imitando o habito dos paizes frios, de os pôr na chaminé. Nos Estados Unidos manda a tradição, em certos logares, que a criança accenda uma vela e a deixe em frente á vidraça, afim de guiar o Menino Jesus e chamar-lhe a attenção, para que elle não esqueça ao passar aquelle lar.

Outra particularidade do Natal norte-americano é a lenda que mostra papae Noel galopando pelos ares no seu trenó puxado por lindos veados galheiros.... Até o velho dos brinquedos aproveitou o espirito pratico da Norte-America e já não quer saber de andar a pé...

Papae Noel norte-americanizado...

O CASTIGO DA AVARA

De Paulo Vernier

MADAME Celina Bartout era viuva, coquette e presumpçosa. Havia passado dos quarenta e era dona de uma bella fortuna.

Era tão gorda que os seus olhos e o seu nariz desappareciam, occultos sob a intumescencia das palpebras e a sua gordura era equivalente á sua altura.

Tinha outro defeito, não já physico-moral. Era avara até ao exaggero.

Desta sordida avareza era victima o seu sobrinho Eduardo, joven de vinte e quatro annos, que ganhava pouco na sua casa commercial, e que se via obrigado, pelas circumstancias a viver em casa de sua tia, onde comia e occupava um quarto escuro, pagando um tanto á sua afortunada parenta.

Por que se submettia a esse jugo? Porque desejava libertar-se delle, casando-se com uma joven de quem estava enamorado. Procurava seduzir a velha tia, de modo que ella lhe adeantasse o dinheiro de que necessitava para contrahir matrimonio.

Celina estava certo dia em um bonde. Uma joven delgada, que a fitava com admiração, desde que ella entrára no vehiculo, obedecendo ao prazer que têm as mulheres de falar mal das mulheres, exclamou, dirigindo-se a Madame Bartout:

— Ah, senhora! Ainda que pareça mentira, ha quatro mezes eu era tão monstruosa como a senhora.

Offendida, apparentou não ter ouvido; mas a sua innocente visinha, sem notar o mau effeito causado pelas suas palavras, continuou a falar.

Por ella, soube a viuva que existem muitos meios para emmagrecer, e o seu amor proprio, a sua coquetteria nativa, a levaram a tomar uma resolução...

* * *

A' noite, em casa, procurou os jornaes. Leu todo o noticiario e passou aos annuncios. Foi quando ella encontrou o seguinte: "Cura infallivel da obesidade".

Era um especialista que offerecia os seus serviços. Foi procural-o. O homem estremeceu.

Ainda não havia tido occasião de ver um phenomeno semelhante.

Prescreveu-lhe um regimen severo, que devia ser seguido á risca. Não em Paris, nem em França, mas em uma cidade da Allemanha, onde tinha um companheiro muito douto. E entregou-lhe varios frascos de remedio.

No dia seguinte, a avara mulher emprehendia a viagem, num carro de 3.ª classe.

Ordenou ao seu sobrinho que continuasse a morar no quarto escuro, que voltasse cedo, de modo que a casa não ficasse abandonada, e disse-lhe que comesse onde melhor lhe conviesse.

Quanto ao dinheiro — nada. Ausente, não escreveu: os sellos custam caro.

* * *

Transcorreram dois mezes.

Certa manhã Eduardo acabava de levantar-se, quando o chamaram á porta. Foi abril-a, e se encontrou deante de uma senhora delgadinha, diaphana, cujos olhos enormes brilhavam num rosto esqualido e que expressava a intenção de penetrar no quarto do rapaz.

Este custou a perceber que estava deante de sua tia.

Subitamente, concebeu uma idéa diabolica. Repelliu-a, fingindo não a conhecer, e aconselhou-a a ir-se immediatamente ou chamaria a policia.

Estupefacta, furibunda, crendo-se presa de grande pesadelo, Celina protestou e ameaçou-o de desherdal-o. E então, queimando os seus ultimos cartuchos, começou elle a chamar pela porteira, e depois, um visinho, que descia a escada do edificio.

Muita gente acudiu, e ninguem reconheceu a senhora Celina Bartout. Houve alguem que lembrou falar aos guardas.

Então, indignada, debilitada — e debilitada, ainda mais, pela cura violenta — sem falar na viagem, nas privações de regimen — a pobre mulher perdeu a cabeça de todo.

E o joven, pouco escrupuloso, aproveitou a occasião para murmurar ao seu ouvido:

— Si a senhora é minha tia queira dar-me uma prova.

Ella o fitou, allucinada, e proseguiu:

— Entregue-me os cinco mil francos combinados e confessarei que sou seu sobrinho. Do contrario abandono-a á sua triste sorte.

* * *

No dia seguinte, a tia entrava em accordo com o sobrinho. Cedera. Quizera desse modo evitar maiores escandalos.

E agora, reduzida a simples condição de um esqueleto, dizem que ella se propõe a seguir um regimen para engordar.

Ninguem está contente com a sua sorte, neste "valle de lagrimas!..."

Concurso Sabonete EUCALOL

(MENÇÃO HONROSA)

Tu que por tudo discutes,
Negas mesmo a luz do sól,
Concorda que para a cutis
Nada ha melhor que EUCALOL.

M. Bastos Tigre

Rua General Dyonisio 12 — Rio

"Vá dizendo a toda gente"
ELIXIR DE
INHAME
DEPURA-FORTALECE-ENGORDA

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

CINEMA IMPERIO

O MYSTERIOSO DR. FU-MANCHU

DA PARAMOUNT

Ha muito tempo que este sr. Warner Oland não apparecia nas telas cariocas, mettido dentro dos seus repetidos typos orientaes, cuja creação já conta tantos annos na vida cinematographica, vindo dos *tempos heroicos* dos filmes em serie. Incontestavelmente não ha quem o supere na expressão phisionomica, na lentidão dos gestos, n'essa frieza crua da perversidade mongolica. Este film da Paramount tem montagem luxuosa, intensidade dramatica e uma excellente direcção, creadora de ambientes e de figuras.

Por vezes, o nosso bom senso briga com as situações, mas evidentemente temos de concluir... que estamos sob o dominio do espirito oriental. A interpretação é viva e sentida. Além de Warner, destaca-se Jean Arthur.

Cotação — BOM

CINEMA PALACIO

MULHER DE BRIO — DA METRO

E' sempre um grande prazer espiritual ver deslocar-se, viver na tela, essa figura de vibração e de sensibilidade, que é Greta Garbo. O argumento que lhe deram n'este filme da Metro é interessante; simplesmente o encontramos mesquinhamente aproveitado. Dava para muito mais, sobretudo tendo-se em linha de conta que a illustre artista contrascenava com Lewis Stone e Boshwardt, os dois compa-

Sabonete Araxá
A Grandeza das montanhas de Minas,
demonstrou a superioridade do
Sabonete ARAXÁ. a base é extrahida
do seu seio Lama e Sal de Araxá.
Os MELHORES PARA A PELLE.

NOS CINEMAS DA AVENIDA (*Conclusão*)

nheiros que mais se aproximaram do seu trabalho, se bem que não o egualassem. A lado de Greta Garbo, dentro d'esta excellente pellicula só se erguem Douglas Fairbanks Junior, n'um traço admiravel e justissimo de figura. Depois delles vêm Dorothy Sebastian e John Gilbert, este, incontestavelmente muito pouco á vontade dentro da ingrata figura que lhe deram.

A technica do filme é superior, mórmente o trabalho photographico e a ligação de sequencia e contrastes na acção. Emfim, um filme que vae ter muito publico.

Cotação — BOM

CINEMA PATHE' PALACE

LETRA E MUSICA — Da Fox

Uma revista, de ambiente escolar e de bastidores. Alegria, espirito, boa musica e... dialogos bastante prolongados em inglez. Que se lhe ha de fazer?... O filme, cujo titulo não é feliz, constitue um interessante espectaculo, em que o publico se delicia com boa musica, a que maravilhosa garganta de David Percy dá relevo, com situações alegres, como todas as que decorrem em meios escolares. Da technica nada ha a dizer, uma vez que a pellicula sahiu dos laboratorios da Fox. Só notamos que os letreiros em portuguez são demasiadamente extensos, extensão que se aggrava com o silencio forçado do synchronismo musical, o que produz mau effeito. A direcção é superior, mormente na apotheose da revista e nos quadros da caçada, uma reconstituição retrospectiva verdadeiramente encantadora. Emfim, considerando-se o filme quanto ao seu genero, tanto em voga n'este momento cinematographico, tem de fazer-se-lhe justiça, dando a

Cotação — BOM

CINEMA RIALTO

E' ISSO QUE SE CHAMA AMOR

Da Ufa

Uma finissima e alegre comedia, apesar do inverosimil de certas situações. Mas se não houvesse inverosimilhança não haveria filmes. Lilian Harley marcou n'esta pelicula pela sua flagrante naturalidade, um trabalho de raro merecimento. Ha espirito, ha vivacidade ha emoção ha verdade, e a *estrella* allemã póde collocar-se a par das que melhor realisar em qualquer *studio* do mundo. São horas, de resto, para se affirmar que as producções allemães se encontram collocadas no plano dos filmes norte-americanos. O mundo cinematographico está em pé de egualdade em Berlim e em New-York. O facciosismo, o *partis pris*, é que não póde, porque não quer, ver esta verdade. As telas do Brasil tem o dever de acatar, em egualdade de conceito, os dois centros de producção cinematographicos.

Cotação — BOM

SUICIDIO

De OTTO MIGUEL CIONE

UM dia appareceu na casa rica um pobre homem do typo indio legitimo, não muito alto, picado de variola, com quatro pellos mongolicos no logar do bigode, cabello ennegrecido e indomável á acção combinada do pente, escova, cosméticos, vinagres, potassa e acido sulfurico.

Quasi gago, e com voz de menina resfriada. Um pouco vaidoso na indumentaria, especialista em gravatas espalhafatosas. Usava chapéo côr de cinza e no alto da cabeça; ou esta era muito grande, ou o chapéo era muito pequeno. Calçava botinas amarellas e meias tão espalhafatosas quanto as gravatas.

Olhos pequenos, de olhar penetrante, nariz fornido, grande bocca, que deixava á mostra uns dentes enormes de animal selvatico, completavam o estranho typo.

De onde vinha? Qual era sua provavel origem?... Quem sabe lá onde nasceu nem de onde surgem esses bichos raros que a gente encontra na vida!...

Que sabia fazer?... De tudo: era cocheiro, carpinteiro, lavador de pratos, pintor de portas e paredes, cozinheiro, padeiro, encerador, domador, remendão, etc. Mas os pratos que elle lavava... o soalho que elle encerava... a comida que elle cozinhava... os moveis que elle concertava... Tudo o que elle fazia era ruim. Typo esquisito!

Tinha um grande defeito: era resmungão. E uma grande virtude: era bom como um santo. E uma grande mania: colleccionava quanta cousa inutil encontrava: um pedaço de arame, umas varinhas de guarda-chuva, latas de sardinha, garrafas vazias, pedras de fórmas raras, fragmentos de vidros de côres, etc.

Não sabia ler, e para conseguir uma cruz necessitava duas horas de ensaio, uma resma de papel e varios lapis.

Tinha uma preoccupação tyrannica: a de limpar os bronzes da porta da rua. Nessa meticulosa tarefa levava toda a manhã.

Sua distracção favorita era dirigir galanteios a todas as criadas do bairro:

— Bom dia, Maria! Que linda manhã! Linda como você...

— Bom dia, Libania! Hoje nasceu uma flor egual a você...

Quando entrou para o serviço da casa rica, foi no caracter de jardineiro. Mas, como de jardinagem nada sabia, foi transferido para a cavallariça. Um dia, porém, elle se agastou com um dos cavallos e deu um coice tão forte no pobre animal, que este ficou invalido para o resto da vida. Foi, então, introduzido na cozinha. Ali, com a mais santa intenção do mundo, destruiu, em menos de um mez, um jogo inteiro de louça. Tinha as mãos «resvaladiças» — como elle dizia. Designaram-no, então, como «varredor official» dos pateos. Um busto de Napoleão, dois jarrões de porcellana e um dragão japonez foram sacrificados impunemente em poucos dias. O que levou ao cumulo a paciencia da assás benevola dona da casa, foi quando espatifou contra o solo um enorme aquario com todos os seus peixes de [illegible] res. Nesse dia, mandaram-no embora. Mas, para onde elle havia de ir?

Seu rosto de cacique em desespero fez umas caretas dignas de um palhaço de circo, e elle resolveu falar com o patrão. E falou-lhe. [illegible] do mais do que nunca, emquanto dos seus olhos de zorro cahiam grossas lagrimas: elle seria bom, levaria os meninos ao collegio, sem os [illegible] pelas ruas na volta, brincaria com elles no jardim da casa, e, como complemento de todos os terriveis compromissos que acabava de assumir, assim de repente e sem vacillar, prometteu limpar os bronzes da porta da rua, como única tarefa, todas as manhãs.

O patrão, um velho de coração de ouro, respondeu-lhe, quasi chorando de tão commovido:

— Fica... fica... e faze o que quizeres... Mas procura ser mais cuidadoso.

E ficou.

E assim, durante vinte annos, sempre bom, mas resmungão, viveu naquella casa. Aquella familia era sua, assim como elle lhe pertencia de corpo e alma.

Um máo dia para elle, seu patrão resolveu fazer uma viagem á Europa com toda a familia.

Uma das moças perguntou-lhe si queria ir com elles.

— Ora si quero! — respondeu.

E foi a seu quarto, enrolou seu colchão, e se deteve perplexo deante de suas collecções de jaulas vazias e desfeitas, de suas inutilizaveis bengalas quebradas, de suas latas de conservas vazias, de seus frascos que outr'ora encerraram perfumes, de suas pedras preciosas (vidros de côr), de suas figuras [illegible] phosphoros e outros não menos [illegible] taveis objectos, e, de repente, resolveu deixar tudo, num gesto de sublime heroismo, segundo affirmava com toda seriedade.

Mas sua decepção foi immensa quando soube que no vapor não havia logar para elle, nem mesmo como limpador de bronzes. O patrão [illegible] poz consolal-o, dizendo-lhe que [illegible] devia ficar na cidade para [illegible] conta da casa. Nada objectou [illegible] tra a decisão do patrão, e [illegible] em silencio a sentença do destino.

Uma manhã, todos deixaram a casa e embarcaram em um [illegible] transatlantico.

Mas, quando se viu sozinho [illegible] quelle immenso casarão, quando [illegible] quem lhe desse ordens; quando senhor absoluto de seus actos, [illegible] ninguém que lhe fiscalizasse as entradas e sabidas; quando podendo fazer o que bem entendesse, quando deitar-se, tomar chá [illegible] ou mais a vontade [illegible] implicante da patroa, nem as troças das meninas; nem sentiu o peso do olhar do patrão; quando se viu só em meio de suas artisticas collecções — comprehendeu que havia chegado ao [illegible] de sua existencia. Que lhe faltava o guia, o fio conductor de seus actos. E, assim, presa de profunda [illegible] tia, foi para o logar em que a «sua familia» se atirou ao [illegible] para não mais apparecer no mundo dos vivos.

Assim se matou Manoel Coutado.

GRITZNER
STOLTZ

ESPIRITO ALHEIO

O CONVITE PARA A DANÇA

1.° — Na epoca do minuete.

2.° — Na da valsa.

3.° — Na da quadrilha.

4.° — E na epoca do "fox-trot"...

Experimente-a Senhora!

Poucas são as sobremesas que, como esta, mereçam a approvação de todos.

Eis uma receita marvilhosa, de preparo facil e de sabor incomparavel. Para experimental-a basta que V. S. tenha:

3 colheres de Maizena Duryea, 1¼ litro de leite
¼ taça de assucar pulverizado, 5 ovos

Separam-se as 5 gemas que se batem com 6 colheres de assucar. Addicione-se a Maizena Duryea dissolvida num pouco de leite frio. Junte-se o resto do leite e deixe-se a ferver por cinco minutos en banho-maria.

Unte-se uma fôrma con caramelo na qual se deita a mistura, e leve-se a forno moderado por meia hora. Retire-se em seguida do forno, deixe esfriar e cubra com merengue, preparado á parte com as cinco claras. Torne a collocar no forno até conseguir uma côr dourada.

A receita que descreve e illustra em côres este optimo "Pudim Surpresa" faz parte do livro de receitas culinarias da Maizena Duryea, que enviamos gratuitamente a quem nol-o pedir. Mande-nos hoje mesmo o seu nome e endereço e pela volta do correio receberá um exemplar deste precioso livrinho.

M. BARBOSA NETTO & CIA.
Caixa Postal 2938
Rio de Janeiro

Nome ______________________

Rua e No. ______________________

Cidade ______________________

GRATIS

MAIZENA DURYEA

FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO

SEGUE Affonso, bom carioca, viuvo, com os seus cincoenta janeiros, até o Amazonas em viagem de recreio.

De passagem pela Bahia, é ali recebido por amigo velho de velho amigo seu que por telegramma o recommendára áquelle. Cumprimentado a bordo pelo commendador Jaciobá e quasi toda a illustre familia, vae á casa receber as homenagens preparadas: um almoço com todos os pratos afamados, com todos os temperos caracteristicos da cozinha bahiana.

Muita alegria, muita sympathia pelo hospede. Falta, porém, uma pessôa da familia, consoante lhe informa alguem.

— Quem é? indaga Affonso.

— Ah! exclama o commendador.

E informa em seguida:

E' a minha filha mais môça, a caçula, que está muito doente. Esta não sae do quarto de dormir. Não apparece a ninguem.

— Que tem ella?

— Nem sei bem o que seja. Dizem tanta coisa... Sente ella tanta coisa...

— Si possivel fôsse vêl-a...

Trata-se de uma hypocondriaca. Os nervos doentes perturbam-lhe o cerebro de tal sorte, que se julga ella acommettida de toda a especie de enfermidades. Si conta alguem estar soffrendo de certa molestia, sente ella immediatamente a existencia daquella affecção morbida.

Ena, a primogenita do casal Jaciobá, vae aos aposentos de Iêta e diz-lhe algo acêrca da sympathia inspirada pelo hospede a todos que o cercam, e refere-se tambem ao empenho delle em conhecer a enferma.

Desperta-lhe interesse a conversa de Ena, e resolve Iêta deixar os aposentos para apresentar os seus saudares ao recem-vindo.

Dali a pouco é annunciada a presença de Iêta, que desce as escadas quasi a andar de gatinhas e sentando-se de degráu em degráu com mêdo de cahir.

Segura ao braço de Ena, chega até a sala de visitas. Todos se alegram com a presença da joven, que é em verdade uma figurinha galante, grandemente sympathica.

— E' essa a môça?

E levanta-se o hospede e aperta-lhe a dextra gentil.

— Bons dias. Sim. Sou um armazem de doenças. Sei que vae até o Amazonas. Poderia fazer-me o favor de levar a metade dos meus males para ir largando-os pelo Atlantico fóra.

— Não precisamos de nos utilizar desse meio para o auspicioso fim...

— ... de eu me sentir curada?

— Certamente.

— E' medico?

— Quem?

— O senhor...

— Não; mas tenho inclinação...

— Só por isso, pretende curar-me?

— E' meu estudo predilecto.

— Qual! A minha molestia...

De

HORMINO LYRA

— Pelo que me disseram e pelo que observo... Sente neste momento alguma cousa?

— Presentemente nada.

— Os seus nervos estão doentes; o centro do systema nervoso actua sobre todo o organismo: assim o seu cerebro lhe dá a impressão de que padece a senhorinha de vertigens, de que soffre dos pulmões, quando não é dos rins, do estomago, de tudo!

— Isso é o que o senhor diz.

— Isso é que é a verdade.

Torna-se muito amiga do hospede; palestram ambos durante largo tempo.

— Quer ver como nada soffre? Vamos dar um passeio de automovel. Não conheço a cidade; desejo andar algumas horas de auto para fazer idéa geral da parte mais central de São Salvador, e não vou sem ser acompanhado de Iéta.

— Não vê que é impossivel eu attendel-o!? Vá com Papae, Ena e outras pessôas mais: Terei immenso prazer de saber si fica fazendo bom juizo da minha terra e dos seus habitos.

— Não resolvo, sem que resolva a senhorinha acompanhar-me.

— Mas... certamente está brincando commigo.

— Está palestrando admiravelmente. Nada sente. Por que não me quer dar o prazer de me acompanhar?

— Quero, sim; mas penso não supportar passeio tão prolongado.

— Garanto-lhe: nada lhe acontecerá. A senhorinha carece de distracções, e encarregar-me-ei de a distrahir de sorte a nada lhe acontecer.

— Acha mesmo que eu posso supportar...

— Eu garanto...

— Seja feita a sua vontade.

Dá-se Affonso ao estudo do magnetismo animal, e desde já conquista grande ascendencia acêrca da senhorinha. A sua influencia com superioridade sobre ella observara elle logo que se entreolharam.

Vae Iéta entrajar-se para o passeio. Não gosta de artificios.

— Que bonito!... Quer apresentar-se ao môço como qualquer matuta? Não, senhora! No Rio todas se pintam, até as velhas! Vae elle ficar acanhado de sahir á rua comtigo assim, com essa cara de moja arrependida!

E Ena obriga a irmã a simular um coradinho nas faces, a desenhar artisticamente um rubro coraçãosinho nos labios.

Aquella, depois, está mal conformada por ver que a irmã ficara tão formosa.

Quando esta ao hospede se apresenta entrajada num lindo vestido de crepe setim em tons néve-violaceos e bem ajustado a intimos contornos, o acanhamento, pelos artificios, que lhe impuzera a outra, dá-lhe ás feições do rosto graça estranha, florida de saude; o recato premeia-lhe os olhos com brilho singular; a modestia, o pudor conferem-lhe ao sorriso angelico, aos meneios dos gestos, ao movimento do corpo — muita nobreza, muito encanto, muita distincção. Um prodigio!

Affonso e Iéta entreolham-se demoradamente sem pestanejar. E percebe esta a impressão agradavel que recebera aquelle do seu semblante, do seu corpo

FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO

(CONCLUSÃO)

delgado e airoso, da sua imagem de fada. E percebe o hospede que a senhorinha lhe adivinhara os pezares.

* *

Annuncia-nos Affonso com hesitação, com certo enleio, que se vae casar. Causa-nos estranheza.

— Você, meu velho amigo? Pois não nos dizia sempre ser sympathico ás theorias positivistas? Pois não achava que viuvo já se não devia casar? Sae você do dominio dos factos para a incerteza do que ha de vir? Tem a sua vida methodizada em companhia da sua filha moça, do seu filho menor, e vae, na sua idade, aventurar nova vida? Que?! Está doido...

— Não sabe da missa a metade! — contesta-nos. Conta-nos tudo.

Por fim, a familia do commendador, para contentar Iêta, mudase para o Rio.

A propria filha aconselha-o a casar-se com Iêta, que se mostra tão amiga delle.

Concorre tudo para a mesma finalidade.

Por ultimo chama um medico, muito seu amigo, e pede-lhe que a examine com toda a attenção.

Affirma-lhe o medico possuir a senhorinha o que possuem poucos: saude admiravel. Todos os seus orgams — estômago, pulmões, coração, rins, figado — funccionam perfeitissimamente. Parece-lhe ter a moça um ideal; realizado este, engordará, ficará forte. Talvez goste de alguem; e este alguem deve casar-se com ella.

Confessa-lhe Affonso o que existe de facto.

E elle, o medico:

— Pois ahi está: case com ella; não ha necessidade de lhe dar remedios.

— E a minha idade em relação a da sua linda cliente?

— Não quer dizer nada. Case com ella.

Afinal nos diz o amigo em conclusão:

— E' isso, meu caro: já não posso viver sem ella.

— Nem ella sem você, concluimos.

— E' verdade. Que mais fazer?

— Quem é que póde com os olhos bonitos de bonita mulher? E' bôa! Quiz cural-a pela suggestão, não é? Foi magnetizal-a e ficou magnetizado! Virou-se o feitiço contra o feiticeiro!

O Amor e as Mulheres

DE BERNARDO MANUEL

E' insensivel a mulher que não encontrou em sua vida o homem que deve amar.

•

Quantas mulheres não têm deixado fenecer uma maravilhosa formosura, na constante busca de uma fortuna incerta.

•

A maioria das mulheres julga do merito e da bondade de um homem segundo a impressão que lhes causa, e quasi não concedem nem uma coisa, nem outra áquelle que não lhes inspira nenhum sentimento.

•

As mulheres sacodem a sua apathia, por vaidade ou por amor. Mas, nas mulheres nervosas, a apathia é o presagio do amor.

•

No coração de uma joven não se abriga um amor tão impetuoso que esteja completamente isento de interesse e ambição.

•

Reconheço que, entre as mulheres, embellezar-se e enfeitar-se é a coisa mais natural deste mundo.

E' como o dissimulado que não se preoccupa com o que possa parecer, procurando apenas occultar-se e passar ignorado; é querer *metter-se pelos olhos*, tentando apresentar-se, exteriormente, contra toda verdade: é uma especie de mentira.

E' preciso examinar as mulheres, desde o calçado até o penteado, assim como se mede o pé, a cabeça e o pescoço.

•

Raramente os homens e as mulheres estão de accordo em rela-

ção ao merito de uma mulher. Os seus interesses são oppostos. As mulheres não se sympathizam, entre si, pela simples razão de que são ellas mesmas que devem agradar aos homens. Certas causas que nestes suscitam as mais violentas paixões, desencadêam naquellas aversões e antipathia.

•

Uma mulher coquette não se preoccupa sinão em agradar e saber a opinião que se tem da sua belleza — considerando o tempo e os annos como algo que afeia e envelhece as outras mulheres.

•

Lisa ouve dizer que outra coquette zomba das mulheres que se presumem jovens e usam adornos pouco convenientes para uma mulher de quarenta annos. Lisa já completou essa edade; mas que os annos têm para ella menos de doze mezes, e não a envelhecem.

Assim pensa ella.

Emquanto se mira no espelho e pinta o rosto, reconhece que, em certa edade, não é licito fazer-se de joven, e que, de facto, Clarisse está ridicula com o seu colorido e os seus enfeites.

•

Um rosto formoso é a mais bella visão para os olhos de um homem, assim como a mais doce harmonia é o som da voz da mulher amada.

O mais delicioso é uma mulher formosa que esteja nas condições de um homem honrado: reune então todo o merito dos dois sexos.

*

Nas mulheres, o capricho é affim da belleza; serve de contraveneno desta, para que não prejudique os homens de uma maneira excessiva, pois de outro modo succumbiriam sem remedio.

*

Inconstante é a mulher que não ama. Frivola é a que ama hoje a um e amanhã a outro. Vã é a que não sabe se ama, nem a quem ama. Indifferente é a que não sabe amar.

*

Uma mulher esquece de um homem a quem não ama até os favores que delle recebeu.

*

A perfidia na mulher produz lhe um grande bem: cura-lhe os ciumes.

*

Um homem da cidade é para uma mulher provinciana o que

O Amor e as Mulheres

(Continuação)

para uma mulher da cidade é um homem da côrte.

*

As mulheres são sempre excessivas: ou melhores, ou peores que os homens.

*

A grande maioria das mulheres carece de principios. Guiam-se por seu coração; e relativamente aos seus costumes dependem daquelles a quem amam.

*

No amor, as mulheres vão mais longe que os homens; mas na amizade estes as sobrepujam.

*

E' indiscutivel que uma mulher que escreve furiosamente, está vencida. Não é tanto por estar enamorada. Parece que uma paixão intensa é delicada, é triste e silenciosa; e que o interesse mais fervente de uma mulher que não é livre, o que a affecta mais, consiste menos em ella se convencer que ama do que assegurar-se de que é amada.

São os homens que mais correm para que as mulheres se aborreçam delles.

*

O tempo, que revigora e vitaliza as amizades sinceras, debilita e enfraquece o amor.

*

Os amores banaes se finam com o tedio; o esquecimento os sepulta. A arte, pois, no amor, é saber conserval-o num plano de superioridade e elevação, afim de que não se banalize e não perca o seu encanto, o seu prestigio, o seu valor, que são a sua razão de ser.

*

Tropeçamos, mais facilmente, com um amor excessivo do que com uma amizade pura e perfeita.

*

O amor que nasce subitamente é o mais difficil de extinguir-se. E' que elle, nascendo com todo o seu vigor e a sua impetuosidade poderá manter-se forte, resistente, inquebrantavel como um rochedo.

*

O amor na mulher é todo feito de capricho. E por capricho elle faz soffrer, martyriza, humilha, exalta, engrandece e amesquinha.

O Phonographo Mortuario

(A scena se desenrola no cemitério. O inventor do phonographo mortuario faz uma experiencia deante de algumas testemunhas).

ACTO I

O inventor. — Sim, oh! senhores, meu phonographo, collocado sobre a pedra sepulchral, é posto em communicação com o feretro por meio de uma corrente electrica e permitte a cada morto, que por erro tenha sido enterrado vivo, resuscitar como Lazaro! *(Applausos)*. De que maneira? — haveis de me perguntar. E eu vos respondo que mediante a simples pressão de um dedo sobre um botão electrico situado no feretro, o qual faz funccionar um phonographo que se põe a cantar desoladoramente: "Descubram a tumba para que se levante o morto!" Ao ouvir esse canto, os guardas do cemiterio acorrerão, e o *morto*, ainda *vivo*, será libertado e poderá voltar a seus negocios sem ulteriores perdas de tempo... A seguir, senhores, procederemos, sem mais demora, a uma experiencia. A's palavras devem seguir os factos. Um joven de boa vontade consentiu, generosamente, em se prestar á experiencia em questão. Tem, pois, direito, desde já, ao reconhecimento e aos applausos de todos os amigos da sciencia. *(Ouvem-se applausos).*

ACTO II

O inventor (ao joven de boa vontade). — Meu querido amigo, estes senhores e eu nos afastaremos, agora, a duzentos ou trezentos metros de sua tumba, e esperaremos que o phonographo se ponha a cantar. Asseguramos-lhe a rapidez do coveiro. Não tenha nenhum receio: o apparelho está em seu logar. Bastará que toque o botão que encontrará no interior de seu feretro, ao alcance de sua mão. *(Estreita-lhe affectuosamente a mão e se afasta juntamente com as testemunhas).*

ACTO III

O coveiro (baixando ao sepulchro o caixão, munido de uma janellinha, pela qual o joven de boa vontade pode respirar). — Encontra-se bem, moço?

O joven de boa vontade. — Sim, mas... recommendo-lhe um pouco de cuidado. O senhor me sacode muito!

O coveiro (rindo). — Cuidado? Ora! Vá! Não temos nem siquer com os mortos! E você, que está vivo, é quem m'o recommenda!

(O caixão toca, afinal, o fundo da sepultura).

(O coveiro põe em seu logar a pedra sepulchral, á qual está adherido o phonographo mortuario. Depois se afasta).

ACTO IV

O inventor (olhando o relogio). — Aquelle joven está no sepulchro ha cerca de vinte minutos. De certo não tardará em fazer cantar o phonographo...

As testemunhas. — Talvez se encontre bem lá dentro... Curiosissimo!... Esperemos!...

O inventor. — Esperemos.

ACTO V

O inventor (olhando o relogio). — Faz uma hora e dez minutos que o joven está no sepulchro. Certamente não tardará em fazer cantar o phonographo...

As testemunhas. — Parece, realmente, que se encontra bem lá dentro! Curiosissimo!... Esperemos!...

O inventor. — Esperemos.

ACTO VI

(Duas horas depois)...

O inventor. — Em summa, senhores, este silencio tão obstinado não é natural. Esse joven se diverte em não querer fazer cantar meu phonographo! A prova durou bastante!

As testemunhas. — A prova durou bastante. *(Aproximam-se da tumba).*

(De repente, o inventor dá uma palmada na fronte, rindo, olha o phonographo, e exclama):

O inventor. — Ah! Que distrahido que sou eu! Esqueci-me de pôr o disco! Era por isso que não cantava meu phonographo.

(O pobre joven de boa vontade foi immediatamente libertado, mas estava completamente intumescido. E, julgando-se verdadeiramente morto, protestou contra sua exhumação. Para não contrarial-o, metteram-no de novo no tumulo, onde ainda está. Passaram-se doze annos depois do dia da experiencia, e o joven de boa vontade continúa julgando-se morto!...).

Cami.

BANHOS DE MAR

Costumes completos, americanos, para todas as edades e ambos os sexos, camisas, calções, Sapatos, salva-vidas e toucas.

CASA SPORTMAN

A MELHOR CASA DE ARTIGOS PARA SPORTS

RAUL CAMPOS

Remettem-se Catalogos

25, Rua dos Ourives, 27 — Rio de Janeiro

VIN DÉSILES

CONVEM A TODOS OS ENFRAQUECIDOS

SOCIETÉ DU VIN DÉSILES

PARIS - LEVALLOIS

Adelgaçar

é um gôsto com as

"Pilules Galton"

Um "Emmagrecedor" perfeito hoje em dia está ao seu alcance. A sua acção melhora a digestão sem perjudicar a saúde.

Chama-se : "Pilules Galton".

Papada, bocheda, quadris, barriga, mingoam bem depressa. Rejuvenesce o organismo.

A Sra C., de Perpinhão, escreveu-nos:

« Com um só frasco de "Pilules Galton" perdi nove centimetros de cintura; além d'isso, minha barriga, que era enorme, diminuiu como por encanto »

O Snr. E. B., de Montbard:

« Tenho emmagrecido tres kilos dentro de 17 dias com as "Pilules Galton". Depois tenho obtido resultados muito notaveis, sem abandonar o meu trabalho e sem ser incommodado de fórma alguma. »

Assim, pois, quem quizer emmagrecer não deve hesitar : ha de tomar **"Pilules Galton"**; o uso de um frasco bastará para convencêl-o do resultado deveras assombroso. (Composição exclusivamente vegetal.)

Appr. D.N.S.P. em 26-6 1917 sob o Nº 88

J. RATIÉ, Phᶜⁿ, 45, Rue de l'Echiquier, Paris-X°

Agente Geral : A. de COURNAND

118, Rua da Alfandega, Rio de Janeiro.

A venda em todas as pharmacias e drogarias.

UMA ALMA DE MULHER

(conclusão)

Lá fóra, na rua movimentada e rumorosa, a alegria espoucava em risadas claras, em cantigas alegres, e em palavras soltas. Toda a gente que passava parecia ter a alma em festa, como de festa para o mundo era aquella noite linda; toda salpicada de estrellas reluzentes e toda enfeitada de clarões das luminarias dos festejos tradicionaes.

De todos esses rumores, porém, só um éco vago e leve chegava ao aposento onde aquella moça se isolava de tudo e de todos, porque esse aposento ficava quasi nos fundos da velha casa enorme que descera da categoria de «solar senhorial», para ceder ás exigencias da civilização absorvente e se transformar em habitação collectiva, com o rotulo de «pensão familiar».

No silencio morno do quarto, a penna continuava a ranger, levemente, sobre a folha de papel onde a moça gravava seus pensamentos, e, si alguem pudesse ler o que aquella mão nervosa escrevia, surprehender-se-ia, decerto.

Ao alto da pagina setinosa de uma dessas finas folhas de papel de carta usadas pelas senhoras elegantes, numa calligraphia larga e desembaraçada, como é hoje moda terem as mulheres cultas, havia apenas uma palavra: — «Mãesinha»; e depois, enchendo toda a pagina, isto — que os curiosos olhos que pudessem ler, leriam, decerto, espantados:

«Longe de você, da nossa querida casa e de meus irmãos, eu só não posso considerar-me a mais feliz das creaturas, porque as saudades são tantas, que ensombram sempre a claridade da minha perenne ventura. Cada dia que se passa nesta ausencia que o destino quer que eu supporte, mais se avolumam em minha alma essas saudades profundas, do seu carinho, mãesinha, do aconchego do nosso lar e da alegria de conviver com aquelles que têm nas veias o mesmo sangue que corre nas minhas, mas tambem, cada dia, augmenta, si possivel, a felicidade que me coube na terra, ao lado do escolhido companheiro da minha vida actual.

Você nem poderá imaginar, minha mãesinha adorada, como meu marido cuida da minha ventura, cercando-me de attenções e de cuidados, de meiguices e de respeito! E, no emtanto, lembra-se?, você não sympathizava com elle e, por isso, se oppoz tanto ao nosso casamento!

Pena é que não seja possivel, por agora, que os negocios de meu marido o retêm nesta cidade tão distante do nosso saudoso recanto nortista, irmos para perto de você, pois, só me sentiria, verdadeiramente, feliz, si pudesse deixar que visse como sua filha é feliz, e como vive contente!

O Roberto me tem promettido, sempre, que ha de realizar o meu desejo de viver perto de você; porém, não sei ainda quando isso será. Peço a Deus que seja breve, sim?

Fiquei tanto tempo sem lhe escrever porque estava esperando mudar de residencia para dar-lhe noticia disso.

Sahimos do hotel onde moravamos, desde que chegámos ao Rio (ha tres annos já!), porque o Roberto não o achava bastante confortavel e era muito barulhento, por ser situado no centro da cidade.

Agora, estamos muito melhor installados. Moramos num bello bairro, em casa de uma distincta familia, onde gozo da estima e consideração de todos. Roberto não quiz montar casa, para poupar-me ás lutas com as criadas, que aqui no Rio, dizem, endoidecem as patrôas.

Estamos num bello e amplo aposento, mobiliado com gosto e até com luxo, e nada falta para o meu bem estar e para a minha tranquillidade.

Das janellas do nosso aposento pode-se extasiar o olhar com o panorama sumptuoso de uma grande parte da cidade, e á noite, é tal a impressão de belleza que esse panorama offerece, que se chega a ter a illusão de que a cidade, sob o capricho de um novo Nero (Nero da America!... E' engraçada a comparação, não é?), está toda em chammas, tal é a orgia de luz com que a illuminam!

Ah! Mamãe!... Si você pudesse ver como o Rio é lindo! E' tão differente da cidadezinha onde você nasceu e de onde nunca sahiu, que nem se pode explicar.

O Rio é maravilhoso!

Pelo proximo correio vou ver si lhe mando um album de vistas da cidade, para você e os meninos avaliarem um pouco!

O Rio é lindo, mãesinha, mas hoje, nesta grande noite de festa, eu não o acho tão bello, porque tenho uma saudade enorme da nossa casa... de você... da sombra da noite sem luar... até a nossa egrejinha simples... ouvir a missa do gallo!...

Aqui, neste rumor constante, creio que nem os sinos se ouvem com que elles cantam no alto do minusculo campanario da nossa egrejinha, mandando o éco dos seus sons pelas quebradas das serras... pelos campos... pelas mattas...

E' noite de Natal, a de hoje, minha mãesinha!... Roberto está aqui a meu lado, um pouco aborrecido porque eu não quiz ir com elle a um «reveillon» (sabe o que é «reveillon», mamãe? E' o modo que a civilização inventou para matar as tradições lindas e mysticas das commemorações christãs do Natal), num dos mais elegantes hotéis do Rio. E deu-me um tão lindo vestido para esta noite!... Mas eu não quiz ir divertir-me, hoje, para escrever-lhe esta carta, que representa o meu presente de Natal para você, adorada e saudosa mãesinha.

Que melhor presente poderia eu lhe mandar que fosse grato ao seu coração tão extremoso, senão a affirmativa da minha felicidade, dessa felicidade em que você não queria crer e que é hoje o meu grande thesouro de alegrias? E eu sou tão feliz, minha mãe!...»

* * *

Passando por sobre os mil rumores da cidade em festa, a voz sonora de um sino soou grave e harmoniosa, vindo da alta torre de uma das egrejas que ficavam nas proximidades da casa silenciosa.

O éco suggestivo dessa voz chegou até o aposento triste onde a moça escrevia; e, ouvindo-a, ella ergueu de súbito a fronte pallida. A penna cahiu-lhe da mão gelada, que, unindo-se á outra, num contricto gesto de supplica, se apertou de encontro a um peito que arfava de emoção.

E foi então que, de joelhos, os olhos inundados de pranto, fitos numa imagem de Jesus, que havia suspensa a uma das tristes paredes do pobre quarto sem conforto, a moça murmurou, soluçando:

— Perdôa-me, Jesus!... Eu não minto por maldade... bem o sabes... Minto por piedade... por amor daquella pobre velhinha que soffreria tanto si conhecesse a grande desventura da minha decadencia e da minha miseria! Eu, decerto, mereço este abandono e esta tristeza... porque Deus não é injusto... Mas não comprehendo por que, sendo honesta e amando tanto o meu esposo, elle me troque assim... por alegrias falsas... que não tenha pena das minhas lagrimas... e que me deixe assim, tão sozinha... tão triste... tão abandonada... Dá-me forças, meu Jesus, para que eu supporte, como devo, a crueldade deste destino!... E perdôa-me, ainda, o peccado desta mentira feita na noite santa do teu Natal!...

...

E á voz harmoniosa do sino, que cantava no alto da torre da egreja, saudando a Hora Sagrada em que viera ao mundo o Semeador da Bondade, juntou-se a lithania dolorosa que havia no pranto daquella mulher, em cuja alma, nem o soffrimento, nem a desillusão, conseguiram matar os impulsos generosos que resplandeciam como flores de luz num campo de trevas...

souro, a preciosidade mais bella da casa... Canta e brinca, arrufa-se e chora... Porém, zangado ou satisfeito, o meigo tyranno espanta magoas e desalentos, enxuga prantos e contém soluços.

Os dias passam e as crianças partem, collegiaes alacres para a escola... Surge a mocidade que sonha e vibra, que ousa e conquista. E para as mães que em casa ficam a recordal-os... tão pequeninos... tão frágeis e assustadiços... quanta surpreza e quanto orgulho!

Os filhos são o supremo consolo. Si acaso um dia, na vereda que trilham mães infelizes, o solo se esborôa e lhes falha sob os pés... e no fundo de escuro abysmo o repouso eterno as magnetiza... uns bracinhos rosados com força de aço as enlaçam e salvam.

Ellas lhes devem ás vezes a vida do proprio corpo... a continuação da vida que deste já foge. — Ellas lhes devem ainda mais a vida do coração...

...Depois, dizem serenamente: a gratidão que prende os filhos ás mães...

BARCAROLA

Dorme, filhinho,
Dorme, meu amor;
A faca que corta
Dá golpe sem dôr...

Dorme, filhinho...
A noite já accendeu no céo o doce milagre das estrellas.
E na terra todo o poder das trevas já baixou triumphante.

Natal, Natal nos corações das mães...

(Conclusão)

Dorme, filhinho... Teu leito é tão macio e tepido... Não têm igual as avesinhas mimosas; não possuem melhor as borboletas frágeis.

Dorme, filhinho,
Dorme, meu amor...

Dorme, meu amor... Que importa, lá fóra a escuridão rasteje como visão disforme? A pouco e pouco, no firmamento, os anjinhos escondidos descerram suas pupillas doiradas e meigas.

Dorme, meu amor... Tu és a vida mesma de tua mãe: seus olhos te fitam, seus lábios te embalam, braços te acalentam, seu cora adora.

Dorme, filhinho,
Dorme, meu amor;
A faca que corta...

o prego que lacéra, a pedra maga, o veneno que mata garão ao abrigo rosado de teu

A faca que corta, a inveja róe tudo que fere e faz carne, tudo o que punge e coração, bem longe está, porq bre ti vela, incansavel e atten veas azas abertas, o carinho mãe.

Dorme, filhinho,
Dorme, meu
A faca que co
Dá golpe sem

Dá golpe sem dor o máu pretenda machucar... a vida se zer magoar. Bem protegido bem defendido te sinto...

Dá golpe sem dor a mald te consiga attingir, porque, lhinho, a dôr ficará no coração mãe... no coração que te

Dorme, filhinho,
Dorme, meu amor;
A faca que corta
Dá golpe sem dôr...

Dá-lhe vontade de sahir, de procural-o. Mas não. Ha conveniencias...
Espera instantes.
A scena escurece, gradativamente.
O deus avermelhado e justiceiro nas nuvens pejadas e baixas.
Ouvem-se applausos. Abrem-se, novamente, as luzes.
Pausa. E ella, a sós, a esperal-o! Nenhum amigo. Que diriam si a vissem pelos corredores, pelas escadas, assim decotada, assim branca e tremula?
Procura dominar-se. E espera ainda, com o pensamento voejando, louco...
O ultimo acto prosegue. A orchestra é sublime. E ella tem vontade de chorar.
Retém as lagrimas escaldantes. Torce as mãos geladas, liriaes, despedaçando o leque magnifico.
E elle não torna.

• •

Walkyria dorme, agora, no cimo da montanha, sob o perdão do deus

ENTRE - ACTO

(Continuação)

seu pae, aguardando o heróe.
E' o encantamento do fogo que jamais se apagará. As chammas só serão vencidas pelo continuador da raça de Walse.
A orchestra estala em crispações e abrazamentos grandiosos.
Vera, porém, não mais se póde conter.
Ergue-se, estonteada, perplexa. Não comprehende nada. Sae ás pressas.
Investiga, de passagem. Mette-se no automovel que a esperava, tranquillo. Interroga inutilmente o "chauffeur". E grita-lhe:
— Para casa, depressa, depressa!
O portão estava aberto. Recordava-se, no entanto, de o ter fechado.
Empurra, levemente, a porta cerrada... Luz accesa! Incrivel! Tudo a excita e a põe mergulhada num abysmo de hypotheses.

Corre ao quarto. Aperta o commutador da electricidade. Tudo aberto, escancarado, remexido, em desordem. Nenhuma joia. Nenhum objecto de valor. Nada que preste.
Olha desvairada para aquillo tudo, no silencio da casa immensa, só, e só!...
Lembra-se, de subito, do guarda-casacas do marido. Precipita-se.
Escancara-o, impetuosamente, sem raciocinar.
Nenhuma peça de roupa, vazio...
Cambaleante, num esforço supremo, ampara-se á parede e, então, os olhos, pavorosamente abertos, congestionados, lêem, lêem as grandes letras dansando em um papel: "Não me procures".
— Oh! Oh! Ah! Ah!
No dia seguinte foram encontral-a perambulando, atôa, pela casa, decotada, desgrenhada, inconsciente, cheia de fadiga, a balbuciar apenas, entre lagrimas e risadas arripiantes:
— Oh! Oh! Ah! Ah!

A TELEPHONADA DA MORTE

(Continuação)

pedimo-nos. Ao outro dia, pela manhã, lendo os jornaes, deparei o convite do marido e de toda a familia para a missa de setimo dia pela alma da minha Julia! Fiquei de cabellos em pé, assombrado. Eu falára com uma morta! Por isso, sua voz era tão apagada e tão remota... Mas essa morta era a criatura que eu mais amava na vida! Eu, que nunca tivera affeições de familia, carinhos de esposa ou cuidados de irmã, que nem mesmo conhecêra minha mãe, achara naquelle amor todo o conforto para o meu coração! E essa mulher tão amada morria assim, sem que eu esperasse, sem eu saber como, durante uma das minhas raras e rapidas ausencias! Surdo desespero invadio-me a alma ao pensar que jamais a poderia beijar, ardentemente, que jamais voltaria para casa, de madrugada, absorto dentro da felicidade por entre o rumor da cidade que acordava, trazendo nos labios o cheiro e o gosto da sua bôca!... Cahi como um corpo morto sobre a cama e fiquei a soluçar baixinho o dia inteiro.

Porém, ás sete e meia da noite, estava no Bar Inglês, esperando a telephonada promettida. Nada. Ha um lustro que todas as noites vou aguardal-a. Até agora nada e nada. Entretanto, estou certo que uma noite a receberei. Ella não poderia esquecer-me, mesmo no outro mundo, porque eu tambem não a esqueço. O que ha entre nós é uma ligação mais forte que a morte e maior que a vida... Ademais, ella promettéu telephonar-me. Não foi hoje, será amanhã. E eu espero, porque ella nunca faltou a uma promessa! No dia em que receber o seu recado, estarei prompto a ir ter com ella seja onde fôr.»

Leal de Mattos, tremulo de emoção, porém convicto do que lhe cumpria fazer, terminou sua narrativa sem me pedir conselho nem consolo. Tambem lh'os não offereci. Tinhamos vindo a pé até a porta de minha casa. Despedimo-nos com um forte aperto de mão. O dia já nascer. Uma luz diffusa, alaranjada, clareava um pouco a zebrada toalha do mar. Nos morros distantes, havia pinceladas de fogo. Elle pousou antes de partir os olhos claros e profundos na minha face e disse com o seu sorriso de immensa tristeza:

— Em troca da confidencia que somente a ti fiz hoje, peço-te que não penses «como os outros» que sou louco.

Respondi com sinceridade:

— Procuro sempre não pensar «como os outros»...

A historia de Leal de Mattos impedio-me de dormir. Na proxima noite, depois de nove horas, passei pelo Bar Inglês, afim de vêl-o. Disse-me o criado que, por volta de oito horas, uma voz feminina chamara ao telephone o sr. Leal de Mattos. O homem de preto dissera que era elle e fôra falar ao apparelho, alvoroçadamente. Ouvira-o repetir:

— Sim, irei hoje mesmo!

Pagara a despesa e sahira a toda pressa.

Recolhi-me impressionado, decidido a ir procural-o no dia seguinte, em casa. Mas o primeiro jornal que abri ainda na cama contou-me que elle fôra atropelado e morto por um caminhão na rua do Cattete, parecendo que o chauffeur era o unico culpado do desastre...

---

ria que elle me quizesse como mulher...
Veiu o chá. Clara-Lucia serviu-se e serviu a filhinha, que a olhava commovida.
— Vê como sou uma infeliz? — proseguiu. — Tenho tudo e não tenho nada. Não tenho nada, meu amigo! E o mais angustiante é que não posso procurar na rua aquillo que me falta em casa. Não o posso, porque meu marido me adora. E eu só lhe devo gratidão, lealdade, delicadeza e affecto. Pois si elle me

INFORTUNIO

(Continuação)

adora... E, porque me adora, e julga que sou santa, se esquece de que sou mulher e sou de carne... Ahi está por que me considero uma pobre infeliz, que é casada e não tem marido... Uma infeliz, meu amigo!
Findava a tarde penumbrosa. A meia luz do crepusculo cinza começava a mergulhar na sombra do anoitecer. Clara Lucia olhou o pequenino relogio-pulseira que lhe faiscava no pulso, e exclamou:
— Seis horas. A's sete, meu marido costuma chegar para o jantar. Vou correndo para casa. Até amanhã!
— Até amanhã, Clara-Lucia!
Era quasi noite. Noite fria de inverno. Noite melancolica.
Clara-Lucia levantou-se e sahiu levando pelo braço a sua bonequinha loira, que ainda não sabia o que era infelicidade...

MARTINS CAPISTRANO

Lars Hanson da Metro-Goldwyn-Mayer

Cavalheiro ou...

Qual será o seu "papel" na vida?

Stacomb mantem o cabello penteado

No cinema, como na vida real, o cabello cuidadosamente penteado indica o homem prospero, refinado ou culto; desalinhado e revolto, assignala o vencido na vida, o negligente, o bohemio. No primeiro caso STACOMB é indispensavel; no segundo desnecessario.

STACOMB é um crême opalino, subtilmente perfumado, que torna o cabello obediente e submisso. Não é um dos productos que o fazem graxento ou empastado; nem é como a agua que se evapora logo e o deixa quebradiço e sem brilho. Um pouco de STACOMB applicado pela manhã, o mantém alinhado e brilhante todo o dia, conservando-o sedoso e são.

Nas melhores perfumarias e pharmacias, ou remette-se amostra mediante $800 em sellos postaes.

WARNER INTERNATIONAL CORPORATION
Rua Conde de Bomfim, 214 — RIO DE JANEIRO

NATAL!

VICTOR RADIO
Model R-32

Eis chegada a epoca de mimosearmos os entes queridos com uma lembrança nossa — e que lembrança mais delicada e ao mesmo tempo mais duradoura que uma escolhida collecção de

para serem ouvidos no novo

VICTOR-RADIO-ELECTROLA
Model RE-45

Radio Victor

Unicos distribuidores:
PAUL J. CHRISTOPH COMPANY
Ouvidor, 98 — RIO. S. Bento, 35 — S. PAULO.